



Alcides Conejeiro Peres

O Catolicismo Romano
Através dos Tempos

Uma Análise de Sua História e Doutrinas

-E.G.-

Este livro foi digitalizado com o intuito de disponibilizar literaturas edificantes à todos aqueles que não tem condições financeiras ou não tem boas literaturas ao seu alcance.

Muitos se perdem por falta de conhecimento como diz a Bíblia, e às vezes por que muitos cobram muito caro para compartilhar este conhecimento.

Estou disponibilizando esta obra na rede para que você através de um meio de comunicação tão versátil tenha acesso ao mesmo.

Espero que esta obra lhe traga edificação para sua vida espiritual.

Se você gostar deste livro e for abençoado por ele, eu lhe recomendo comprar esta obra impressa para abençoar o autor.

Esta é uma obra voluntária, e caso encontre alguns erros ortográficos e queira nos ajudar nesta obra, faça a correção e nos envie.

Grato

Conselho Editorial da JUERP

que aprovou este livro

Almir Rosa, Cláudio Henrique Morati Mazoni Andrade, Darci Dusílek, Delcyr de Souza Lima, Ebenézer Soares Ferreira, Hiram Rollo Júnior, Isaltino Gomes Coelho Filho, Jean Young, Jilton Moraes, João Martins Ferreira, Joaquim de Paula Rosa, Joelcio Rodrigues Barreto, Josemar de Souza Pinto, Myrtes Mathias, Oswaldo Paião Júnior, Salovi Bernardo, Sebastião Ferreira, Walter Santos Baptista.

Todos os direitos reservados. Copyright © 1994 da Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira.

	Peres, Alcides Conejeiro
P434c	O catolicismo romano através dos tempos: uma análise de sua história e doutrinas/Alcides Conejeiro Peres.Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 146p. 20,5 cm. Inclui bibliografia. 1. Catolicismo — Análise Protestante I. Título. CDD - 280.2

Coordenação Editorial

Josemar de Souza Pinto

Edição de Arte

Nilcéa Pinheiro

Revisão Textual

Alexandre Emílio Pires Luiz Paulo de Lira Moraes Jorge Luiz Luz de Carvalho

Capas

Layout: Irlando Moreira Lopes Arte-final: Queila Mallet

Fotos

- Basílica de São Pedro - Roma
- Igreja de São Sebastião (Carlos Mesquita/AJB)
- Museu Capitolino São Sebastião - Roma (Guido Reni)

Código para pedidos: 274091

Junta de Educação Religiosa e Publicações da

Convenção Batista Brasileira

Caixa Postal 320 — CEP: 20001-970

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcanti — CEP: 21370-360

Rio de Janeiro, RJ — Brasil

3.000/1995

Impresso em gráficas próprias.

Sumário

Prefácio

1. Introdução
2. O Cristianismo
3. Jesus Cristo, Nosso Salvador
4. A Origem do Catolicismo Romano
5. A Estranha Teologia Católica
6. O Papado
7. O Batismo
8. A Virgem Maria
9. O Purgatório
10. A Missa — As Indulgências
11. A Santa Ceia e a Bíblia
12. A Confissão Auricular
13. A Adoração dos Santos e das Imagens
14. O Celibato — A Tonsura
15. As Perseguições — A Inquisição
16. A Bíblia Sagrada ou a Patrística?
17. Um Pouco da História dos Papas
18. O Catolicismo Romano É Prejudicial às Nações
19. Alguns Heróis da Fé e a Reforma Protestante
20. Os Princípios Cristãos do Novo Testamento
21. A Convivência dos Evangélicos com os Católicos

Apêndice

Referências Bibliográficas

Obras do Autor

PREFÁCIO

A literatura evangélica, no passado, foi muitíssimo enriquecida com obras que visavam a combater os erros do romanismo em todos os seus aspectos.

Entre os batistas, surgiram figuras do quilate de Emílio W. Kerr, polemista destemido, que nos legou obras como *Confissão auricular* e outras, que eram o resultado de suas disputas, através da imprensa, com elementos do clero.

O ex-padre Raphael Gióia Martins, que se tornou pastor batista, escreveu vários livros de caráter polêmico, sobressaindo-se *O sacramento da penitência* e *Ceia ou missa?*

Entre nossos missionários, destacamos o Dr. A. R. Crabtree, que além de sua copiosa produção no campo da teologia, ainda achou tempo para polemizar com o temível Padre Júlio Maria.

Entre os presbiterianos, tivemos Eduardo Carlos Pereira, o ínclito gramático que, entre suas grandes obras, nos legou *O problema religioso na América Latina*, obra que não encontrou, na época, quem a refutasse. Depois de mais de dez anos, após a morte do autor, surgiu o Padre Leonel Franca, que estudara em Roma, e se dispôs a refutar a obra. Contradiu-a, mas não a refutou.

Otoniel Mota, vernaculista de grande nomeada, escreveu vários livros de polêmica religiosa, combatendo o Padre Leonel Franca. Ele se ocultava sob o pseudônimo de Frederico Hansen. Em 1933 ele deu a lume as obras *O papado e o Padre Leonel Franca*, *Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca*, *A defesa do Padre Leonel Franca*. Em 1934 publicou *A divinização do papado*.

Em 1931, o professor da Faculdade de Engenharia do Paraná, Dr. Ernesto Luis d'Oliveira, publicou *Roma, a Igreja e o Anticristo*, que era réplica ao livro *A Igreja, a Reforma e a civilização*, de autoria do Padre Leonel Franca.

Em 1936, o Pastor Lysânias de Cerqueira Leite publicava o primeiro volume de seu *Protestantismo e romanismo*, que era uma resposta ao Padre Leonel Franca. O segundo volume desta obra veio a lume em 1938.

Entre os metodistas, cito o Pastor Guaracy Silveira, que foi deputado federal e publicou, em 1943, um alentado trabalho sob o título *Lutero, Loiola e o totalitarismo*.

O ex-padre Hipólito de Oliveira Campos, que se tornou metodista, publicou *Miscelânea religiosa*, que teve muita repercussão na época.

Fiz essas ligeiras referências ao período das polémicas com os católicos para mostrar que, de há muito, Roma (*Roma semper eadem*) cambiou de tática, passando a usar a técnica da blandícia, de convite ao ecumenismo, a fim de procurar esmorecer o fervor evangelístico dos crentes.

Em artigos que publicarei em breve, farei comentários mais pormenorizados sobre o período das polémicas religiosas no Brasil e seus resultados.

Agora, o Pr. Dr. Alcides Conejeiro Peres brinda o público em geral com uma obra de caráter apologético, revivendo, desse modo, aquele período em que os evangélicos não temiam pôr às claras as inovações, aberrações e erros crassos do catolicismo.

O Dr. Conejeiro discute temas que o romanismo tem como intocáveis, tais como: a missa, o purgatório, a confissão auricular, o papado, o celibato e muitos outros, com grande conhecimento de causa, e escorado em boa bibliografia.

O catolicismo romano através dos tempos está fadado a levantar muitas

discussões nos arraiais católicos. O autor tem em mira, principalmente, encorajar o leitor perquiridor a fazer cotejo entre os ensinos bíblicos e o ensino da Igreja Romana.

O Dr. Conejeiro não é nenhum plunitivo. Já escreveu oito obras, sendo que duas delas pertencem ao campo jurídico: *Vocabulário do Código de Processo Penal* e *Manual da prática forense do estagiário*.

O Dr. Conejeiro é membro da Academia Evangélica de Letras do Brasil.

É pessoa qualificada para publicar obra de envergadura como esta.

Saudando o aparecimento de *O catolicismo romano através dos tempos*, faço-o rogando ao Senhor que cumule de muitas bênçãos o seu ministério *scribendi* e que continue gozando o seu *otium cum dignitate*, produzindo obras de grande valor literário.

Ebenézer Soares Ferreira
Reitor do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil

1

Introdução

Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem (...).

(ITimóteo 2.5)

O *Manual da Paróquia*, da Igreja Católica Apostólica Romana, compilado pelo Monsenhor Leovigildo Franca, afirma na página 13: "Fora da Igreja Católica há outras Igrejas falsas, intituladas cristãs, (*sic*) evangélicas, protestantes, cismáticas, que não foram fundadas por Nosso Senhor Jesus Cristo, sendo proibido a todos os cristãos pertencer a elas, assistir aos seus atos de culto ou as favorecer por qualquer modo."

Qual a verdadeira razão por que o catolicismo romano quer proibir às pessoas o conhecimento do cristianismo autêntico, conforme foi ensinado pelo próprio Senhor Jesus Cristo e divulgado pelos apóstolos? Que interesses ocultam-se atrás do cerceamento da verdade? Quais os pontos principais que o catolicismo empenha-se em não revelar ao público?

A resposta é simples. É que a Bíblia é a Palavra de Deus, e ela não endossa os ensinamentos católicos. Estes visam a endeusar o papa e a prestigiar a hierarquia, a fim de tirar proveito em sua ânsia incontida de conquista do poder temporal. Isso remonta há séculos. Sempre foi desejo do bispo de Roma substituir o poder dos imperadores romanos, mesmo à custa de mentiras, sofismas, falsas doações, falsas "decretais",¹ desviando os fiéis do verdadeiro caminho, impedindo a atuação do Espírito Santo e a consequente conversão das pessoas. Eles "(...) se dizem apóstolos e não o são (...)" (Ap 2.2).

Os padres têm uma responsabilidade e tanto diante de Deus. Desvirtuam os Evangelhos, ensinando uma mistura de judaísmo, paganismo e muito pouco de cristianismo. É uma verdadeira aberração. Nos seus ritos, o catolicismo insiste em preservar reminiscências do cerimonialismo judaico: na circuncisão enraíza o seu batismo; nos gestos dos sacerdotes levíticos encontra similares para a administração dos sacramentos; na páscoa dos hebreus e na Ceia do Senhor, vê a sua missa. Purgatório, indulgências, peregrinações, relíquias, velas, círios pascoais, bentinhos, medalhas milagrosas, altares, capelas privilegiadas, sinos batizados, casulos, mitras, hóstias, confessionários, imagens, santos, transubstanciação, celibato, abstinência de alimentos, intercessão de Maria... — nada disso tem apoio bíblico. Pelo contrário, é tudo antibíblico. E está lançado o desafio de uma prova em contrário. E mais: de acordo com as Escrituras, proibir o casamento é doutrina dos demónios.

Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos (...).

(ITm 4.1-3)

Quem proíbe o casamento? Quem ordena a abstinência de alimentos? São ou não são doutrinas demoníacas? Ou a Bíblia é mentirosa ou o catolicismo romano está ensinando doutrinas de demónios! É preferível ficar com os ensinamentos do Senhor

Jesus, registrados na Bíblia Sagrada.

O próprio papado não é bíblico; por conseguinte, é mentiroso, pois se baseia em um fato inexistente. Pedro jamais esteve em Roma, como veremos adiante. O catolicismo é uma entidade mais política do que religiosa e, de acordo com a Palavra de Deus, é mais demoníaco do que santo, como se depreende do texto acima transcrito. Não são palavras nossas, tampouco nos regozijamos nisso; antes nos entristecemos. São palavras do Texto Sagrado, no qual cremos com sinceridade.

Mas outros trechos condenatórios exibem semelhanças estar-recedoras:

Babilónia:²

(...) e Deus lembrou-se da grande Babilónia, para lhe dar o cálice do vinho do furor da sua ira.

(Ap 16.19)

Meretriz:

(...) e vi uma mulher montada numa besta cor de escarlata (...) A mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas (...)E vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus. Quando a vi, maravilhei-me com grande admiração.

(Ap 17.3-6)

(...) de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando--se como Deus.

(2Ts 2.4)

Etimologicamente, religião não é um sistema ou conjunto de doutrinas de moldes preternaturais e de ritos simbólicos. Mas religião é religação, isto é, o ato de ligar de novo. Portanto, se o catolicismo não religa o homem a Deus, o que é o catolicismo? Rui Barbosa, em elogiável prefácio à obra de Janus, *O Papa e o Concílio*,* responde com firmeza:

O catolicismo é a demonstração rigorosamente histórica da natureza íntima e exclusivamente política do papado. Já por aí a seita do pontífice-rei ficava estritamente classificada na sua índole, nos seus desígnios, na sua ação social; ficava evidentemente demonstrado que o romanismo não é uma religião mas uma política, a mais viciosa, a mais sem escrúpulos, a mais funesta de todas as políticas.

O que dizer dos escândalos que temos catalogado nos últimos anos, desvios sexuais que têm preocupado todo o romanismo, que causam à Igreja nos Estados Unidos despesas de milhões de dólares em indenizações, envolvendo nesta década mais de 400 padres por suas taras e depravações?⁴ Mas os verdadeiros cristãos, os seguidores de Jesus, de modo algum agem assim. A finalidade desta obra é mostrar ao leitor interessado que o catolicismo está indicando aos seus fiéis um caminho que de maneira alguma os conduzirá ao céu.

2

O Cristianismo

Como o cervo anseia pelas correntes das águas, assim a minha alma anseia por ti, ó Deus!

Salmo 42.1

"Religião é a vida do homem nas suas relações sobre-humanas, isto é, a vida do homem em relação ao Poder que o criou."5 Neste sentido, o mais exato possível, o cristianismo é o único sistema que pode ser chamado de religião.

Todo homem sensato deve reconhecer a existência de uma Entidade superior que rege todo o Universo, que o fez, que tem o seu destino nas mãos.

Conta-se que Isaac Newton tinha um amigo ateu. Os dois viviam discutindo sobre a criação do mundo, sobre suas leis naturais, e esse amigo, firme em suas convicções, dizia: "Não existe um Deus criador. O mundo é produto do acaso. As suas leis naturais, imutáveis é verdade, foram criadas por acaso."

Com sua paciência de matemático, Newton criou em seu laboratório uma elaborada máquina, movida a manivela, que reproduzia o movimento dos astros. Certa ocasião, mostrou-a ao amigo e pediu--lhe que girasse a manivela. O amigo ficou admiradíssimo com a perfeição do engenho e com seus movimentos sincrônicos. Perguntou estupefato: "Quem fabricou esta maravilhosa máquina?" Newton respondeu: "Ninguém. Aconteceu por acaso."

É preciso reconhecer que a Bíblia é o único livro, o autêntico livro que nos revela esse Deus maravilhoso, como criou o mundo e o homem; conta a história de sua queda no Éden e os meios que são a sua providência para a recuperação do gênero humano; e nos mostra o Elo de ligação entre Deus e o homem: o Senhor Jesus Cristo. "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem (...)" (1Tm 2.5).

O próprio homem sente a ânsia da divindade. Como afirmou Dostoievski (1821-1881), "Todo homem tem dentro de si um vazio do tamanho de Deus".

Como duvidar da Bíblia, que relata os feitos maravilhosos de Jesus? As Escrituras Sagradas apontam para ele desde Génesis até Apocalipse. No Antigo Testamento, quem mais dele se ocupa é o profeta Isaías, por isso chamado de "Profeta Evangélico". No capítulo 53, versículos 4 e 5, o profeta enuncia: "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e carregou com as nossas dores (...) Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões, e esmagado por causa das nossas iniquidades (...)." Em outras palavras, como o homem pecador não tinha dignidade para merecer o perdão de Deus, Jesus simplificou tudo para nós, tomando sobre Si os nossos pecados. Ele morreu por nós em substituição.

Conta-se que na China, antigamente, quando uma pessoa condenada era conduzida à morte, podiam trocá-la por outra. Mediante certa soma em dinheiro, a família da outra pessoa aceitava a troca, e um inocente era executado no lugar do condenado. Jesus foi o nosso substituto voluntário. A única coisa que temos a fazer é aceitar isso como verdade e seguir os conselhos bíblicos: "(...) se com a tua boca confessares a Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Rm 10.9); "Portanto, agora nenhuma condenação há para os

que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). Jesus é, portanto, o único caminho, a única oportunidade que temos de uma perfeita relação com Deus Pai, nosso Criador.

O apóstolo Pedro, quando coagido a renunciar à verdade, foi taxativo diante das autoridades judaicas: "E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos" (At 4.12). O próprio Senhor Jesus já havia ensinado isso quando foi interrogado pelo irrequieto Tomé: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6). É interessante notar que as muitas traduções da Bíblia que conferimos, inclusive a Bíblia das Testemunhas de Jeová, mencionam o verbo *vir*: "(...) ninguém *vem* ao Pai, senão por mim"; a Bíblia católica é a única que usa o verbo *ir*: "(...) ninguém *vai* ao Pai, senão por mim".

Assim, podemos afirmar que o cristianismo não tem mistério. É da maior simplicidade possível. Não há dificuldade ou trabalho, não precisamos tomar nenhuma providência mais grave com relação à salvação, porque *tudo* já foi feito por Jesus. Resta-nos aceitá-lo como *único e suficiente* Salvador. Faça uma experiência. Abra a Bíblia e comece lendo o Novo Testamento. Verá como centenas de vezes Jesus lhe faz convites do tipo: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomar sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas" (Mt 11.28,29).

O nascimento, a vida e a morte de Jesus, bem como seus ensinamentos, estão registrados nos três primeiros Evangelhos, denominados *sinópticos*. Eles foram escritos por dois judeus, Mateus e Marcos, e por Lucas, um médico gentio. Alguns anos mais tarde, estando o apóstolo João ainda vivo, e tendo surgido dúvidas quanto à divindade de Jesus, o evangelista escreveu o quarto Evangelho, que leva o seu nome: Evangelho segundo João. Ele começa dizendo: "No princípio era o Verbo, e o "Verbo estava com Deus. E o Verbo era Deus; Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez" (Jo 1.1-3). Jesus é o Deus encarnado (Jo 1.14), e quanto a isso temos absoluta certeza.

Podemos afirmar que os quatro Evangelhos são os ensinamentos, a teoria, o que é o cristianismo. O livro seguinte, Atos dos Apóstolos, é a prática, o romance, o início do cristianismo.

João, em seu Evangelho, discorre sobre os assuntos mais importantes, e chega a dizer que não pôde escrever tudo sobre Jesus (21.25); no entanto, deixou registrado o suficiente para nos conduzir à salvação. No capítulo 14 está o que consideramos a maior promessa de Jesus: o preparo da nossa morada no céu. Mas em todos os quatro Evangelhos há um destaque de suma importância: *o homem precisa reconhecer que é pecador e arrepender-se de seus pecados*. Depende apenas da vontade humana abrir o coração, pois o resto é obra do Espírito Santo de Deus: "Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas (...)" (Jo 14.26).

Ao aceitar Jesus, por obra do Espírito Santo, o homem sente uma mudança completa em sua vida, em seu modo de pensar e de agir; enfim, torna-se uma nova criatura: "(...) se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2Co 5.17). É a conversão! A conformação com a vida cristã depois da conversão só traz à pessoa motivos de alegria, uma alegria diferente, que emana do espírito, indescritível. E esse é o desejo de Jesus, a razão única de sua morte dolorosa na cruz. Por isso, para nos causar esse bem incomparável, e ainda a promessa de vida eterna, é que ele nos chama com insistência, centenas de vezes. De acordo com a Bíblia, "(...) haverá maior alegria no céu por um pecador que se arrepende (...)" (Lc 15.7).

Em fins do século I, Jesus apareceu ao apóstolo João na Ilha de Patmos e ditou-lhe o que está escrito no último livro, o Apocalipse. Nesse livro ele insiste em que o aceitemos: "Eis que estou à porta, e bato; se algaém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em »a casa e costeie cearei e ele comigo" (Ap 3.20). Também no Apocalipse, Jesus descreve o lugar que ele nos foi preparar para passarmos a eternidade ao seu lado. Está registrado no capítulo 22.

Há ainda um assunto de suma importância. É uma promessa que só encontramos no cristianismo e mencionada na Bíblia: os que aceitam Jesus única e exclusivamente se tornam filhos de Deus. Eis o que dizem, entre outros, os apóstolos João e Pedro: "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus(..)" (1Jo 3.1); "(...) ele nos tem dado as suas preciosas e grandíssimas promessas, para que por elas vos torneis participantes da natureza divina (...)" (2Pe 1.4); e ainda: "Mas, a todos quantos o receberam, aos que crêem no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1.12).

Portanto, é um erro afirmar: "Também sou filho de Deus." Na verdade, todos são criaturas de Deus; porém, só se tornam filhos quando aceitam Jesus como Salvador.

3

Jesus Cristo, Nosso Salvador

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Mateus 3.7

Jesus é denominado Filho de Deus em todos os quatro Evangelhos: ele é tanto o centro da história do mundo como da doutrina da Bíblia. Ele é chamado de Alfa e Ômega, Amigo dos Publicanos, o Bem-Amado, o Autor e Consumador da Nossa Fé, o Autor da Salvação, o Autor da Vida, o Bom Companheiro, o Cordeiro de Deus, Cristo Nosso Senhor, e de centenas de outros nomes. Em Isaías 9.6, é denominado "Deus Forte"; em Hebreus 2.10, "Autor da Salvação"; em ICorintios 11.3, "Cabeça de TbdHomem"; em João 14.6, "o caminho, e a verdade, e a vida". Mas o profeta Isaías, chamado de "o profeta evangélico", tal a ênfase que dá à pessoa do Senhor Jesus, por volta do ano 700 antes de Cristo escreveu detalhes, minúcias sobre ele, sua divindade, a finalidade de sua vinda ao mundo. No capítulo 49, começa dizendo: "Ouvi-me, ilhas, e escutai vós, povos de longe: O Senhor chàmou-me desde o ventre, desde as entranhas de minha mãe fez menção do meu nome (...)." A partir do capítulo 53, explica o seu sacrifício e morte em substituição pelos nossos pecados. Contudo, alguns séculos antes de Isaías, os Salmos 2, 8, 16 e muitos outros clamavam pela vinda do Messias. Deve-se dar relevo ao Salmo 22, que prenuncia as palavras que ele próprio diria ao ser crucificado: "Deus meu. Deus meu, por que me desamparaste? (...) Todos os que me vêem zombam de mim, arregaçam os beiços e meneiam a cabeça, dizendo: Confiou no Senhor; que ele o livre (...) Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançam sortes (...)", fatos esses narrados em Mateus 27, versículo 35 e seguintes; Marcos 15, versículo 24 e seguintes; Lucas 23, versículo 35 e seguintes; e João 19, versículo 19 e seguintes.

Quanto à sua divindade, a Bíblia também não deixa a menor dúvida. Quando Deus apareceu a Moisés no deserto, ordenando--lhe que retirasse o povo do Egito, Moisés ficou perplexo. Depois de receber as ordens, questionou com Deus o sucesso de sua missão, perguntando, a partir de Êxodo 3.11:

(...) Quem sou eu, para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel? Respondeu-lhe Deus: Certamente eu serei contigo; e isto te será por sinal de que eu te enviei: Quando houveres tirado do Egito o meu povo, servireis a Deus neste monte. Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Respondeu Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós.

(Ex 3.11-14)

Na sua vinda, no seu ministério na Palestina, Jesus usou a mesma expressão ao falar aos judeus, quando lhe perguntaram admirados, diante dos milagres e maravilhas que praticava:

Porventura és tu maior do que nosso Pai Abraão, que morreu? Também os profetas morreram; quem pretendes tu ser? Respondeu Jesus: (...) Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia; viu-o, e alegrou-se. Disseram-lhe, pois, os judeus: Ainda não tens cinquenta anos, e viste Abraão? Respondeu-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão existisse, eu sou.

(Jo 8.53-58)

Jesus repete a mesma expressão pelo menos nove vezes, a partir de 5.18 do Evangelho de João.

O Antigo Testamento também está repleto do mesmo tratamento por Davi, Isaías, Jeremias... O motivo principal das Escrituras é sempre Jesus. Ele é o Messias, o Prometido, o Emanuel.

Tomé, uma figura das mais populares até hoje, aquele que só acreditaria vendo, viu e convenceu-se. Eis como aconteceu:

Diziam-lhe, pois, os outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes respondeu: Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, e não meter o dedo no lugar dos cravos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei. Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: Paz seja convosco. Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu e Deus meu!

(Jo 20.25-28)

Em Apocalipse, a expressão Alfa e Ômega (que são a primeira e a última letras do alfabeto grego) significa o princípio e o fim; Eu sou aquele que é eterno, conforme o mesmo Apocalipse 1.8; 21.6; 22.13. E, encerrando, basta citar João 14.6: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim". Cumpre notar que Jesus disse: ninguém *vem* ao Pai, e não: ninguém *vai* ao Pai. Ir a ele é o mesmo que ir ao Pai. Mas, nesse capítulo de João há um apóstolo insistente. Ele pede a Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Respondeu-lhe Jesus: Há tanto tempo que estou convosco, e ainda não me conheces, Filipe? Quem me viu a mim, viu o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai?" (Jo 14.8,9).

A divindade de Jesus é um assunto sobre o qual não paira a menor dúvida entre os cristãos sinceros. É bom que se saiba que todo o Evangelho de João foi escrito justamente para isto: para dirimir dúvidas surgidas em fins do século I quanto à *divindade de Jesus*. É evidente que ele foi bem-sucedido em sua missão.

4

A Origem do Catolicismo Romano

Mas houve também entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

2Pedro 2.1

Nos primeiros tempos da Igreja de Jesus, surgiu o grupo dos judaizantes, crentes de origem judaica. Eles não concordavam com a simplicidade e facilidade para obtenção da salvação e queriam exigir que todo aquele que quisesse aceitar o evangelho devesse, antes, tornar-se judeu. Esta foi a primeira dificuldade com que se depararam os apóstolos. Então estes marcaram uma reunião em Jerusalém, a fim de deliberar sobre a questão. Estiveram presentes alguns discípulos de Jesus, com destaque para Pedro e Tiago, e também os missionários que trouxeram a má notícia dos lugares por onde tinham passado. Tiago, o pastor da primeira igreja local, tomou a palavra e presidiu a reunião. Decidiram por votação enviar cartas de esclarecimento: "Mas cremos que somos salvos pela graça do Senhor Jesus, do mesmo modo que eles também. (...) Por isso, julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue" (At 15.11,19,20).

Depois, os crentes começaram a ser perseguidos. Primeiro pelas autoridades judaicas. Houve proibições, prisões e mortes. Muitos tiveram de fugir de Jerusalém, e assim iam levando as mensagens do evangelho em suas pregações por onde passavam.

Cláudio, o quarto imperador romano, expulsou os judeus que residiam em Roma, e como no princípio não havia muita distinção entre judeus e cristãos, estes também foram expulsos (Atos 18.2).

Quase todos os imperadores romanos impuseram terríveis perseguições aos crentes. Não obstante, as congregações proliferavam, seu número multiplicava-se grandemente.

Em meados do século III, houve o primeiro rompimento sério entre os cristãos, decorrente da introdução do batismo de crianças. O incidente foi denominado "desfraternização", e depois disso nunca mais houve unidade entre eles. O grupo que queria manter a pureza dos ensinamentos não aderiu à novidade. Contudo, toleravam-se mutuamente, por serem vítimas dos mesmos algozes, os imperadores romanos.

Em 313 já era grande a distância que os separava, e, como era de esperar, os judaizantes, que jamais cederam em suas malévolas intenções, aproveitaram-se da oportunidade de discórdia. Por essa época, o Imperador Constantino estava em guerra contra Maxêncio e aproveitou o ensejo para engrossar as fileiras de seu exército propondo, primeiro, um ato de tolerância e, depois, acenando com promessas mais tentadoras, como cargos públicos e até a aliança Estado-Igreja. Astuto, o general disse que viu uma cruz no céu com a inscrição "*In hoc signo vinces*" ("Com este sinal vencerás").

É de supor a alegria de alguns crentes nominais ao saberem que não seriam mais perseguidos, que poderiam galgar cargos públicos, que seriam chamados de amigos do imperador. Ainda estavam vivas na memória daquele povo as lembranças das atro-

idades de Nero, aproximadamente desde o suplício do apóstolo Paulo, e tais lembranças continuaram vívidas através dos séculos. Aos cristãos atribuíam-se quaisquer calamidades, por mais insignificantes que fossem. Eram motivo de suspeita popular, denunciados, transformados em objeto de ódio, lançados às feras, crucificados, queimados vivos, cobertos com peles de animais e lançados na arena para serem despedaçados pelos cães. Muitos, não resistindo aos sofrimentos, denunciavam os irmãos, que eram em seguida presos e supliciados. Disso resultou um grande número de crentes fiéis. Mesmo sob as mais terríveis perseguições, mantinham-se incontaminados pelo mundo. Mas, cessadas as perseguições, houve um enfraquecimento espiritual, o que facilitou o entrosamento dos cristãos daquela época com o paganismo; por fim, os judaizantes sobrepujaram-se aos irmãos.

O Estado pagão nunca exigiu de seus súditos obediência à religião oficial. Portanto, para os pagãos, tanto fazia permanecer no paganismo como no cristianismo. A conversão é uma questão de foro íntimo. Todo um império não se poderia converter por uma decisão política. Assim, com o ato de tolerância de Constantino, as igrejas encheram-se de ímpios. Eram cristãos nominais. Cristãos porque o Estado o era, mas continuaram com os seus ídolos, seus costumes, suas cerimônias pagãs. A Igreja de Jesus encheu-se de idolatria, doutrinas errôneas, ritos e superstições. A religião cristã tornou-se corrupta, e a Igreja perdeu a sua pureza. "Sempre tem havido duas classes entre os que professam ser seguidores de Cristo. Enquanto uma estuda a vida de seu Salvador e se esforça por viver uma vida digna, a fim de conformar-se com o seu Modelo, a outra evita claramente a boa prática e não se incomoda com o erro."s Os da primeira classe, naturalmente, não aderiram às benesses de Constantino, e por isso foram marginalizados; os da outra classe, aproveitando-se da situação, tornaram-se, com o tempo, ferrenhos inimigos e perseguidores dos fiéis, como se verá adiante.

Constantino era um visionário, um sanguinário. Quando pensou em mudar a capital do império para Bizâncio, espalhou o boato de que tinha sido ordenado, num sonho, a "transformar a matrona decrépita numa rapariga na flor de sua beleza", no intuito de valorizar a nova cidade;? quando precisou de reforço para a guerra contra Maxêncio e Licínio, disse ter visto no céu a cruz do cristianismo vencedor.⁸ Com o Edito de Milão, em 313, deu liberdade de culto e, como autoridade máxima, passou a ser o chefe da Igreja. Era costume entre os pagãos que o imperador fosse o sumo pontífice. Todos os imperadores pagãos, desde Júlio César, recebiam esse título, mais tarde transferido para o papa.

Roma era considerada a capital do politeísmo, pois, desde a sua fundação, tinha acolhido uma série de tradições pagãs que a prendiam não só às vitórias das armas, mas também ao orgulho de seus dias de esplendor. De todas as partes do mundo vinham pessoas impregnadas de suas tradições pagãs. Como poderia o catolicismo medrar, engrossando suas fileiras com pessoas dessa classe, não convertidas, sob a direção de um chefe poderoso, sanguinário e não convertido? Aconteceu o que seria natural: com as vantagens materiais, começaram as bajulações. Sacerdotes do culto pagão, sem a unção do Espírito Santo, passaram a exercer o ministério cristão. Templos pagãos eram usados para o "culto cristão". Diz-se até que a estátua de São Pedro que hoje se venera no Vaticano é a de Júpiter Tonante.⁹

Um dia, ao ouvir um sacerdote bajulador, "num desses panegíricos ditados aos literatos pela pusilanimidade e tolerado pela imprudência dos imperadores, pregar que Constantino, depois de ter dominado gloriosamente sobre os homens, subiria ao céu para reinar ao lado do Filho de Deus, interrompeu-o, exclamando: 'Deixa--te de lisonjas intempestivas; não tenho necessidade de teus elogios, mas sim de tuas orações'".¹⁰

Conformado à doutrina que tinha abraçado, derogou a lei contra o celibato,

isentou o clero de todos os serviços públicos e de todo emprego oneroso, restringiu a faculdade de se divorciar. Por essa ocasião nasce o catolicismo, do grego *katholikós*, termo até então aplicado ao cristianismo e que significa "universal", como o era o Império Romano. Foi com o Concílio de Nicéia de 325 que surgiu o catolicismo romano, com as mazelas do paganismo. O sumo pontífice, então, como já dito, não era o papa, e sim o próprio imperador.

(...) Ao passo que o espírito da legislação civil se fazia cristão, a administração do império permanecia pagã. Como dantes, o soberano, identificado com o Estado, continuou a possuir uma autoridade sem limites que assegurava os seus vícios de uma imensa influência; os maus costumes não deixaram de reinar na corte, teatro de intrigas (...) as crenças evangélicas foram adulteradas pelo despotismo dos teólogos coroados."

Quanto às leis penais, o rapto foi punido por Constantino com extremo rigor: o culpado devia ser queimado vivo ou esquartejado no anfiteatro; se a vítima declarasse ter consentido no rapto, também era submetida ao suplício; os escravos convencidos de cumplicidade eram queimados vivos ou se lhes deitava chumbo derretido pela garganta, e nenhum crime prescrevia pelo decurso do tempo. Os efeitos ainda recaíam sobre a descendência do culpado. A formação militar e o temperamento do imperador levaram-no a atos de crueldade e de avareza, cujos efeitos o cristianismo nele não conseguiu desviar. Com essa impetuosidade, convocou e presidiu o Concílio de Nicéia. Em vez de volverem à pureza do evangelho, da suficiência dos méritos de Cristo para a salvação da humanidade, 318 eclesiásticos discutiram durante dois meses sobre se Cristo é da mesma substância que o Pai ou se é de substância apenas semelhante.¹² É escusado dizer que os crentes que primavam pela pureza do evangelho não compareceram a esse concílio.

Quão distantes já estavam esses legalistas judaizantes, pagãos e pseudocristãos das Sagradas Escrituras! Quão distantes estavam de Jesus! Frise-se que o Concílio de 325 foi convocado, presidido e teve suas resoluções impostas pelo imperador porque este temia uma cisão nessa seita, o que, segundo ele, poria em perigo a unidade do império, e essa unidade tinha de ser mantida à força.

Em 326, um ano depois do concílio, Constantino vai a Roma para celebrar o vigésimo ano de seu reinado. Por intriga palaciana, manda prender seu filho Crispo, que é logo julgado, condenado e morto pelo próprio pai; matou também o filho de Licínio. Helena, mãe do imperador e avó de Crispo (a Santa Helena da Igreja Católica), profundamente abalada pela morte do neto, revela ao imperador a intriga da madrasta Fausta e diz que ela manteve um romance com alguém, no palácio, na ausência do imperador; o marido traído manda afogar a mulher num banho quente. "Esses fatos, referidos por diversos escritores, não são apoiados por suficientes provas, conquanto pareça que Constantino tirasse partido deles para mandar matar diversos personagens, mesmo entre os seus amigos."¹³

Era essa a situação no início do século IV; esse era o chefe de Estado que acabava de assumir o comando da Igreja. Com tal estado de coisas, com a enxurrada de pagãos, com o poder do fari-saísmo dos judaizantes, com os interesses mundanos em disputa, só se poderia esperar um cristianismo tão irresponsável nos cuidados com a salvação das almas e tão interessado nas glórias mundanas, como o catolicismo romano que sobreviveu.

Depois do Concílio de Nicéia de 325, Teodósio convocou o segundo, em 381, em Constantinopla; o terceiro foi convocado por Teodósio II e por Valentiniano III, em

Éfeso; o quarto reuniu--se na Calcedônia, convocado por Marciano em 451. Leão I era o bispo de Roma nessa ocasião e é considerado o primeiro papa; o quinto concílio foi convocado por Justiniano e realizado em Constantinopla, pela segunda vez, em 553; o sexto foi também convocado para Constantinopla por Constantino IV, no ano de 680, para condenar heresias. Durante esse concílio, o Papa Honório foi deposto e excomungado (ainda não existia a infalibilidade do papa), e estiveram presentes 174 conciliares; o sétimo foi convocado para se reunir também em Nicéia, em 787, pela Imperatriz Irene, quando o Papa Adriano I oficializou o culto das imagens, e reuniu 300 bispos; o oitavo e último dos concílios convocados por imperadores reuniu-se mais uma vez em Constantinopla, em 869, por determinação de Basílio I. Só nessa data foi reconhecida a primazia do bispo de Roma sobre os demais; os bispos do Oriente não concordaram com isso, o que ocasionou a grande separação, 418 anos depois de Leão I.^{14 15} Foi o último dos "Concílios do Oriente".

A hierarquia, a Igreja Católica Romana como a conhecemos hoje, é o resultado de um processo lento de modificações a partir dos primeiros dias da Igreja primitiva.

Durante os três primeiros séculos, as congregações espalhadas no Oriente funcionavam em corpos independentes e separadas, sem subvenção por parte do governo e, conseqüentemente, sem qualquer intervenção do poder secular, da Igreja sobre o Estado ou vice-versa. Em todo este tempo as igrejas batizavam e, segundo o testemunho dos Pais dos primeiros quatro séculos, até Gerônimo (370 AD), na

Grécia, Síria, África, é mencionado um grande número de batismos de adultos, sem a apresentação de ao menos um batismo infantil.¹⁶

As igrejas locais multiplicavam-se muito rápido, umas mais do que as outras, é verdade, mas todas cresciam. Havia a de Jerusalém, a de Éfeso, a de Corinto... Jerusalém foi durante séculos conhecida como a "Igreja-Mãe" e tinha muitos milhares de membros. "De sorte que foram batizados os que receberam a sua palavra; e naquele dia se agregaram quase três mil almas" (At 2.41).

A leitura do livro de Atos dos Apóstolos deixa claro que a grande preocupação do apóstolo Paulo era manter as igrejas fiéis ao Novo Testamento. Ele escreveu aos coríntios, aos gálatas etc, sempre procurando doutrinar e corrigir possíveis erros. Disse:"(...) não me esquivei de vos anunciar todo o conselho de Deus. Cuidai pois de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constitui bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele adquiriu com seu próprio sangue" (At 20.27,28). Ou, então, o apóstolo Pedro: "Mas houve também entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá falsos mestres, os quais introduzirão encobertamente heresias destruidoras, negando até o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição" (2Pe 2.1,2).

Na verdade, essas igrejas tinham muitos pastores (bispos) e pregadores, e alguns deles começaram a usar de uma autoridade que não lhes fora dada no Novo Testamento. Um deles é mencionado pelo apóstolo João: "Escrevi alguma coisa à igreja; mas Diótrefes, que gosta de ter entre eles a primazia, não nos recebe (...) proferindo contra nós palavras maliciosas" (3Jo 9,10).

Com os eventos do princípio do século IV, os judaizantes tiveram a oportunidade de lançar mão do cerimonialismo judaico, e a Igreja Católica, com seus paramentos, é prova de que foram introduzidos assim; depois, como a Bíblia dá grande ênfase ao batismo, atribuíram-lhe o poder de regeneração. Ora, se o batismo foi considerado um meio de salvação, quanto mais depressa ele fosse ministrado, tanto melhor seria. Foi mais um passo para o batismo de crianças e para se continuar

enchendo as igrejas de não-crentes.

Vimos então que os três primeiros grandes desvios foram a função do bispo na Igreja, a regeneração pelo batismo e o batismo de crianças.

O batismo, com absoluta certeza, foi o maior motivo para perseguições e derramamento de sangue em toda a história do cristianismo. "Mais de 50 milhões de pessoas sofreram o martírio, principalmente por causa da rejeição da regeneração batismal e do batismo infantil, no período da 'idade das trevas' portanto 12 ou 13 séculos."¹⁷

Quanto à supremacia do bispo de Roma sobre os demais, ela na verdade jamais foi aceita pela Igreja do Oriente, tanto que em 869 aconteceu o "grande cisma".

*Os decretos do 8º Concílio Ecuménico, congregado, em 869, na capital do Oriente, evidenciam com inelutável segurança que, ainda vinte e quatro anos depois de forjado o pseudo--Isidoro, não tinha prevalecido no mundo cristão a infalibilidade pontifícia. Dos cânones 13, 17, 21 e 26 vê-se que o último concílio geral do Oriente continuava a dividir a Igreja entre as cinco grandes sés de Roma, Bizâncio, Alexandria, Antioquia e Jerusalém.*¹⁸

Nesse oitavo e último dos concílios convocados por imperadores, sendo bispo de Roma Adriano II, "foi reconhecida a primazia de Roma sobre as demais igrejas".¹⁹

5

A Estranha Teologia Católica

Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

Mateus 15.9

Os imperadores romanos convocaram e presidiram os oito primeiros concílios, chamados "Concílios do Oriente", e os homens, fora do alcance do poder de Deus e de seu Espírito, contrariando todos os princípios evangélicos, em seu desvario, sem a oposição dos crentes fiéis e com o apoio do Estado, introduziram ou oficializaram "doutrinas que são preceitos de homens", como em sua Onisciência antevira Jesus, quando afirmou: "Hipócritas! bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios; o seu coração, porém, está longe de mim" (Mt 15.7,8).

A Igreja de Jesus perde mais uma batalha na marcha do paganismo com a oficialização da união Igreja-Estado.

O sínodo reunido em Constantinopla (381) sob Teodósio, para desfechar no arianismo o golpe de misericórdia, não é menos digno de nota. Era o segundo concílio geral. Convocado pelo imperador e presidido pelos bispos que ele nomeava, esse concílio, que foi, quase do princípio ao fim, um tempestuoso pronunciamento contra as tendências usurpadoras do "papa" Dâmaso, igualou à metrópole de Roma a de Constantinopla, Alexandria, Antioquia, Éfeso e Cesaréia, elevou em privilégio a capital do Oriente à altura do metropolitano italiano, que não protestou. E, posto fosse o segundo sínodo geral, posto nele se tivesse completado o símbolo niceno com o dogma do Espírito Santo, não teve o bispo de Roma naquela assembleia nem um representante sequer.²⁰

Um dos primeiros erros foi o surgimento da hierarquia, conforme discutido. Em Atos 15, também vimos os apóstolos às voltas com a solução de um problema que só surgiu na Igreja por culpa de crentes fora do alcance do Espírito Santo, quando queriam soluções humanas para problemas espirituais. Na reunião de Atos 15, revela-se que a igreja, a congregação de crentes, agia democraticamente, pois todos tiveram direito de opinar, e por votação resolveu-se o assunto: "Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos com toda a igreja (...)" (At 15.22). No entanto, a Igreja passou da democracia à ditadura papal, e hoje o papa "infalível" não pode admitir contestação. *Roma locuta est, causa finita est* ("Roma falou, está falado".)

A segunda introdução, como já vimos, foi a regeneração pelo batismo e o batismo de crianças, que se tornou obrigatório em 416. Isso estabelecido por lei, dois princípios do Novo Testamento foram quebrados: o do batismo dos crentes e o da obediência voluntária ao batismo. Assim, a Igreja desviada logo se foi enchendo de membros inconversos. Não se passaram muitos anos até que fosse quase totalmente composta de incrédulos.

Resultou daí que os costumes dos cristãos se corromperam, e que, na nova religião, a sociedade conservou seus antigos vícios. As heresias, que até ali não tinham sido mais do que disputas de escola, tomaram um caráter mais sério, a ponto de lançarem a desordem na ordem pública.²¹

Os crentes verdadeiros, aqueles que procuravam seguir à risca os preceitos bíblicos, não aceitavam em suas congregações a filiação de pessoas oriundas da igreja desviada. Os que se convertiam eram novamente batizados conforme ensina a Bíblia: "Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado" (Mc 16.16). Outrossim, o nome de cristão era negado aos membros das igrejas que rebatizavam — eram considerados, e chamados, "hereges".

É fácil imaginar as perseguições que sofreram daí para a frente. Digno de nota é o fato de que as perseguições, agora, não partiam dos imperadores romanos, pagãos, por instigação dos pagãos, e sim daqueles que se diziam "cristãos" e seguiam doutrinas espúrias. Estas gozavam o privilégio de ser a "Igreja do Estado", a "Igreja Oficial".

No Concílio de Calcedônia, em 451, foi promulgada a doutrina que ficou conhecida depois como "mariolatria". No princípio, mesmo entre os que se diziam "cristãos", a nova doutrina criou sérias objeções e grandes tumultos, mas depois foi aceita por toda a Igreja Católica.²²

Outras doutrinas foram surgindo com o passar do tempo, mas nenhuma delas tinha por objetivo o retorno à pureza dos Evangelhos. Um erro sempre provoca outro erro, maior. Nesse caso não vale a boa intenção. Com o batismo de crianças, as igrejas iam enchendo-se de incrédulos, como ainda acontece em nossos dias.

Pergunte-se ao povo, ao homem da rua, aos viciados, aos depravados, aos ladrões, aos condenados por crime hediondo, aos homicidas, aos estupradores, enfim, a todo tipo de desviados, às pessoas mais honestas e puras ou ao mais depravado dos seres humanos sobre a religião que adotam. A maioria responderá: "Sou católico." Não têm responsabilidade com o testemunho, não se importam com o zelo da Igreja, não contribuem para o engrandecimento do reino de Deus, não se importam com o homem pecador, não cuidam dos benefícios que o ensino dos Evangelhos trará a este mundo tão conturbado. Quão maravilhoso seria se os que se dizem "cristãos" o fossem de fato!...

Os evangélicos costumam admitir como membros em suas igrejas só os que assumem compromisso de levar uma vida nos moldes dos ensinamentos de Jesus. Admissão pelo batismo, e batismo por imersão, como Jesus foi batizado no rio Jordão. As igrejas evangélicas não descuidam dos seus membros. Não tolem seus membros da liberdade de fazerem o que quiserem. Essa é a dotação de Deus para toda pessoa humana. Porém, está sempre atenta. Se um congregado praticar algo incompatível com os princípios evangélicos, será advertido, aconselhado, tentar-se-á a sua recuperação. Em caso extremo, será excluído de entre os membros.

Isso não significa que sua igreja o tenha como inimigo (2Tm 3.15). Ele jamais será tratado como um inimigo! Contudo, só poderá ser reintegrado à congregação se se arrepender dos seus erros, mas nesse caso não será novamente batizado. Haverá apenas reintegração. São preceitos bíblicos (Mt 18.17,18). Jesus ensinou que o testemunho do crente tem muito valor: "Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar" (Mt 18.6).

Foi fácil para a Igreja Oficial legislar, modificar, ab-rogar, transformar os ensinamentos do Novo Testamento ao seu bel-prazer. Indulgências, purgatório, celibato, adoração dos santos, tonsura, "hóstia, penitência, abstenção de alimentos, confessionário... um sem-número de coisas que Jesus não ensinou e muitas que a Bíblia frontalmente condena.

No capítulo 15, veremos como foram duramente perseguidos os que, por uma questão de responsabilidade, não se submeteram a tais modificações, sobretudo depois que se passou a ensinar que "fora da Igreja Católica" não há salvação. Houve até uma "Cruzada" de Inocêncio III contra os albigenses.²³

6 O Papado

(...jaquele que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus.

2Tessalonicenses 2.4

O papado é outra instituição católica que se assenta sobre dois grandes equívocos: o primeiro é que o apóstolo Pedro nunca esteve em Roma, nunca foi papa, e se o foi, era um papa que não se conformava com o catolicismo, pois era casado. Num dos seus primeiros milagres, Jesus curou-lhe a sogra: "A sogra de Simão estava de cama com febre, e logo lhe falaram a respeito dela. Então Jesus, chegando-se e tomando-a pela mão, a levantou; e a febre a deixou, e ela os servia" (Mc 1.30,31); o segundo equívoco é que até o ano de 451 (até Leão I) não havia um bispo romano chefe do catolicismo. Podia ser até que eles fossem chefes das igrejas locais, o que em si seria um erro; porém, só 300 anos mais tarde é que ficaram conhecidos como chefes católicos no sentido em que os conhecemos hoje em dia.

Roma baseia-se em alguns textos bíblicos para apoiar a instituição do papado, textos esses que nada provam, como veremos:

1. *A pedra*, o fundamento. Pedro diz que a Pedra é Cristo: "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta como pedra angular" (At 4.11); "(...) e, chegando-vos para ele, pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas, para com Deus eleita e preciosa" (IPe 2.4).

2. Quanto às chaves que Pedro recebeu, elas apenas representam a oportunidade de apontar às pessoas o caminho da salvação, abrindo-lhes as portas da fé: aos judeus, como no dia de Pentecostes (At 2.1-14), e aos gentios (At 14.27). Houve um diálogo entre Jesus e Pedro:

(...) Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue quem to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do bades não prevalecerão contra ela; dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares, pois, na terra será ligado nos céus; e o que desligares na terra será desligado nos céus.

(Mt 16.17-19) .

Pedro sempre estivera consciente de que a Pedra era Jesus Cristo; ele disse então: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." Tinha sido essa a confissão de Pedro. Jesus respondeu: "Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra [a pedra da confissão de Pedro] edificarei a minha igreja." Não podemos entender de outro modo, uma vez que essas prerrogativas, dadas por Jesus a Pedro, foram de igual modo concedidas a João e aos outros apóstolos: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, são-lhes perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, são-lhe retidos" (Jo 20.23). Seria mais sensato, mais coerente pensar que são prerrogativas das igrejas constituídas nos moldes dos seus ensinamentos:

Ora, se teu irmão pecar, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, terá

ganho teu irmão; mas se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda palavra seja confirmada. Se recusar ouvi-los, dize-o à igreja; e, se também recusar ouvir a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo: Tudo quanto ligardes na terra será ligado no céu; e tudo qm n to desligardes na terra será desligado no céu.

(Mt 18.15-18)

Deduz-se daí que Jesus não deu pessoalmente a um bispo, pastor, padre ou a qualquer outra pessoa o poder de ligar e desligar, mas sim à Igreja; a Sua Igreja tem esse poder.

3. Deve-se considerar, ainda, que, se Jesus falou com Pedro, se falou o mesmo com João e com todos os demais apóstolos, e por fim falou à Igreja, não havia hierarquia como a da Igreja Católica. As igrejas evangélicas que conhecemos têm um pastor, que é o pregador, o conselheiro espiritual, o orientador, o presidente das organizações internas da igreja, o ministrador da Ceia do Senhor e do Batismo, mas não é o chefe da Igreja. Esta, no entanto, não é acéfala: o Chefe é o cabeça, Jesus. A Igreja é o Corpo. As decisões são tomadas em assembléia, pelo voto, sob a orientação do Espírito Santo. Jesus é “o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre” (Ap 3.7).

4. Há ainda um fato importante a enfatizar: Pedro era humilde e pobre, não tinha ouro nem prata (At 3.6). E mais: o episódio envolvendo a conversão do centurião Cornélia Os judeus da Igreja primitiva pensavam que o Evangelho da Graça era somente para eles. Pedro se incluía nesse número, mas as portas da salvação foram abertas de modo explícito também para os gentios, e Deus escolheu um capitão romano, o centurião Cornélio, reconhecidamente um homem bom, espiritual, que orava e dava esmolas, mas que não tinha salvação, pois esta só se consegue por intermédio de Jesus, e não pelas obras: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé: e isto não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8,9). Cornélio precisava de Jesus, e o caminho foi-lhe apontado por meio de Pedro. Este recebeu pelo Espírito Santo a mensagem para ir ao seu encontro, e o centurião foi ao seu encontro também. "Quando Pedro ia entrar, veio-lhe Cornélio ao encontro e, prostrando-se a seus pés, o adorou. Mas Pedro o ergueu, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem" (At. 10.25,26). (Que diferença entre esse "primeiro papa" e Inocêncio III!...)

Os papas exageram em seus próprios méritos, e até mesmo os padres se fazem chamar de "reverendos". Veja o ensinamento de Jesus sobre o valor do homem: “Não será assim entre vós; antes qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva” (Mt 20.26).

5. Se de fato Pedro foi o primeiro papa, com certeza não o sabia. Quando surgiu a heresia dos judaizantes e se instituiu o primeiro concílio em Jerusalém, ele estava em pé de igualdade com os demais apóstolos, e a reunião foi presidida por Tiago, que foi o primeiro pastor da primeira igreja evangélica do mundo: a igreja em Jerusalém. Outro detalhe: como Pedro não tivesse procedido bem, no caso dos gentios, foi ele certa vez repreendido por Paulo, o apóstolo extemporâneo: "Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível. Pois antes de chegarem alguns da parte de Tiago, ele comia com os gentios; mas quando eles chegaram, se foi retirando, e se apartava deles, temendo os que eram da circuncisão" (Gl 2.11,12).

6. Também podemos afirmar, com base em documentos, que Pedro jamais esteve em Roma. Ensina a tradição católica que Pedro foi bispo em Antioquia por sete anos, obtendo depois disso o bispado de Roma, onde esteve por vinte e cinco-anos, sofrendo o martírio no mesmo dia em que Paulo o sofrera, no ano 67 da Era Cristã.

Segundo essa teoria, Pedro foi o primeiro papa desde o ano 42, até a sua morte em 67 — portanto, durante 25 anos. Mas a conversão de Paulo aconteceu no ano 35, e ele mesmo diz ter estado 14 anos depois em Jerusalém, onde se encontrou com Pedro (Gl 2.1). Jerusalém seria então a sede do papado, e não Roma, e quando Paulo regressou a Jerusalém, foi para dizer que tinha a responsabilidade de evangelização dos gentios (Gl 2.7). E ainda: Paulo escreveu a Epístola aos Romanos em 57, conforme mencionado na explicação de introdução a essa carta na Bíblia Católica, tradução do padre Matos Soares. Pelos cálculos católicos, Pedro seria papa em Roma havia 15 anos. No fim da epístola, Paulo menciona o nome de 26 pessoas suas conhecidas, com ele relacionadas, e não faz nenhuma referência a Pedro.

No ano 60 (três anos mais tarde) Paulo chega preso a Roma (At 24.27) e muitos irmãos vão recebê-lo, mas ainda não se menciona o nome de Pedro, que, "sendo papa", deveria ser conhecido pelos cristãos que lá estavam (At 28.11-17). Paulo alugara uma casa em Roma e não procurara Pedro, "p primeiro papa". É porque Pedro não estava lá. A Bíblia diz que Paulo estivera ali por dois anos (At 28.30). Nesse período, escreve várias cartas aos crentes, nas quais envia saudações de muitos irmãos sem jamais citar o nome de Pedro, ou do bispo que existisse em Roma. Quando escreveu aos colossenses, citou o nome de diversos irmãos e acrescentou: "(...) sendo unicamente estes, dentre a circuncisão, os meus cooperadores no reino de Deus (...)" (Cl 4.11), porém não mencionou Pedro. Uma figura "importante" como o papa jamais seria esquecida por Paulo.

Algum tempo depois, Paulo foi julgado por Nero e posto em liberdade. Mais tarde escreveu: "Na minha primeira defesa ninguém me assistiu, antes todos me desampararam. Que isto não lhes seja imputado" (2Tm 4.16). Mas Pedro amava a Paulo com amor cristão, e isso ele confessa em 2Pedro 3.15. Por que ele haveria de se omitir? Pelos motivos lógicos, verdadeiros e aqui demonstrados: Pedro jamais estivera em Roma.

Segundo se crê, a segunda Epístola a Timóteo foi escrita por Paulo, em Roma, no ano 64, próximo de sua morte (2Tm 4.6); e nas saudações (2Tm 4.21), depois de ter mencionado, no versículo 11, "só Lucas está comigo", faz as saudações finais e ainda dessa vez não cita o nome de Pedro. Definitivamente, Pedro nunca esteve em Roma.

7. Cumpre assinalar ainda o seguinte:

O desespero provocado pela carência de argumentos em que se possa basear a suposta estada de Pedro em Roma é tão grande que o Papa Pio XII, em 1939, resolveu mandar proceder a escavações no subsolo da Basilica de S. Pedro no intuito de encontrar a sepultura e os ossos do Apóstolo-pescador. Vedou aos arqueólogos estranhos aos trabalhos a aproximação do local. E na sua mensagem de natal do ano de 1950, afirmou categoricamente que havia sido descoberto o "túmulo do príncipe dos Apóstolos". Deu-se tão mal, porém: o novo embuste não "colou". O próprio E. Kirschbaum, um dos dirigentes dessa escavação arqueológica, contestou o papa desesperado.

Pio XII, contraditado por muitos outros arqueólogos de fama internacional, inclusive o teólogo católico A. M. Schneider, nunca mais falou sobre o assunto, que ficou encerado como os trabalhos daquelas escavações.²⁴

Por último, a própria existência do papa e sua nomeação são uma grande heresia e contrariam por completo a palavra de Jesus. Aliás, os padres parecem querer ser superiores a Jesus. Não se contentam com o que Ele ensinou. Querem ir além.

Quem já viu a cerimónia do lava-pés? É aquele ritualismo costumeiro. Escolhem-se os candidatos, lavam-se-lhes os pés, se-cando-os com uma toalha, e então o sacerdote beija os pés lavados.

Extrapolam os romanistas. Jesus realizou aquele ato, como explica o texto (ver João 13.4-17, principalmente o versículo 14), para ensinar humildade, para que façamos o mesmo. Lavar os pés uns aos outros é um ato de humildade. Beijar os pés é uma humilhação. É uma vergonha que a Bíblia não ensina. Mas...

Repugnante mesmo é realizar o batismo como manda o ritual católico, com saliva de padre, que é mais um meio de endeusá-lo. O padre tem de tirar a saliva de sua boca e pô-la nas narinas e nos ouvidos das crianças.²⁵ Ninguém em sã consciência pode crer em algo tão estapafúrdio. Coisas só para padres, pois ainda vivem os tempos medievais.

Vejamos agora o uso dos vocábulos "papa" e "padre". "Papa" vem do grego e significa "pai"... *pappas*, "papai"; parece até feito de propósito para contrariar Jesus, que disse; "E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem queirais ser chamados guias; porque um só é o vosso Guia, que é o Cristo" (Mt 23.9,10).

Há um elenco dos papas publicado pela Editora das Américas, compilado pelo Monge Pedro Guilhermino em 1142, que, com certeza, não corresponde à verdade. Pode até estar exato quanto à sucessão dos bispos da cidade de Roma, mas, a começar pelo primeiro, já vimos que não é verdadeiro.

O Batismo

E disse-lhes: Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.

Marcos 16.15,16

O livro de Atos dos Apóstolos, no capítulo 6, nos dá um panorama do que foi a prática dos ensinamentos do Senhor Jesus, a instituição dos diáconos; no capítulo 9, a conversão do perseguidor da Igreja de Deus, o futuro apóstolo Paulo; no capítulo 10, a aceitação dos gentios no cristianismo; no capítulo 15, a perseguição aos crentes, as viagens missionárias de Paulo, o esclarecimento da primeira dúvida que foi resolvida no Concílio de Jerusalém; as lutas, os sofrimentos dos missionários, as vitórias obtidas na implantação de igrejas; e no capítulo 28 finaliza com a ida do apóstolo preso para Roma.

Depois, à medida que surgiam dúvidas entre as igrejas, que se multiplicavam rapidamente, também surgiam as cartas dos apóstolos, que foram mais tarde coligadas e deram origem ao Novo Testamento: Epístolas aos Coríntios, Epístolas aos Romanos, aos Gálatas, aos Efésios, Epístolas de Tiago, Pedro, João etc.

Sem desmerecer o trabalho dos demais apóstolos, Paulo foi o maior batalhador na divulgação do Evangelho, o vaso escolhido por Jesus, o alargador de fronteiras, o que muito sofreu por amor ao Evangelho.

As perseguições iniciadas em Jerusalém, a rebelião dos judeus que recusaram os ensinamentos do Novo Testamento, as perseguições em Roma, a persistência dos judaizantes, que conseguiram impor-se depois com a implantação do cerimonialismo, nada disso amedrontou os apóstolos ou impediu que o Evangelho, com sua pureza, chegasse até nós pela tenacidade de alguns.

Como dissemos, desde meados do século III, a "regeneração pelo batismo" foi motivo de grande controvérsia e a causa do rompimento inevitável entre os cristãos.

Todo desvio do ensino das Escrituras Sagradas traz graves consequências. Jesus disse, e o seu porta-voz registrou em Apocalipse: "(...) e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro" (Ap 22.19). "Este livro" é a Bíblia Sagrada. É uma lástima que o homem perca a salvação, vá para o inferno por desobedecer à Palavra de Deus, por adulterar a Palavra de Deus. Será terrível ouvir da boca do próprio Senhor Jesus: "Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41). Isso não é brincadeira, não são palavras vãs, não é história para amedrontar criancinhas. São palavras ditas por ele próprio, ensinando sobre o "Sermão Profético". Não que ele queira que alguém vá para o inferno, mas irão para o inferno, e lá viverão, por toda a eternidade, todos aqueles que escolherem esse caminho. As portas estão abertas para o céu, e Jesus continua convidando, explicando através da Bíblia a razão do seu sacrifício por nós.

Depois do batismo de crianças, veio o ato de tolerância em 313, a preocupação de Constantino com a unidade do império, que convivia com o "cristianismo" (mais pagão do que cristão, porque o cristianismo é como a "verdade") e com o paganismo. Não pode haver meio-cristão nem meia-verdade. "Longe de declarar guerra ao

paganismo, conservou, como seus predecessores, o título de soberano pontífice. Determinou, nesta qualidade, o modo como se deviam interrogar os sacerdotes do paganismo (arúspices), que continuavam, quando um raio alcançava um monumento público.²⁶

Quanto ao batismo, Constantino também não o aceitou até pouco tempo antes de morrer. Já se ensinava erroneamente que o batismo purifica de todo pecado. O imperador raciocinava melhor do que os padres e se interrogava: "Se o batismo me livra de todo pecado anterior, quem me livrará dos pecados cometidos posteriormente ao batismo?"

Vimos, em primeiro lugar, que só deve ser batizado aquele que crê. "Quem crê e for batizado será salvo (...)" (Mc 16.16). Há ainda outra passagem clara: "(...) pois é com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação" (Rm 10.10). Podemos propender mais para a confissão do que para o batismo como meio para a salvação, pois "(...) com a boca se faz confissão (...)"; para quê? "(...) para a salvação".

Também encontramos o que simboliza o batismo, e o conhecimento desse simbolismo nos leva ao batismo de imersão. Está também em Romanos. (Dizem que os padres não gostam da Epístola aos Romanos porque foi através dela que Lutero se converteu...)

Falávamos sobre o simbolismo do batismo: "Ou, porventura, ignorais que todos quantos fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele pelo batismo na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6.3,4). Isso significa que, no batismo, o entrar na água, o submergir nela, é como o sepultamento de Jesus em sua morte; o emergir da água é como a ressurreição de Jesus. O candidato ao batismo submerge um homem com os seus pecados já perdoados por Jesus e emerge uma nova criatura, purificada, não pela ação miraculosa do batismo, porque o batismo não é sacramento, mas porque ouviu o Evangelho, aceitou Jesus em seu coração e fez confissão com a sua boca. Agora ele é uma nova criatura: "(...) se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2Co 5.17).

O batismo de crianças, portanto, é uma aberração e nada tem de bíblico. É mais uma cópia dos judaizantes, pois a obrigação dos judeus é a apresentação da criança no templo (Levítico 12).

Resumindo: primeiro, uma criança não crê, não confessa, pois não tem entendimento; segundo, a prática tem de ser a de imersão, e não a de aspersão; terceiro, o batismo é uma ordenança de Jesus e não tem nenhum poder regenerador; quarto, é necessário água, muita água, e não saliva de padre (Mateus 3.16).

Para encerrar esta parte: Jesus foi crucificado entre dois malfeitores:

Quando chegaram ao lugar chamado Caveira, ali o crucificaram, a ele e também aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda (...) Então um dos malfeitores que estavam pendurados, blasfemava dele, dizendo: Não és tu o Cristo? salva-te a ti mesmo e a nós. Respondendo, porém, o outro, repreendia-o, dizendo: Nem ao menos temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça; porque recebemos o que os nossos feitos merecem; mas este nenhum mal fez. Então disse: Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

(Lc 23.33,39-43)

Esse homem, condenado pelos seus feitos, conforme ele mesmo confessou,

estava conformado e julgava merecer a condenação. Contudo, à última hora confiou em Jesus, acreditou nele e recebeu a recompensa. E que recompensa! A salvação de sua alma, a promessa de uma vida eterna no céu. Podemos tirar do episódio lições extraordinárias. Primeiro: Jesus não perdia a oportunidade e não poupou esforços para executar a grande tarefa de sua vinda ao mundo. Naquele momento de dor, de sofrimento, de humilhação, dobrado ao peso de nossos pecados, ele não se descuidou do malfeitor que se arrependeu, confessou os seus pecados, dizendo "recebemos os resultados, a paga de nossos feitos", e prometeu-lhe a vida eterna. Alguém já comparou a eternidade com um cubo de um quilómetro Mil metros ao quadrado, em granito, duríssimo. A cada mil anos vem um passarinho e afia seu biquinho nesse granito. A eternidade é ainda maior que o tempo que o passarinho possa gastar para consumir toda a pedra, e disso não damos conta. Não nos detemos para pensar nisso: a vida eterna ao lado de Jesus, habitando a nova Jerusalém: "E não entrará nela coisa alguma impura, nem o que pratica abominação e mentira; mas somente os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro" (Ap 21.27).

A segunda lição é que não podemos crer no "efeito regenerador" do batismo pelo precedente aberto pelo próprio Senhor Jesus. O malfeitor perdoado foi para o Paraíso. Mesmo a Bíblia diz: "Aquele que crer e for batizado (...)". A primeira condição é *crer*. E, para salvar almas, deu o Senhor o seu Filho Amado: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). O "bom ladrão" foi salvo da condenação eterna, independentemente de uma vida pura, de boas obras, de orações, de confissão, de batismo, de missa, de purgatório, e mais do que possam e queiram hoje exigir. A salvação é um dom gratuito de Deus (Efésios 2.8,9).

8

A Virgem Maria

Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem.

ITimóteo 2.5

O catolicismo romano distingue-se mais pelo culto e devoção a Maria do que pela devoção a Jesus. É a "mariolatria", promulgada no Concílio de Calcedônia em 451, convocado pelo Imperador Marciano. As maiores festividades e solenidades e a indução do povo à sua devoção chegam a ser consideradas excessivas. Numa só página de jornal há quatro tópicos católicos com destaque para a Virgem Maria e nenhum para o seu filho Jesus, nosso Salvador. São os seguintes: "Encíclica sobre Maria reafirma a opção da Igreja pelos pobres"; "Papa pede unidade em torno de Maria"; "Ordenação de mulheres é excluída e ressalta o 'papel central' da Virgem"; "A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil agradece ao Papa João Paulo II pela bela encíclica sobre a Virgem Maria."²⁷ A mariolatria "foi aprofundada mais ainda com a proclamação, aos 21 de novembro de 1964, do novo dogma mariano, que exige dos católicos fé incondicional em Maria, Mãe da Igreja, dogma esse que encerra os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutrix, Medianeira (Constituição Dogmática *Lúmen Gentium*, parágrafo 62)".²⁸

A mariolatria não é ensinamento do Novo Testamento, tampouco era prática da igreja evangélica dos primeiros séculos. Nasceu em meados do século V e tomou forma definitiva em 451.2"

A nova doutrina romana causou muito tumulto e objeções, embora a Igreja já se tivesse desviado muito da sua pureza original, mas acabou sendo aceita.

Como sabemos, o catolicismo romano aceita parte da Bíblia e parte da Tradição; é a "patrística", ou "patrologia", o ensino dos pais da Igreja, dos santos. Na verdade, crêem mais na "tradição" do que na Bíblia. Crêem na Bíblia quando ela não contraria a "tradição"; crêem mais no ensino dos homens do que no ensino do Fundador do cristianismo. Mas a Bíblia, revelando a Onisci-ência de Deus, combate qualquer desvio. Diz: " Maldito o varão que confia no homem (...)" (Jr 17.5); há, ainda, uma maior condenação para as modificações: "e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida (...)" (Ap 22.19).

A Bíblia é o instrumento que basta para levar o homem a compreender, aceitar, converter-se e, por conseguinte, a mudar de vida, a viver uma vida plena de gozo espiritual, por meio da fé, que constitui "o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se vêem" (Hb 11.1).

Há muitas passagens bíblicas que condenam frontalmente os ensinamentos católicos, mas são passagens que estão ocultas aos olhos de seus teólogos. Jesus condenou a "tradição" quando foi interpelado pelos escribas e fariseus: "E assim por causa da vossa tradição invalidastes a palavra de Deus" (Mt 15.6). Na verdade, deveria acontecer exatamente o contrário: ter em primeiro lugar, ou melhor, em único lugar, a Bíblia. O raciocínio deveria ser: "Se a tradição concorda com a Bíblia, não precisamos dela. Temos a Bíblia. Se a tradição não concorda com a Bíblia, não precisamos dela. Ficamos com a Bíblia." Mas o romanismo baseia-se em fábulas, justo aquilo que o apóstolo Paulo mais condena no conselho aos dois pastores, seus filhos na fé, Timóteo e Tito: "e não só desviarão os ouvidos da verdade, mas se voltarão às fábulas" (2Tm 4.4);

"nem se preocupassem com fábulas ou genealogias intermináveis (...)" (ITm 1.4); "mas rejeita as fábulas profanas (...)" (ITm 4.7); "não dando ouvidos a fábulas judaicas, nem a mandamentos de homens que se desviam da verdade" (Tt 1.14). E o apóstolo Pedro: "Porque não seguimos fábulas engenhosas quando vos fizemos conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, pois nós fomos testemunhas oculares da sua majestade" (2Pe 1.16).

O caso das duas escadas vistas por Frei Leão é referido nas Crônicas de São Francisco: uma escada branca e outra vermelha, que subiam ao céu. Pela escada vermelha iam as almas até certo ponto, mas nunca alcançavam o céu; subiam até certa altura, cansavam, desanimavam e caíam. Então, lá no topo da escada branca, uma voz dizia às almas: "Debalde tentais subir por esta escada; vinde pela escada branca." E as almas, passando para a escada branca, iam com facilidade aos céus.

Pasmem! No topo da escada vermelha estava Cristo; no topo da escada branca, Maria. Para o catolicismo, Maria é superior a Jesus.³⁰ Chamam-na "Advogada" mas este título pertence a Jesus: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; mas, se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo" (Uo 2.1); chamam-na "Auxiliadora", mas a Palavra de Deus diz: "De modo que com plena confiança digamos: O Senhor é quem me ajuda, não temerei; o que me fará o homem?" (Hb 13.6); chamam-na "Medianeira", mas o Evangelho diz que há "um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (ITm 2.5).

As Escrituras atribuem apenas a Deus o dom da Onisciência, da Onipresença e da Onipotência. Note bem: Onisciência é um dom atribuído exclusivamente a Deus, conforme está no Salmo 139 (Salmo 138 da Bíblia Católica). Ora, se é um dom exclusivo, se os santos não possuem onisciência, se a Virgem Maria também não a possui, os pedidos a eles dirigidos são feitos em vão. Nenhum santo nem a Virgem Maria podem socorrer ninguém se não têm conhecimento do pedido que se lhes faz. Ensinar que eles atendem os pedidos dos necessitados é má fé ou falta de raciocínio. Ademais, a virgindade de Maria só durou até o nascimento do seu Filho Jesus.

Era costume entre os judeus que as virgens fossem "afiançadas", que ficassem noivas; e era tamanho o penhor da palavra, que eram já consideradas casadas. Nesse sentido, Maria era "casada" com José, o compromisso era o de casada, embora, de acordo com o costume atual, ela fosse apenas noiva. Eis que, nesse período de noivado, surge um anjo a Maria e anuncia-lhe que "ela fora escolhida para ser mãe do Redentor" (Lc 1.26 em diante): "Ora, no sexto mês [da gravidez de Isabel], foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José(...) Disse-lhe então o anjo: (...) Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus." Em Mateus 1.18 encontramos a mesma referência ao nascimento do Salvador: "Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, ela se achou ter concebido do Espírito Santo"; e no versículo 25: "e [José] não a conheceu enquanto ela não deu à luz um filho; e pôs-lhe o nome de JESUS". Naturalmente, se "não a conheceu enquanto ela não deu à luz", significa que depois disso "a conheceu". José a conheceu!

A concepção é um dom sagrado que Deus deu às mulheres. Maria, a Agraciada, a Bem-Aventurada, a boníssima, a meiga Maria, não poderia ficar impedida desse dom maravilhoso, e ela, com certeza, sentiu-se orgulhosa de cumprir essa finalidade, como de fato o fez, tendo sido mãe de numerosa prole. Não adianta ensinar que os nomes mencionados como irmãos de Jesus são seus primos. Eles são irmãos mesmo, porque as Escrituras não mentem. Primos de Jesus eram os apóstolos Tiago e João, filhos de Salomé. Maria teve filhos e filhas depois do nascimento do *primogênito Jesus*. Os judeus se admiravam muito da sabedoria e das pregações do Mestre, e, diante disso,

perguntaram atônitos: "Não é este o filho do carpinteiro? e não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs?" (Mt 13.55,56; Mc 6.3).

Ao contrário do que se ensina na mariolatria, a mãe de Jesus não foi a mãe de Deus. É um absurdo pensar que o Infinito pode ser contido no finito, a Divindade ser gerada pelo ser humano. Tanto isso é verdade que as Escrituras fazem menção desse assunto com destaque. Não fosse assim, ela não o mencionaria, porque a Bíblia só registra o que tem finalidade. Eis o que ela diz "acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi, segundo a carne" (Rra 1.3):

"E aconteceu que, passados três dias, o acharam no templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os (...) Quando o viram, ficaram maravilhados, e disse-lhe sua mãe: Filho, por que procedeste assim para conosco? (...) Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devia estar na casa de meu Pai?" (Lc 2.46,48,49).

Outro absurdo comemora-se no dia 15 de agosto: a "ascensão" de Maria. Gostariamos de conseguir provas, saber em que se baseou o catolicismo para tal decretação.

Quanto às aparições de Lourdes, Fátima, Aparecida, são episódios vergonhosos de que se vale o catolicismo para ludibriar os incautos e aumentar a popularidade e os adeptos. O ex-padre Aníbal Pereira Reis escreveu sobre a "aparição" de Fátima a três crianças. Conta com detalhes a mistificação preparada em conchavo com alguns padres e com um cocheiro chamado Manuel da Costa. A "virgem", segundo o ex-padre, chamava-se Rosa Correia da Silva Bacelar, e o padre encarregado de ensaiar o episódio, Manuel Marques Ferreira, especialista em relações humanas, a quem coube convencer a "santa" Rosa Bacelar.³¹ O cocheiro ficou encarregado de transportar a moça, vestida com os paramentos apropriados, e os meninos Lúcia, Francisco e Jacinta. Sob uma arvorezinha, a "virgem" esperava o momento propício para a comunicação com os meninos. Enorme espelho manuseado pelo cocheiro produziu o efeito miraculoso. A encenação foi perfeita, conforme o planejado. Lúcia, menina inteligente e preparada com sagacidade, foi uma das principais figuras na consumação da farsa, que continua produzindo seus efeitos até hoje. Verdade seja dita: a encenação foi muito bem preparada, mas os resultados funestos começaram logo a aparecer. As mistificações nunca passam despercebidas aos olhos de Deus. Muitos desastres têm ocorrido com os ingênuos ou com os mal-intencionados, que insistem em menosprezar a Palavra de Deus, que indica apenas e inquestionavelmente a pessoa de Jesus Cristo, o Alfa e o Ômega, o que sofreu na cruz para nos livrar, o Eu Sou, o Messias, o Prometido.

"Como se não bastassem os púlpitos, os confessionários a incentivar os fiéis, fustigando-os à Cova, decidiu-se que os ídolos fatímicos saíssem em peregrinação pelo orbe."³² Em 1947, na Espanha, o ídolo foi raptado pelos antifascistas das Astúrias; o ídolo substituído foi levado por via aérea para Lourdes, e foi-lhe negada a entrada, mas ele continuou a percorrer diversos países.

Na sua viagem de Bucaramanga para Calcutá, o avião incendiou--se e a tripulação e os passageiros morreram queimados. A imagem foi destruída pelo fogo. O ídolo foi substituído às pressas, e os boletins católicos mentiram ao publicar que a imagem fora milagrosamente preservada; esteve no Egito, onde foi proclamada rainha e cultuada pelos muçulmanos como a filha de Maomé, o fundador do islamismo.

Assim, o ex-padre Anibal continua enumerando os insucessos da "santa milagrosa". Quando uma procissão, passava sobre o rio Alcabiechel, em Macieira, a ponte desabou e muitas pessoas ficaram feridas, e a imagem, quebrada, foi parar no fundo do rio; a igreja-matriz de Camarinha se ufanava de ter uma bela estátua da

Senhora de Fátima. O povo estava reunido para uma solenidade diante do altar, coberto de flores e iluminado por velas; ouviu-se o estrondo de um trovão e, ante o pasmo de todos, um raio caiu na capela. Depois de abrir uma grande fenda numa das paredes, a faísca atingiu o altar, incendiou-o, destruiu a imagem, feriu muita gente e matou um jovem de 22 anos.

Poderíamos continuar citando inúmeros acontecimentos, em Milão, na Áustria, na cidade portuguesa de Bairro, onde 90 pessoas foram feridas, o desastre de avião com um devoto que atirava flores sobre o santuário de Aparecida, ônibus de romeiros incendiados etc. (o ex-padre Anibal também escreveu *A Senhora Aparecida, outro conto do vigário*).³³

Até mesmo em Portugal foram escritos livros que contam a verdade sobre o terrível embuste de Fátima: *Na cova dos leões, Fátima* e, mais recentemente, o livro de João Ilharco, *Fátima desmascarada*. Nele o autor mostra algumas observações novas — e por isso mesmo extremamente úteis — a respeito das "visões" e dos "milagres" havidos em Fátima, história com sabor dos tempos medievais. A obra revela como as três crianças foram "preparadas", expõe os motivos que a Igreja portuguesa teria para apoiar tal ridículo etc. O exposto não esgota o assunto, mas não se discute que é um episódio vergonhoso e que continua enganando o beatério. Pobre povo católico, iludido em sua boa fé! Mas é bom que se diga que não adianta boa fé quando se toma um remédio contra-indicado. O único remédio para a salvação das almas é Jesus. "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6). O único caminho para o céu é Jesus.

9

O Purgatório

Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte.

Romanos 8.1,2

Ficamos pensando como é possível que tantas pessoas ilustres, teólogos, pensadores, artistas, cientistas, literatos etc que professam o catolicismo deixem-se envolver, indiferentes, por um mundo de mentiras, mistificações e embustes, não pesquisem, não descubram como se distanciaram do verdadeiro cristianismo, mergulhados em incoerências, contradições e superstições.

A doutrina do purgatório é uma monstruosidade, uma aberração. Carece de respaldo bíblico, nunca foi ensinada por Jesus ou pelos apóstolos, não era conhecida dos crentes primitivos, e mais se parece com uma adaptação das figuras da mitologia, das práticas do paganismo greco-romano, o mais profundo dos infernos, o "Tártaro", onde Zeus precipitava aqueles que o ofendiam. Para se livrarem do Tártaro e alcançarem os Campos Elísios, era preciso que parentes ou amigos das almas colocassem na boca dos corpos que iam ser sepultados uma moeda de relativo valor, com a qual pagariam a Caronte, barqueiro dos infernos, que em sua barca levava-as de uma margem à outra. Era o "dinheiro de Caronte".³⁴

A "tonsura", e a "hóstia" também são provas do catolicismo paganizado. Mas isto veremos depois.

A gestação do purgatório começou no início do século XI. Havia um mosteiro na cidade de Cluny, na França, cujo superior se chamava Odilon. Ele tinha perdido parte dos bens para seus inimigos e foi socorrido pelo Papa Bento VIII, que excomungou seus adversários. Algum tempo depois da morte do papa, o Cardeal Pedro Damião teve uma visão de sua alma na forma de um urso com orelhas e cauda de burro. Esta lhe anunciou que estava condenado a se espoljar na lama até o dia do Juízo Final e que Odilon (que em vida fora beneficiado pelo papa quando era superior do convento, agora santo, portanto com mais "autoridade" do que o falecido papa) pedira a Deus que o livrasse de semelhante tormento, no que foi atendido.

Passados alguns dias, Bento VIII apareceu aos frades do convento do ex-superior Odilon e lhes contou a graça que Deus lhe concedera por intercessão de Santo Odilon: fora admitido no céu. Era tempo das peregrinações a Jerusalém. Um cavaleiro francês, em seu regresso, esteve alguns dias na Sicília, perto do Monte Etna, e ali encontrou um eremita que lhe contou uma estranha história: "Havendo um dia se aproximado da cratera do vulcão, ouviu não somente o grito das almas que ali estavam sendo atormentadas pelo fogo, mas também a conversação dos demónios, que lastimavam amargamente que Odilon lhes arrancasse tantas almas por suas orações."¹⁵ A fantasia tomou corpo e foi crescendo, alimentada por ingenuidade, interesse ou pura mentalidade pagã, até que no Concílio de Florença, em 1439, a Igreja Católica a adotou como dogma.

"Conforme lendas, o purgatório está colocado um pouco acima do inferno, e é uma espécie de mar de chamas."³⁶ E, segundo os teólogos, o purgatório é em tudo semelhante ao inferno, exceto na duração. O inferno é eterno, e o purgatório, temporário. Pode até durar um longo tempo, mas não é eterno. |A propósito, conta-se a

história de um boníssimo padre, muito amigo das crianças«Um dia, encontrou-se na rua com um menino, filho de protestantes, e conversaram. Contou-lhe o menino que a sua gatinha tivera uma ninhada. Brincando, o padre lhe perguntou:

— Os gatinhos são católicos ou protestantes?

— São católicos, "seu" padre — respondeu o menino. Poucos dias depois, tornaram a se encontrar. O padre continuou aquela conversa interrompida:

— E os gatinhos, meu filho? continuam católicos?

— Não, "seu" padre. Eles agora são protestantes. Eles já abriram os olhos*.

A Bíblia Sagrada, que deveria ser a regra de fé e prática, o código único de todo cristão, não menciona absolutamente nada que se pareça com o purgatório. O que ela afirma, e alguns doutores da igreja primitiva ensinavam, como Santo Agostinho, é que: "Não vos iludais, meus irmãos, porque na vida do além-túmulo não há senão dois lugares. Não há um terceiro. E aquele que não for admitido no reino do Senhor perecerá irremediavelmente com o diaba" Dizem também as Sagradas Escrituras: "E além disso, entre nós e vós está posto um grande abismo, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem os de lá passar para nós" (Lc 16.26). Não há comunicação entre os salvos e os condenados. Dizem ainda, de modo muito direto: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que der. o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16). Ou: "Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo." Ou então:"(...) também aos que esti verem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos (...) E irão estes para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna" (Mt 25.34,41,46). Sem intermediação dos santos ou da Virgem Maria, sem purgatório, sem limbo, sem missas, e até sem batismo e sem a Ceia do Senhor, como foi o caso de Dimas, o "bom ladrão". Só por Jesus! Somente por Jesus!

A grande semelhança entre o Tártaro pagão e o purgatório católico é a promessa de ambos: livrar as almas a peso de ouro, o "dinheiro de Caronte" e o "dinheiro das missas".

O Novo Testamento afirma: " Sé fiel ate a morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2.10). "Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1).

A existência do purgatório anula a morte redentora de Jesus, contraria plenamente o texto que diz: "(...) e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado" (1Jo 1.7). E ainda: "Quem crê no Filho tem a vida eterna (...)" (Jo 3.36); "E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos" (At 4.12). Há uma absoluta firmeza neste último texto, que foi uma afirmação de Pedro diante das autoridades judaicas ante a ameaça de suplício; nenhum outro nome há, de parte da perversa invenção humana, pelo qual devamos ser salvos. Nem missa, nem purgatório, nem indulgência, nem penitência, nem jejum... Nada! Ninguém jamais desmentiu o que está escrito na Bíblia, apesar de tantos anos de existência e de tantos inimigos gratuitos.

10

A Missa — As Indulgências

(...) que não necessita, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente por seus próprios pecados, e depois pelos do povo; porque isto fez ele, uma vez por todas, quando se ofereceu a si mesmo.

Hebreus 7.27

A missa é um enfeite social muito bonito e muito caro. Aliás, na tabela de preços cobrados pela Igreja Católica nada é barato. Talvez a "culpa" seja de Rui Barbosa, que atrapalhou a vida dos padres e ajudou a separar a Igreja do Estado, um avanço maior do que o de muitos países da Europa, aliviando os cofres públicos do Brasil, tetas fartas e cómodas. Como os católicos pouco praticam o dízimo, há necessidade da prática do "simonismo": "Quando Simão viu que pela imposição das mãos dos apóstolos se dava o Espírito, ofereceu-lhes dinheiro" (At 8.18). São os casamentos, os batismos, as crismas, as quermesses, as rifas beneficentes, os bazares e inúmeros outros motivos.

Pergunte-se ao mais beato dos católicos o significado da missa, e ele não saberá responder. De acordo com a definição do dicionário, é, "na religião católica, o ato solene com que a igreja comemora, diante do altar, o sacrifício de Jesus Cristo", é "a principal cerimônia do culto católico".

Na Epístola aos Hebreus, o capítulo 9, até o versículo 9, trata do sacrifício oferecido pelos sacerdotes no Templo, sobre os pães da proposição, incensário, vasos, enfim, o cerimonial do Antigo Testamento. É a prática do judaísmo e dos judaizantes remanescentes. A partir do versículo 11, a Epístola explica como ficou o culto depois da vinda do Mediador do Novo Testamento:

Mas Cristo, tendo vindo como sumo sacerdote dos bens já realizados, por meio do maior e mais perfeito tabernáculo (não feito por mãos, isto é, não desta criação), (...) por seu próprio sangue, entrou uma vez por todas no santo lugar, havendo obtido uma eterna redenção.

(Hb 9.11,12)

E continua:

(...) para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para se oferecer muitas vezes (...)

(Hb 9.24, 25)

E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo, oferecendo--se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação.

(Hb 9.27,28)

Ora, todo sacerdote se apresenta dia após dia, ministrando e oferecendo muitas vezes os mesmos sacrifícios, que nunca podem tirar pecados (...)

(Hb 10.11)

Não há maior declaração da nulidade da missa do que os textos transcritos acima. "E o Espírito Santo também no-lo testifica (...)" (Hb 10.15).

Estão assim totalmente sepultadas, pela Palavra de Deus, quaisquer modificações que o homem queira fazer no culto cristão. O catolicismo romano deixou de ser cumpridor dos preceitos de Jesus e entendeu que poderia criar leis humanas e falhas, modificando o ensinamento maior, que é o da Bíblia. Somente Deus encerra em si mesmo as condições de um governo perfeito e democrático: "Porque o Senhor é o nosso juiz; o Senhor é o nosso legislador; o Senhor é o nosso rei, ele nos salvará" (Is 33.22). O Senhor é o juiz (o poder judiciário), o Senhor é o nosso legislador (o poder legislativo), o Senhor é o nosso rei (o poder executivo). Portanto, nada nos falta. Somos seus súditos, e assim sendo só nos cabe obedecer. A última recomendação de Jesus sempre nos volta à memória: "e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia (...)" (Ap 22.19).

Paulo, em suas viagens missionárias, passara pela Galácia, onde muitos gentios e judeus aceitaram o Evangelho. Mais tarde chega-lhe a notícia de que os "judaizantes" tinham introduzido novos ensinamentos, estranhos aos Evangelhos. Então lhes escreveu, dizendo:

Estou admirado de que tão depressa estejais desertando daquele que vos chamou na graça de Cristo, para outro evangelho, o qual não é outro; senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema.

(Gl 1.6-8)

O absurdo de se querer atribuir à missa o poder de salvar almas é tão grande que é uma insensatez admiti-lo. Analisemos este exemplo: há muitos anos, soubemos que um estrangeiro era o proprietário de uma leiteria na Lapa, no Rio de Janeiro. Homem ganancioso, sem escrúpulos, enriqueceu à custa de falcatuas. A pior de todas, talvez, era a canalização da urina do mictório do estabelecimento, infectado, naturalmente, de todo tipo de doenças mundanas, urina essa que ele misturava com o leite que vendia para consumo, sobretudo de crianças. Apesar dessa sórdida mistura, o leite não perdia a densidade. O homem morreu e deixou a família em boa situação. Esta, com certeza, mandou rezar missas periódicas em intenção de sua alma. Terão essas missas cumprido a promessa de tirar-lhe a alma do purgatório? E se em vez do purgatório ele estivesse no inferno?

Creemos que os padres não acreditam no "poder" da missa. Se acreditassem, rezariam missas o dia inteiro. Ou eles acreditam que só têm efeito as missas pagas? Por que não se importam que almas fiquem queimando no purgatório quando têm nas mãos o poder de livrá-las? Se crêem nos efeitos da missa e só a celebram mediante pagamento, são mercenários; se não crêem e assim mesmo recebem pagamento por um ato inútil, enquadram-se na tipicidade do artigo 171 do Código Penal: "Obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil ou qualquer outro meio fraudulento." É a prática do estelionato. Jesus ensina que o ímpio, aquele que não tenha optado pela salvação (em vida naturalmente, porque o morto não tem opção) que ele oferece de graça, sofrerá a consequência de sua má escolha. A condenação de alguém é coisa que ninguém deseja, mas o ímpio fez uma escolha voluntária e ouvirá: "Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apar-tai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41).

As indulgências são outra aberração que não pode caber em nenhuma cabeça sensata. Mas quem pensa em sensatez, em harmonizar a Bíblia com a Patrística? Como é possível conceber que se possa comprar com dinheiro o direito de ir para o céu? O perdão antecipado, livre da Justiça Divina? A desculpa de que o dinheiro vem para Deus é injustificável; Deus não precisa de dinheiro. Ele é o dono de tudo. "Do Senhor é a terra e a sua plenitude; o mundo e aqueles que nele habitam" (SI 24.1) — na Bíblia Católica, 23.1.

Com a alegação de levantar fundos para a construção da Basílica de São Pedro, em Roma, publicamente se ofereciam à venda indulgências, por autorização de Leão X, o papa que se dedicou muito às artes e pouco à verdadeira religião, quando, sob a "aparência de Arte, o Paganismo ressuscitava a faustosa corte de Leão X".³⁷

*(...) Tetzal, o oficial] designado para dirigir a venda das indulgências na Alemanha, era culpado das mais ignóbeis ofensas à sociedade e à Lei de Deus (...); (...) ao entrar Tetzal numa cidade, o mensageiro ia à frente, anunciando: a graça de Deus e do santo padre está às vossas portas (...) subindo ao púlpito das igrejas, exaltava as indulgências como o mais precioso dom de Deus. Declarava que, em virtude de seus certificados de perdão, todos os pecados que o comprador mais tarde quisesse ser-lhe-iam perdoados, e que mesmo o arrependimento não seria necessário.*³⁸

Há, ainda, a chamada "Bula Sabatina", de João XXII, segundo a qual os devotos da Virgem Maria (Nossa Senhora do Carmo) têm de trazer seus bentinchos no pescoço e rezar seis "padres-nos-sos" e seis "ave-marias" em honra da Virgem, além de não comerem carne às quartas-feiras e aos sábados (sempre a abstinência de alimentos, considerada *doutrina de demónios* pelo Texto Sagrado — ITimóteo 4.1)."(...) aqueles que observam estas prescrições só ficam no purgatório até o romper do primeiro sábado depois de sua morte, porque, infalivelmente, todos os sábados Maria desce ao purgatório para de lá tirar a alma de seus devotos."³⁹

Esta indulgência revela uma Virgem de má índole, interesseira, que só tira do purgatório os seus apaniguados! Isso, de modo algum ameniza a memória da doce e meiga Virgem Maria; pelo contrário, é uma afronta a ela.

É muita infantilidade ou muita sagacidade!

O catolicismo só subsiste por culpa dos acomodados.

11

A Santa Ceia e a Bíblia

E tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-Iho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; (...) depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós.

Lucas 22.19,20)

Composta por inspiração divina, a Bíblia contém 66 livros, escritos num período de mais de mil anos por mais de quarenta autores; no entanto, é perfeitamente harmônica. Ela encerra os mais belos episódios, determinados, sem par, não só pelos seus ensinamentos sem mácula, superiores a qualquer crítica, mas também pelos detalhes: o mais belo sermão, o Sermão do Monte — Mateus, capítulo 5; o mais belo discurso, o de Paulo diante do Rei Agripa — Atos, capítulo 26; a mais comovente exaltação ao amor — ICoríntios, capítulo 13; a mais inspirada poesia sacra, o Salmo 23 (Salmo 22 da Bíblia Católica); a mais bela oração, Salmo 19.13,14; o maior presente do céu para a humanidade: "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16); a maior declaração de amor à criatura humana: "Pode uma mulher esquecer-se de seu filho de peito, de maneira que se não compadeça do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, não me esquecerei de ti" (Is 49.15); as mais belas decisões: "Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra" (Jo 8.7); "Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21); a mais sensacional promessa de esperança: "Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós" (Jo 14.18); e tantas outras passagens que nos encantam.

Contudo, os homens a quem Deus incumbe de assimilar seus ensinamentos, muitas vezes insistem em interpretar as coisas a seu modo, tornando-se legisladores, modificando a Palavra de Deus, investindo-se de uma autoridade que se não lhes dá, ignorando principalmente os ensinamentos daquele que dizem ser o "chefe" da Igreja, o apóstolo Pedro: "sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.20,21).

Ninguém pode obrigar ninguém a aceitar a própria interpretação da Bíblia. Só o Espírito Santo pode convencer (Jo 16.8). Mas o Concílio de Trento foi peremptório na sua tese: cabe à "santa madre igreja" julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras.

Jesus nos deixou duas ordenanças e nenhum sacramento. A primeira ordenança é o batismo — o batismo de quem já tem discernimento e pode professar em público a sua fé: "Quem crer e for batizado (...)" (Mc 16.16); primeiro, crer, depois, ser batizado. A segunda ordenança é a Ceia do Senhor. A Ceia é ministrada àquele que for batizado. Eis o mecanismo: uma pessoa se converte e voluntariamente pede o batismo. Com o batismo, torna-se membro da igreja, e só o membro da igreja em plena comunhão pode participar da Ceia, segundo ensina o Novo Testamento. No capítulo 22, versículos 7 a 20, Lucas explica como aconteceu a Ceia do Senhor, ministrada pelo próprio Senhor. Paulo também nos deixa explicações sobre como deveria acontecer. Está em ICoríntios 11.17-29. Ele escreveu à igreja que estava naquela cidade, admoestando, ensinando e corrigindo erros na ministração. A prática até hoje serve de exemplo para os evangélicos

e para alguns protestantes. Diz ele:

Nisto, porém, que vou dizer-vos não vos louvo; porquanto vos ajuntais, não para melhor, mas para pior. Porque, antes de tudo, ouço que quando vos ajuntais na igreja há entre vós dissensões; e em parte o creio (...) De sorte que, quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a ceia do Senhor; porque quando comeis, cada um toma antes de outrem a sua própria ceia; e assim um fica com fome e outro se embriaga. Não tendes porventura casas onde comer e beber? (...) Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou pão; e, havendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

(ICo 11.17-25)

Reproduzindo as palavras de Jesus, Paulo confirmou que a Ceia é um memorial: "Fazei isto em memória de mim". Nenhum poder miraculoso existe no ato, a Ceia não é um sacramento. O sacramento é um sinal visível de uma graça invisível — *signum visibile de gratia invisibile*.

A Igreja Católica ensina que o verdadeiro corpo de Jesus — corpo, sangue, alma e divindade — está presente na hóstia e no vinho. Mas o ensinamento evangélico é o de que os elementos da Ceia, o pão e o vinho, são a figura, o símbolo, o motivo para a lembrança, um memorial, a recordação do sacrifício de Jesus. Não há transubstanciação, não há transformação da matéria, os elementos não mudam. O pão continua pão e o vinho continua vinho. Qualquer um pode fazer a experiência.

Esse dogma tem posto em prova, de uma maneira bem triste, os teólogos católicos, obrigando-os a formular os mais impertinentes, esdrúxulos e inimagináveis argumentos. Há uma série de situações decorrentes da transubstanciação que se ensinam ao noviço (a transformação do pão em carne e a do vinho em sangue puro de Jesus). Algumas perguntas mencionadas pelo autor de *Roma, sempre a mesma*⁴⁰ são verdadeiros absurdos:

1. Se um rato chegar a comer a hóstia?

Resposta: O padre queimará o rato e lançará na pia ou em água corrente as cinzas do animal.

2. Se um comungante vomitar a hóstia?

Resposta: Praticará um ato meritório o assistente que tomar aquele vômito; mas se ninguém quiser absorver o vômito, este deverá ser queimado, e as cinzas, lançadas na piscina.

3. Se o sangue no cálice se congelar?

4. Um padre em pecado mortal pode operar a transubstanciação?

Como se vê, esse dogma cria situações absurdas, mistério proposto acima de nossa imaginação e insultuoso ao Senhor Jesus Cristo; é menosprezo à capacidade humana de raciocínio sensato.

Em 1899, na cidade de Leopoldina, MG, um padre italiano chamado Cetrango foi processado por ter envenenado um colega seu, lançando estricnina no vinho da

missa.⁴¹ Como o sangue santíssimo de Jesus pode embriagar, causar vômitos, envenenar?

De acordo com as passagens bíblicas mencionadas^ o crente na igreja primitiva recebia o pão e o vinho A primeira Ceia (a última Ceia mencionada na Bíblia) foi ministrada pelo próprio Senhor: "E tomando pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu--lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto em meu sangue, que é derramado por vós" (Lc 22.19,20). E mais:

Forque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e havendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo que é por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo pacto no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim.

(ICo 11.23-29)

Por que o catolicismo nega o vinho ao participante da Ceia? Responda quem o souber!

Muitos frades tentaram modificar os erros da Igreja e não conseguiram. O primeiro que obteve sucesso sem ser queimado vivo na fogueira sempre acesa da Inquisição foi Martinho Lutero.

Vitoriosa a Reforma, o catolicismo contra-ataca com o Concílio de Trento, uma espécie de remendo maior nos farrapos do "cristianismo", introduzido por incrédulos. Como justificar os sacramentos, a mariolatria, a sucessão apostólica (mais tarde a infalibilidade do papa), o primado de Roma, o limbo, o purgatório, a Inquisição, a confissão auricular, o celibato, a missa, a ceia truncada, a oração pelos mortos (que, parece, figura num dos livros apócrifos — e estes também não são aceitos pelos judeus, e jamais foram mencionados por Jesus ou pelos apóstolos), o culto aos santos, a abstinência de alimentos, as indulgências e tantas outras aberrações? Nada disso é bíblico. Ao contrário. A Bíblia é taxativa na condenação de todas essas doutrinas. Dissemos *todas essas doutrinas*. "Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cauterizada, proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos (...)" (ITm 4.1-3). São muito graves estas palavras: doutrinas de demónios! Coincidência? Celibato e abstinência de alimentos!

O boníssimo João XXIII (o segundo de mesmo nome e número, já que o primeiro reinou juntamente com mais dois papas e teve 300 concubinas, e dele diziam que era o "diabo em carne e osso")⁴², que chefiou a Igreja Católica de 1958 a 1963, manifestou o desejo de saber se a Bíblia "proibia" ao papa fazer refeições em conjunto com outros prelados, e começou a lê-la a fim de saber se havia de fato alguma proibição. Demonstrou com isso o mais completo desconhecimento anterior dos Textos Sagrados. Com certeza, nunca lera antes uma Bíblia. Porém, nada existe sobre esse assunto.

A Contra-Reforma (Concilio de Trento), movimento de oposição ao protestantismo que durou de 1545 a 1563, procurou legitimar as "tradições". Ora, as tradições começaram a invadir a Igreja no dia em que ela se desviou das Escrituras. Roma, então, procurou incutir na mente do povo que as tradições procediam da mesma fonte que a Bíblia, e que deveriam ser recebidas com fé, acusando de insuficiência a Palavra de Deus. Cada desvio ou tentativa de justificar os erros é uma demonstração de

menosprezo para com ela. Não tinham lido, por exemplo: "Jesus, na verdade, operou na presença de seus discípulos ainda muitos outros sinais que não estão escritos neste livro; estes, porém, estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (Jo 20.30,31). Ou: "Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça" (2Tm 3.16).

Mas a Contra-Reforma continuou a sua marcha. Era preciso criar obstáculos aos opositores. Era preciso mascarar os erros, criar embaraços, sofismar. Pareceu oportuno atribuir às Escrituras a culpa dos desvios, alegando com a própria Escritura: "Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora" (Jo 16.12). O Concílio aproveitou a "deixa" e quis "matar dois coelhos com uma só cajadada": justificar seus erros e menosprezar os ensinamentos de Jesus. Não se proibiu a tradução da Bíblia nessa ocasião, mas oficializou-se a inclusão dos livros apócrifos, plenos de valor histórico, mas não inspirados, e por essa razão não aceitos pelos judeus, protestantes e evangélicos. Mas, em 1559, já se encontrava a seguinte cláusula junto à menção de várias edições, no índice dos livros proibidos, promulgada pelo Papa Paulo IV, ratificada por Paulo V cinquenta anos mais tarde: "Não se pode ler, imprimir ou possuir sem licença do Santo Ofício as edições da Bíblia em língua vulgar".⁴³ Qual o motivo dessa proibição?

"Descarregando" sobre a tradição toda espécie de erros até então existentes, a Igreja Católica ficou tranquila consigo mesma, já pensando nos erros futuros que iria continuar introduzindo, como a infalibilidade do papa e a ascensão de Maria. A infalibilidade causou estupefação nos próprios arraiais. Como seria de esperar, houve inúmeros desentendimentos com os papas, desavenças e coisas muito mais sérias, sobre as quais discorreremos no capítulo 17. Casos gravíssimos, de grande perplexidade, de que não se tem notícia em outras fontes, a não ser o de Pedro I de

Portugal, que desenterrou Inês e fê-la sentar no trono, à semelhança do que ocorreu com o Papa Formoso.^{44, 45}

Todas as heresias que vão sendo incluídas na Igreja são imputadas à Tradição, ou Patrística, ou Patrologia, na esperança de que a Tradição possa enganar muita gente por muito tempo. É mais uma prova do desconhecimento do Novo Testamento. Jesus, Onipotente, Onisciente, Onipresente, já a havia condenado aberta e claramente em disputa com alguns judeus do seu tempo:

Então chegaram a Jesus uns fariseus e escribas vindos de Jerusalém e lhe perguntaram: For que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? (...) ele, porém, respondendo, disse-lhes: E vós, por que transgredis o mandamento de Deus por causa da vossa tradição? (...)E assim por causa da vossa tradição invalidastes a palavra de Deus (...) Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

(Mt 15.1-3,6,9)

Precisamos analisar os fatos sem paixão. A paixão cega o entendimento e não conduz ninguém à salvação. Só Jesus Cristo pode nos salvar, e ele diz: "Vós sois meus amigos, se fizerdes o que eu vos mando" (Jo 15.14). Como podemos receber a sua graça sendo seus inimigos? Haveremos de ser amigos ou inimigos de nosso Salvador? Ser amigo de Jesus, conforme ele mesmo diz, *é fazer o que ele manda!*

12

A Confissão Auricular

Confessai, portanto, os vossos pecados uns aos outros (...).

Tiago 5.16

O confessor tem sido a causa de muitos problemas para os fiéis da Igreja Católica. Em 1874, o Padre Charles Chiniquy, que prestara 50 anos de serviços no Canadá e nos Estados Unidos, escreveu o livro *O padre, a mulher e o confessor*, no qual revela o drama de uma pobre mulher para evitar que sua filha virgem, moça formosa, se aproximasse do vigário local, com receio de que a jovem passasse pelos mesmos vexames que ela passara na mocidade, quando foi assediada e seduzida por um padre. O seu drama começou no confessor, lugar que oferece as maiores oportunidades aos sacerdotes. Eles podem encaminhar, aconselhar, influir no curso das conversas e nas atitudes, saber de segredos de senhoras que em momentos de fraqueza cometeram deslizes e aproveitar a "deixa" para as propostas mais indecentes. A publicação do Padre Chiniquy alcançou tal sucesso que em 1892 chegou à quinquagésima edição.

Não é preciso dizer que o dogma da confissão auricular não é bíblico, como tudo mais que se ensina e pratica hoje pela Igreja. O dogma foi imposto no Concílio de Latrão de 1215, como uma obrigação anual a todo cristão, "sob pena de excomunhão e de não ser enterrado no sagrado o corpo da pessoa que não quisesse aceitar esse preceito".⁴⁶ Se a obediência ao novo dogma era suficiente para conduzir ao céu as pessoas que o praticassem, que teria acontecido aos que morreram antes da instituição da obrigatoriedade? Vemos mais uma vez que, desde a primeira novidade introduzida nos ensinamentos das Escrituras, esta causa, no mínimo, perplexidade.

Em 1974, os jornalistas italianos Clara di Maglio e Norberto Valentino publicaram *Sexo no confessor*, uma obra que devassa seus segredos e informa que o "resultado é grave", depois de 636 pessoas terem sido entrevistadas. Os autores mencionam um declínio na prática da confissão. Em 1939, de cada 100 italianos adultos, 46 se confessavam periodicamente, índice que caiu para 4% em 1970. Dos 636 entrevistados, 477 eram mulheres e 159, homens. O livro obteve um grande êxito.⁴⁷

Quanto à modalidade, a confissão é geral (coletiva) ou particular (individual). O Secretário-Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) declarou reconhecer a necessidade de em muitas ocasiões ser usado o recurso da "absolvição geral", mas observa que a "confissão particular continua". Contudo, os religiosos, reunidos, observam "uma diminuição acentuada" das pessoas que hoje procuram o confessor e dos padres que se dispõem a ouvi-las.⁴⁸

Em Macaé, RJ, um promotor recebeu carta anônima relatando que um lavrador teria confessado ao padre ter participado do sequestro do menino Carlinhos, e da sua morte porque não recebera o resgate. Mas, de acordo com a lei, o padre não está obrigado a revelar segredo de confessor.⁴⁹

Num documento de 183 páginas, o Papa João Paulo II atacou a ideia de que os católicos podem conseguir perdão dos seus pecados diretamente de Deus, sem passar pela Igreja, e preveniu que voltará a florescer um sentido saudável do pecado. Também condenou a hipótese de que o "sacramento possa dar uma absolvição geral em vez de uma a uma pessoa". Quem está com a razão? O Secretário-Geral da CNBB ou o papa? Afirma-se, ainda, que num Sínodo dos Bispos recente as autoridades eclesásticas

examinaram o sacramento da penitência, porque o número de confissões tem diminuído sensivelmente nos últimos 20 anos entre os 800 milhões de católicos do mundo. Agora os católicos estão dando mais valor à psicologia e até à astrologia do que ao sacerdote.⁵⁰

Os jornais também publicaram o clima de revolta envolvendo o vigário de Granja, a 360km de Fortaleza, no Ceará, e os fiéis que frequentam a igreja. O bispo de Tinguá, jurisdição de Granja, recebeu um abaixo-assinado com mais de mil assinaturas, pedindo "providências contra o comportamento pouco recomendável do padre". De acordo com o comunicado, os fiéis estavam dispostos a recorrer ao arcebispo de Fortaleza e até ao papa, caso os problemas não fossem resolvidos até o final de janeiro de 1985. A queixa:

Ele chega a acusar nominalmente, na missa, quem não dá dinheiro e nega-se a batizar os filhos de casais não casados na igreja. O mais grave é que as mulheres estão deixando de se confessar em face das insistentes perguntas sobre a intimidade com os seus maridos, o mesmo acontecendo com as moças, com seus namorados. Ainda: as moças escreveram ao bispo que são incomodadas quando comparecem ao confessionário.⁵¹

Um jornal do Rio de Janeiro publicou a declaração de um padre que integra a assessoria da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, segundo o qual

confessar ainda é uma manifestação de humildade do pecador diante do sacerdote que lhe absolve os pecados (sic) (...) mas não é apenas ajoelhando, no confessionário, que o católico promove a sua reconciliação com Deus. Como em outros ritos, a Igreja alterou o processo de confissão, e, dependendo da urgência ou da facilidade de se encontrar um padre, é possível a qualquer um revelar suas falhas, nas ruas ou salas paroquiais, sentado ou em pé, embora o hábito continue levando os fiéis ao interior das igrejas (...) Em muitas igrejas os confessionários já são apenas objetos de decoração ou marcas de uma época.⁵²

Em cada modificação de regra, doutrina, dogma, rito ou costume, em cada detalhe, a Igreja Católica mostra mais e mais quanto está divorciada das Escrituras. Um exemplo é o da passagem em que o Senhor Jesus cura o paralítico de Cafarnaum:

Alguns dias depois entrou Jesus outra vez em Cafarnaum, e soube-se que ele estava em casa. Ajuntaram-se, pois, muitos, a ponto de não caberem nem mesmo diante da porta; e ele anunciava a palavra. Nisso vieram alguns a trazer-lhe um paralítico, carregado por quatro; e não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o telhado onde estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o paralítico. E Jesus, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Filho, perdoados são os teus pecados. Ora, estavam ali sentados alguns dos escribas, que arrazoavam em seus corações, dizendo: Por que fala assim este homem? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão um só, que é Deus?

(Mc 2.1-7)

A confissão de pecados se faz a Deus e não a homens. Lendo o Salmo 51 (Salmo 50 da Bíblia Católica, tradução de Matos Soares), tomamos conhecimento de como Davi abriu o seu coração: "Compadece-te de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade" (Sl 51.1,2). Davi tinha cometido um grande

pecado: o pecado de adultério com Bate-Seba e o assassinato de seu marido, o general Urias. Está em 2Samuel, capítulo 11 em diante. Então o rei deu-se conta de seu grande erro e se penitenciou diante de Deus, no mencionado Salmo 51, e sentiu cumprida dentro de si a promessa que Deus fez na palavra de Isaías:"(...) ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que são vermelhos como o carmesim, tornar-se-ão como a lã" (Is 1.18b). O Rei Davi sentiu-se completamente livre e perdoado depois da confissão direta a Deus, sem interferência humana. Então se alegra no Salmo 32 (Salmo 31 da Bíblia Católica, tradução de Matos Soares):

Bem-aventurado aquele cuja transgressão é perdoada, e cujo pecado é coberto Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não atribui a iniquidade, e em cujo espírito não há dolo. Enquanto guardei silêncio, consumiram-se os meus ossos pelo meu bramido durante o dia todo. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim (...) Confessei-te o meu pecado, e a minha iniquidade não encobri (...)

(Sl 32.1-5)

No livro de Daniel encontramos: "E orei ao Senhor meu Deus, e confessei, e disse: Ó Senhor, Deus grande e tremendo, que guardas o pacto e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos" (Dn 9.4); e Paulo, por sua vez, declara: "pois é com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação. Porque a Escritura diz: Ninguém que nele crê será confundido" (Rm 10.10,11).

E é até de domínio público o dito: "Confessar só a Deus..." A confissão auricular tem lá os seus mistérios, que nós, pobres mortais, não podemos penetrar...

É inacreditável, também, que, até há bem pouco tempo, em alguns lugares, a confissão pertencia à esfera do Estado e podia acabar em prisão:

Um tribunal da Tchecoslováquia condenou o padre católico Ladislav Hanus, de 80 anos, a um ano de prisão por haver recebido a confissão de um fiel sem autorização, informou a agência de notícias austríaca Kathpress. Segundo a agência, o sacerdote, que está aposentado há três anos, foi condenado por violar a lei sobre o controle da Igreja pelo Estado (...).⁵³

Neste particular, estamos um século à frente.

Ah, Rui Barbosa! Tua falta é sentida no mundo inteiro!...

13

A Adoração dos Santos e das Imagens

Eu sou o Senhor teu Deus (...) Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem esculpida (...) Não te encurvarás diante delas, nem as servirás (...)

Êxodo 20.2-5

Conta-se que Pompeu ficou muito admirado ao ver que o Templo de Jerusalém não continha imagens, nem mesmo a do Deus Jeová, e a grande perseguição por parte do imperador filósofo Marco Aurélio, segundo o historiador luterano Mosheim, ocorreu por serem os cristãos "considerados ateus, porque não possuíam templos, nem altares, nem vítimas, nem sacerdotes, nem pompa alguma na qual o povo julgava consistir a essência da religião".

Como dissemos, a hierarquia deve ter recebido de bom grado o ato de tolerância de Constantino, produzido com a manifesta intenção de aumentar os seus adeptos, influência e poderio. Muitos ídolos do paganismo incorporaram-se à Igreja Católica, e hoje sobrevivem com outros nomes:

A estátua de Pedro que se venera no Vaticano é de Júpiter Tonante (o principal "deus" da mitologia romana), e muitas estátuas há, também, como as de Juno, Cibele, Vénus, Diana, que foram balizadas com o nome de Maria e de outras santas. Do nome de uma matrona romana — Undecimilia — fizeram as "Onze Mil Virgens", consequência da etimologia da palavra latina.⁵⁴

Foi no sétimo concílio da Igreja, reunido em Nicéia, em 787, o segundo ali realizado, convocado pela Imperatriz Irene, que se assentou definitivamente o culto aos santos e às imagens, num sinal evidente de que a paganização avançava, e a Igreja se afastava cada vez mais da Lei de Deus. Hoje, embora a Bíblia de tradução católica não deixe de possuir o texto que encabeça este capítulo (Êxodo 20), com a sua total proibição, os ensinamentos errôneos continuam, e muitos católicos confiam mais nos santos do que no próprio Senhor Jesus.

Santo Agostinho, na sua obra *Cidade de Deus* condena tal prática: "Não tenhamos religião que preste culto aos mortos; não lhes construamos templos"; pois ele já notava certa tendência à acentuação desse grande erro. Toda idolatria é condenada pela Palavra de Deus.

Quando se lhes condenam a adoração dos santos, sofismam: "Não. Nós não adoramos imagens. Tributamos diante das imagens um culto de veneração aos santos que as imagens representam". Mas a Palavra de Deus é clara quando diz: "Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás diante delas, nem as servirás (...)" (Ex 20.4,5).

Para justificar o erro, o jesuitismo teve a sutileza, a artimanha, o sofisma de dividir o culto em três categorias: latria, dulia e hiper-dulia. Para Deus, para os santos e para a Virgem Maria. Mas o culto às imagens confirma-se até pelo próprio papa. O Papa Paulo VI foi à Cova da Iria em comemoração ao cinquentenário das "aparições" de Fátima, onde, de joelhos, cultuou a imagem da santa. Não se pode negar que seja adoração a ídolo.⁵⁵

A Bíblia condena com veemência a idolatria de um modo geral, sendo até difícil citar um entre tantos textos. A Bíblia Católica tem dois Salmos 10 e dois 113, talvez com a intenção deliberada de confundir. O segundo 113 corresponde ao 115 de todas as demais Bíblias, que diz (Versão Revisada, IBB):

Porque perguntariam as nações: Onde está o seu Deus? Mas o nosso Deus está nos céus; ele faz tudo o que lhe apraz. Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos do homem.

Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram; têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. Semelhantes a eles sejam os que os fazem, e todos os que neles confiam.

A perturbação das nações, os infortúnios, as intempéries, o desgoverno, as falcaturas na administração, a corrupção, toda espécie de males que acontecem, umas nações mais infelizes, outras menos, tudo isso está inquestionavelmente relacionado com a alma do povo. "Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor, o povo que ele escolheu para sua herança. O Senhor olha lá do céu; vê todos os filhos dos homens; da sua morada observa todos os moradores da terra (...)" (SI 33.12 em diante). Esse maravilhoso Salmo prossegue enaltecendo o amor de Deus e o cuidado que ele tem com as nações que o respeitam. Não é preciso que uma pessoa tenha cultura acima da média para notar a diferença de desenvolvimento entre as nações de maioria protestante e as de maioria católica. (Este assunto é tratado de forma mais extensa no capítulo 18.)

O Papa João XV, cujo pontificado estendeu-se de 985 a 996, canonizou o primeiro santo da Igreja, Ulderico, bispo de Hamburgo, falecido em 973.⁵⁶ Depois disso foram canonizados centenas deles, de modo que há, no mínimo, um santo para cada dia, e, não raro, muitos são comemorados num mesmo dia.

Há poucos anos, o Papa Paulo VI retirou do calendário alguns deles, "pouco conhecidos ou duvidosos", como Santa Catarina de Alexandria e "São" Jorge, este considerado padroeiro da Inglaterra e, como se sabe, venerado também no Brasil (mais tarde, em outro ato, São Jorge ficou "valendo" só para a Inglaterra; isto é, foi "reconduzido"). Pergunta-se: e como ficam as igrejas católicas que têm o nome do "santo cassado"? e que servem ao sincretismo e sobretudo ao espiritismo? Estarão os seus devotos adorando santo que não existe? Também foram proscritos Nicolau, padroeiro dos marinheiros; Cristóvão, dos motoristas; Bárbara, dos fogueteiros e artilheiros; Praxedes, Prudêncio, Isabel de Portugal, Euzébio, Sabina, Anastácia, Crisógomo e outros. Como fica a infalibilidade diante dos papas que canonizaram esses santos? Ou não foram canonizados e assim mesmo pertenciam à liturgia? E se não pertenciam à liturgia, como eram eles reverenciados? E se continuarem reverenciados depois de suprimidos? Como ficam as igrejas de São Jorge, principalmente onde predominam o espiritismo e as seitas de origem africana? E os padroeiros de Nápoles, da Universidade de Paris, dos motoristas? Como fica a obediência ao papa?

Um fato profundamente lamentável são as duas faces da Igreja Católica. Todo mundo sabe que há dois catolicismos. Um para o homem rude e outro para os cultos; um para as pessoas ricas e outro para as pessoas pobres, para os ingênuos e para os menos ingênuos. E mais: a Igreja Romana fomenta as superstições. Mas há um ditado: "Conhecerás o grau de tua civilização pelo número de tuas superstições".

Não existe um crente evangélico ou protestante supersticioso. É a condição indispensável. Os que se dizem crentes e são supersticiosos não crêem na Bíblia, não têm a fé exigida pelas Escrituras. Estão mentindo, enganando-se a si próprios.

Os padres são homens cultos, estudam muitos anos, passam por duras provas, têm que "provar" que o pão e o vinho se transubstanciam. Devemos considerá-los "pouco civilizados?" Ou têm certeza de seus erros, dos erros do catolicismo, e continuam a contribuir para o desenvolvimento das superstições? Com que finalidade? Alguém em sã consciência pode conceber uma medalha milagrosa? Na Rua Santa Amélia, no Rio de Janeiro, existe um "Santuário da Medalha Milagrosa". Que poderes terá essa medalha? De onde virá esse poder milagreiro?

Um ex-padre informou que certo bispo da cidade de Mariana, em sua presença, depois de pregar na igreja sobre Maria, e explicando a súplica: "Ó Maria, rogai por nós que recorreremos a vós", distribuiu umas tiras de papel com as iniciais dessa invocação, entre as senhoras da cidade, conhecida como a "Atenas de Minas Gerais", aconselhando-as — e isso do púlpito, da tribuna sagrada — a engolir aquela oração quando se achassem em dificuldades de parto, para serem felizes em suas *délivrances*[^]

Há muitas coisas que desprestigiam e desmoralizam a Igreja que se diz fundada por Jesus, principalmente no âmbito da superstição: o valor dos ídolos, antes e depois do benzimento, os patuás, as verônicas, as "aparições", as santas que choram. (Há alguns anos, num bairro de classe média do Rio de Janeiro, havia uma igreja de Fátima, cuja imagem "chorava"; descoberto o embuste, veio a confissão do padre: "precisava de dinheiro para a construção do templo".) Mas em muitas ocasiões os próprios padres não acreditam no que ensinam. Por exemplo: Toda igreja que se preza possui um pára-raios. Ora, o pára-raios foi inventado por um "maldito" protestante. Porém mais vale o invento do protestante do que o poder do "santo" ou "santa" padroeira, seja do Carmo, de Fátima, de Aparecida, ou outro santo qualquer. É uma confissão de impotência dos santos.

O Celibato — A Tonsura

É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, temperante, sóbrio, ordeiro, hospitaleiro, apto para ensinar.

ITimóteo 3.2

É forçoso insistir nos desvios do catolicismo, que o invalidam como religião ensinada pelo Senhor Jesus, por não transformar a vida das pessoas, por estar afastado do poder e da atuação do Espírito Santo de Deus, por constituir, enfim, verdadeira inutilidade para os fins que tem em meta. O catolicismo não tem mensagem, pois a mensagem do Evangelho é única, do primeiro ao último livro da Bíblia: "Só Jesus Cristo salva". Esse é o recado dos crentes, nos trabalhos de evangelismo nas praças públicas, nos púlpitos, nas reuniões, nas convenções, na cidade, no campo, no trabalho, nas folgas. Sempre! Eis a mensagem única do cristianismo autêntico, ensinada por Jesus, pregada por João Batista, por todos os apóstolos com sinceridade de coração: Jesus Cristo é o caminho, a verdade, a vida (Jo 14.6); "(...) há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (ITm 2.5); "E em nenhum outro há salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, em que devamos ser salvos" (At 4.12). Há tantas outras belíssimas citações que o catolicismo esconde.

Seria necessário repetir que não se encontra a atuação do Espírito Santo entre os católicos? Os católicos praticantes são pessoas de bem, boas, honestas, bem-intencionadas, mas infelizmente estão longe, muito longe, das verdades do Novo Testamento, pelo mau ensino, pelo mau testemunho dos sacerdotes, pela falta de confiança que inspiram. Como veremos em outros capítulos, há uma infinidade de maus padres, bispos, cardeais e papas.

Jesus fazia citações das Escrituras em suas pregações, referindo-se a muitos personagens do Antigo Testamento. Certa ocasião, combatendo os que duvidavam, disse: "Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus" (Mt 22.29). Eis a revelação de uma das suas últimas recomendações aos que o aceitaram como Salvador único e suficiente: "Ouvi outra voz do céu dizer: Sai dela, povo meu, para que não sejas participante dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas" (Ap 18.4).

O celibato foi instituído por Calisto II, em 1223, e é mais uma aberração e grande inconveniente, inibidor também do crescimento do número de sacerdotes católicos e motivo de escândalos na Igreja, pelos desvios sexuais. Este é um problema seríssimo, que tem levado centenas de padres, e até mesmo bispos, às barras dos tribunais. Maior absurdo é o fato de um grande número de vítimas serem menores, em geral alunos de colégios católicos. Nos recortes de noticiários, que coligimos durante alguns anos, constam muitos nomes de prelados envolvidos em abusos sexuais de menores.

Só para mencionar os últimos acontecimentos, no dia 18 de junho de 1993, o *Daily News*, de Nova Iorque, publicou que "numa reunião de bispos católicos, no dia 17, foi criado um Comité Nacional Sobre Abuso Sexual de Crianças por Padres. O oficiante alertou que a má conduta sexual está destruindo a confiança na Igreja (...)". O Bispo John Kinney afirmou que "levar o assunto de abuso sexual a público pode ser desagradável e confuso, mas talvez só assim se poderá restaurar a confiança na Igreja". E mais:

Quando mais ou menos 250 bispos começaram a discutir sobre o assunto, membros de um grupo chamado "Grupo Sobrevivente dos Abusados por Padres" (SNAP) tentaram entrar na sala, mas foram impedidos pela segurança do hotel (...)

*Está estimado que 400 padres têm sido convictos ou acusados de má conduta sexual nos últimos anos (nos Estados Unidos) (...) O reverendo Andrew Greeley, respeitado autor e sociologista, estima que a Igreja Católica gasta 50 milhões de dólares por ano com terapia para os sacerdotes e danos às vítimas.*⁵⁸

No Brasil, a imprensa divulgou que em sua viagem aos Estados Unidos, depois da publicação das notícias acima, João Paulo II ficou seriamente preocupado com as despesas da Igreja com o pagamento de indenizações às vítimas de abuso sexual por parte de padres.⁵⁹

No princípio, praticavam-se os métodos e os ensinamentos do Novo Testamento. Diz um historiador católico que antigamente "o bispo (intendente) era escolhido entre os fiéis, leigos e sacerdotes, batizados e doutrinados na mesma igreja, a fim de que o pastor conhecesse as suas ovelhas e fosse conhecido delas. Não devia ter mais de uma mulher, era preciso também que fosse conhecido como homem de bem e pai de família exemplar",⁶⁰ justamente como diz ITimóteo 3.2.

Muitos padres se têm levantado contra o celibato, numa demonstração de coerência. Além de ser um ensinamento santo das Escrituras Sagradas, é também um princípio de lógica. Como pode ser conselheiro de casais quem não conhece a vida matrimonial? (Sem contar que é um induzimento ao adultério e aos escândalos sexuais, como vimos acima.)

Uma pessoa honesta consigo mesma e que, conhecedora de sua natureza, sabe que não pode controlar os seus impulsos, naturalmente não aceitaria o sacerdócio, ou, se não fosse honesta, talvez aceitasse justamente pela facilidade de conseguir seus fins, já que o confessionário é uma porta aberta. Além do mais, o confessionário é um convite permanente à incontinência.

Um ex-padre, defensor ardoroso do casamento para os sacerdotes, explica com singeleza as possíveis razões por que o catolicismo mantém o celibato do clero: "O casamento do clero supõe a morte do confessionário. Ninguém quererá se confessar com um padre casado: o segredo da confissão será revelado à esposa do confessor".⁶¹ cremos que é puro engano. É notório que muitos padres são surpreendidos em práticas sexuais, e nem sempre próprias do elemento masculino, o que é pior (Romanos 1.27).

Em abril de 1971, em São Francisco, Califórnia, por 494 votos contra e seis a favor, uma assembleia de sacerdotes e dirigentes leigos da Arquidiocese pronunciou-se contra o celibato obrigatório.⁶²

*Dos 434.541 padres existentes no mundo, 8.287 pediram dispensa das obrigações sacerdotais. Calcula-se que mais de uma terça parte (2.800) dos padres saíram sem dispensa (...) Se continuar no mesmo ritmo, calcula-se que, entre 1970 e 1975, 20.700 sacerdotes sairão, com diminuição de 1.000 por ano. A razão predominante é o celibato. Setenta e cinco por cento dos que pediram dispensa deram esse motivo.*⁶³

Como já dissemos, e voltamos a repetir com tristeza, a Igreja Católica está muito distante de ser dirigida pelo Espírito Santo. Seus atos aberrantes e contraditórios maculam os Evangelhos e entristecem profundamente os crentes, que vêm nisso um grande menosprezo ao sacrifício redimidor de Jesus, o Senhor.

Mas o Espírito expressamente diz que em tempos posteriores alguns apostatarão da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demónios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras e têm a sua própria consciência cautelizada, proibindo o casamento, e ordenando a abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças pelos que são fiéis e que confezem bem a verdade.

(ITm 4.1-3)

Não são nossas as palavras acima, que falam em "espíritos enganadores" e em "doutrinas de demónios", mas parecem ser uma verdade transparente.

A "tonsura", que se constituiu um obstáculo às aventuras sigilosas dos maus padres, também é uma reminiscência do paganismo e foi criada em 610 pelo Papa Bonifácio IV. "É um outro legado dos costumes pagãos. Assim procediam os sacerdotes de Ísis. Os sacerdotes de Osíris, o Baco egípcio, sempre se distinguiram pela rapadela das cabeças. Os sacerdotes da Roma pagã, da Índia e da China seguiam o mesmo hábito."⁶⁴

Não resta dúvida de que a coroinha em forma de zero na cabeça representava um grande incômodo para certas aventuras. "Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio (...)" (Gl 5.22,23). Todas as virtudes mencionadas, sobretudo o autodomínio, são atributos dos crentes, dos cristãos espirituais. Jesus, uma única vez, fez uma pregação mais forte e mandou até que o "crente" fosse eliminado. Foi no caso de um mau testemunho. Jesus reputou o mau testemunho o pior defeito do cristão: "Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar" (Mt 18.6). Mais vale uma vida digna do que mil palavras do pregador.

Na senda da criação de novidades, e contrariando os mais elementares princípios evangélicos, a Igreja Católica se esmera. Assim foi que criou também a hóstia por decreto, por volta do ano 700, com forma esférica, como o zero, igual à tonsura. Trata-se de mais uma cópia do paganismo, pois os egípcios já a produziam antes, sob a forma esférica, simbolizando o Sol, o seu deus Rá.⁶⁵

As Perseguições — A Inquisição

Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade.

2Coríntios 3.17

Podemos dizer que o espírito da Inquisição nasceu no tempo de Constantino. Na segunda década do século IV, depois de já se terem desviado sobremaneira dos ensinamentos de Jesus, os "cristãos" passaram a receber o nome de "católicos".

Como se sabe, o Império Romano foi o último dos quatro previstos por Daniel no capítulo 2 de seu livro, ao interpretar o sonho de Nabucodonozor. Constantino queria por todos os meios manter a unidade do império, e não convinha que a religião que adotara não se configurasse nesse esquema. Até a organização da hierarquia e a união entre a Igreja e o Estado, todas as perseguições aos crentes tinham sido empreendidas pelo judaísmo e pelos imperadores pagãos. Com o prestígio e apoio do imperador, os cristãos nominais, com o fito de alcançarem a unidade, de acordo com os princípios imperiais, começaram a perseguir os que insistiam em permanecer fiéis. Adquiriram, pois, a postura da universalidade e do poderio do Império Romano. A palavra *católico* deriva do grego *katholikós*, "universal". Assim surgiu o catolicismo romano, de pretensa universalidade, que, com o tempo, foi pouco a pouco se transformando em poder temporal absoluto. Nas palavras do Padre José Bernard, S.J., aconteceu "como resultado da unificação de duas instituições, uma eclesiástica e outra civil (...) a inquisição constituiu-se pois pela reunião do Tribunal do Santo Ofício com o tribunal civil". Tinha ambos os "braços".⁶⁶

Com muita facilidade ficaram para trás os preceitos de Jesus: "O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei" (Jo 15.12).

Poder-se-á notar, à primeira vista, que os que aderiram à oficialização, à "catolicidade", não eram pessoas convertidas; ao contrário: eram aqueles que Jesus Cristo previra e mencionara a João na Ilha de Patmos:

Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias; e deu-se-lhe autoridade para atuar por quarenta e dois meses. E abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome e do seu tabernáculo e dos que habitam no céu. Também lhe foi permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los (...) As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.

(Ap 13.5-7, 17.9)

Todos sabem que Roma é a cidade das sete colinas, chamadas Quirinal, Viminal, Esquilino, Célio, Aventino, Palatino e Capito-lino. Seria muita coincidência se o texto não se referisse especificamente ao catolicismo romano. E mais: "(...) estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas (...)" (Ap 17.4).

A teoria da perseguição foi estabelecida por Teodósio, numa confirmação das pretensões de Constantino, 70 anos antes. Ele convocou o Senado, em Roma, que aceitou a sugestão do imperador de que só houvesse uma religião legal. Então, os que intentavam pregar suas doutrinas ou praticavam ritos não condizentes com o catolicismo deviam sofrer o confisco de seus bens e o desterro. Toda reunião de "hereges" ficava proibida. Já nessa época, alguns foram condenados à morte. A mesma pena foi atribuída

a alguns que insistiam em celebrar a páscoa de acordo com o costume judaico. O cargo de "inquisidor da fé" foi instituído pela primeira vez nesse reinado.⁶⁷ Máximo, porém, foi o primeiro príncipe "cristão" que tornou cruel a perseguição aos não-católicos, e as suas primeiras vítimas foram sete membros da seita dos pris-cilianos, torturados, condenados e executados. Um dos executados foi o próprio Prisciliano, bispo de Ávila, na Espanha, dono de grande fortuna, dotes naturais de eloquência e saber; dois diáconos e dois presbíteros acompanharam seu mestre até a morte. Depois, o poeta Latroniano, cuja fama rivalizava com a dos antigos; Eucrécia, nobre matrona de Bordéus; e dois bispos que haviam abraçado os ensinamentos de Prisciliano, condenados ao desterro.⁶⁸

Agostinho (354-430 AD) também não tolerou os donatistas (seguidores do bispo Donato, o qual, no século IV, não concordava com o catolicismo nascente). Ele não entendeu a explicação do Senhor Jesus, quando disse: "Sai pelos caminhos e valados, e obriga-os a entrar, para que a minha casa se encha" (Lc 14.23). Temos de analisar a Palavra de Deus, não ao pé da letra, mas o texto pelo contexto. Como é possível que Aquele que nos ama com amor maior do que o amor de mãe (Is 49.15), Aquele que "amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito (...)" (Jo 3.16) para morrer por nós, o Único Advogado que nos defende em todos os pecados (Uoão 2.1), como é possível que ele pensasse em uma chibata, um instrumento de suplício ou em qualquer outro meio coercitivo para mudar a nossa consciência? Agostinho pensava em coação só por um motivo, e todos os crentes sabem qual: a ausência de conversão genuína, a ausência do Consolador, a ausência da direção pelo Espírito Santo de Deus. Agostinho, pois, foi um dos causadores do emprego de violência atroz na instituição católica que nasceria com o nome de Santa Inquisição, sistema de despotismo espiritual, de intolerância, de perseguições, de denúncias anônimas, sem direito a defesa.

Sempre houve grupos liderados por alguém que não se submetia aos erros, e, em geral, os seguidores recebiam de seus inimigos o nome dos seus líderes (como os donatistas, por exemplo). Eram os novacianos, os montanistas, os puritanos, os cátaros, os paulicianos, os arnoldenses, os valdenses etc, que não apareceram a rigor nesta ordem. Todos esses grupos tiveram sérios problemas com os cristãos nominais, mesmo antes da oficialização da perseguição pela Igreja Católica.

A Inquisição propriamente dita, ou Santo Ofício, foi instituída em 1184, durante o Concílio de Verona, cidade para onde o Papa Lúcio III fugira dos romanos revoltosos. A finalidade era "investigar e combater as heresias". Nessa ocasião, ordenou-se aos bispos lombardos que se entregassem à justiça os "heréticos" que se recusassem a "converter-se". A Inquisição estabeleceu suas bases no Languedoc, contra os albigenses, e em seguida estendeu-se a toda a cristandade. Na França teve seu princípio no século XIII,⁶⁹ mas não pôde manter-se nesse país.

Na Itália, a maior vítima da ignorância do catolicismo, que todos nós conhecemos, foi Galileu. Não adianta reconhecer mais tarde os erros e pedir desculpas ao mundo. Quem é digno do pedido de desculpas, infelizmente, não está mais entre nós para ouvi-lo.

Na Espanha, onde tomou o nome de Santo Ofício, criou raízes e tornou-se uma organização poderosíssima. Qualquer pessoa que tenha um conhecimento superficial de história terá ouvido falar em dois dominicanos diabólicos, Torquemada, o mais velho (1420-1498), e Ximenes (1436-1517), famosos pela crueldade com que tratavam suas vítimas.

A principal característica do modo de proceder da Inquisição era o segredo absoluto da instrução judiciária. Ela só entendia de coisas de fato. O direito era desconhecido.

Os bispos inquisidores, cujas atribuições receberam por ocasião do concílio,

tinham por obrigação visitar duas vezes por ano as paróquias suspeitas de heresia pertencentes à sua diocese. Se no ano seguinte as "heresias" continuassem a proliferar, a Igreja enviava eclesiásticos menos graduados para os "lugares infectos".

Com o passar do tempo, a nefanda organização desenvolveu um regulamento diabólico, próprio, que orientava a maneira de conduzir os processos. As investigações começavam com a publicação do "edito de graça", que convocava a população local a confessar as suas faltas ou a denunciar as faltas alheias. Qualquer tipo de denúncia era acolhido, mesmo as anónimas. Não se permitia ao acusado saber a natureza do seu crime, nem o nome do denunciante, e as penas... Ah! as penas eram o mais cruéis e prolongadas possível, e as mais variadas, da mesquinhez do próprio diabo: torturas, trabalhos forçados, degredo, garrote ou morte lenta na fogueira e o confisco de bens, que passavam para o Santo Ofício (provavelmente, para remunerar o trabalho dos juizes que condenavam os hereges).

Na Espanha foi onde atuou com mais força, embora tenha estado ativa na França, na Alemanha, na Itália e em Portugal. Até o Brasil teve as suas vítimas; no mínimo, uma família inteira, como veremos adiante.

Na Espanha, a Inquisição foi oficialmente estabelecida nos reinos de Castela, Aragão e Navarra, a pedido dos reis católicos Fernando e Isabel, em 1 ? de novembro de 1478, por meio da bula do Papa Xisto IV. Foi usada para fins políticos, com muito exagero, quando os tribunais já estavam quase extintos em toda a Europa, e foi especialmente dirigida contra os cristãos-novos, como chamavam aos judeus então.

Em julho de 1979, cerca de duas mil ossadas humanas foram descobertas por acaso atrás de uma parede falsa da igreja de Nossa Senhora de Granada, provavelmente vítimas da inquisição, na cidade de Lherena, na província espanhola de Badajoz. Essa cidade, durante um século, foi sede dos temíveis tribunais da inquisição com jurisdição sobre todo o Oeste e Sudoeste da Espanha. Segundo os peritos, as ossadas pertencem a pessoas que viveram há 400 ou 500 anos, justamente um dos períodos mais severos do Santo Ofício. A parede falsa que ficava junto à escadaria que leva à torre principal desabou pelas batidas das marretas dos operários que removiam parte do piso. Os primeiros exames revelaram que a grande maioria das ossadas tinha vestígio de fogo, um dos métodos mais comuns de condenação para castigar os "impuros" ou as pessoas que eram acusadas de feitiçarias. Havia, porém, cerca de trinta cadáveres perfeitamente mumificados, o que leva a crer que são de pessoas emparedadas vivas, e preservadas pelo baixo nível de umidade da região.⁷⁰

Abraão de Almeida, ilustre jornalista e professor de Teologia, em seu livro *A Reforma Protestante*, editado em 1983 pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, conta horripilante história acontecida na Espanha:

Os nefandos tribunais espanhóis do "Santo Ofício" somente foram fechados no início do século XIX, com as conquistas de Napoleão Bonaparte. É interessante saber como desapareceu o último baluarte da sanguinária inquisição espanhola. Distante cerca de uma milha de Madri erguia-se o edifício da inquisição, rodeado de um forte muro defendido por uma companhia de soldados. O coronel dirigiu-se a uma das sentinelas e exigiu que fossem abertas as portas ao exército imperial. Observou-se, então, como a sentinela falava com alguém do lado de dentro. Voltando-se, porém, ela travou da sua espingarda, desfechando-a contra um dos soldados do coronel. Estava dado o sinal para o ataque. Aberto que tinham uma brecha no muro, as tropas imperiais por ela se precipitaram no interior do edificio. O inquisidor geral saiu-lhes ao encontro

com as vestes sacer dotais, acompanhado dos confessores, com os braços cruzados sobre o peito, e em atitude de quem nada vira ou ouvira. E, voltando-se para os próprios soldados, os repreendeu, dizendo: "Por que pelejais com nossos amigos, os franceses?" Pretendiam com isso, talvez, distrair o cuidado das tropas e obter assim uma oportunidade para fugir; imediatamente, porém, foram presos e submetidos a severa vigilância. Procedeu então o coronel a uma busca rigorosa em todo o edifício. Caminhando de sala em sala, encontrou tudo na melhor ordem. As salas, ricamente ornamentadas com altares, crucifixos e velas, não apresentavam indício de qualquer irregularidade. Ornavam as paredes telas, notando-se também uma rica e bem zelada biblioteca. O teto era de madeira, finamente polida, e o assoalho composto de lâjeas de mármore mui regularmente dispostas. Onde estavam, porém, aqueles temíveis instrumentos de tortura de que tanta suspeita havia e as masmorras, onde se dizia estarem as vítimas sepultadas vivas?

Afirmavam os sacerdotes solenemente ao coronel que ele tinha sido iludido, ou pelo menos mal informado. Lamanowsky começava já a afrouxar nas suas pesquisas quando adiantando--se de Lile, coronel de um dos regimentos que se lhe haviam agregado, assim lhe falou: "Coronel, é a vós que compete o mando hoje; permiti, porém, que vos dê um conselho. Ordenai que se deite água sobre o assoalho e verifiquemos se não existe alhures um escoadouro."

"Farei o que entendeis" respondeu-lhe Lamanowsky, e minutos depois as belas e polidas lâjeas de mármore eram alagadas, com grande susto dos inquisidores. Imediatamente de Lile descobriu um sítio por onde a água se escoava rapidamente e disse: "Isto aqui tem que abrir-se." Para ele logo acudiram os oficiais e os soldados, e com a ponta de suas baionetas e espadas começaram a limpar as juntas a fim de levantar a lâjea, mas não era possível. Alguns soldados tentaram quebrá-la a poder de coronhadas, mas sem resultados. Era de ver então as lamúrias dos inquisidores por causa da profanação de sua bela casa. De repente um dos soldados, dando com a coroa de sua espingarda sobre uma mola oculta, fez saltar a lâjea. Os inquisidores empalideceram como Belsazar na noite em que na parede do palácio foram escritas aquelas palavras misteriosas; tremia-lhes o corpo inteiro. Por baixo da lâjea havia uma escada. O coronel, chegando-se a um altar, dele tirou uma grande vela para alumiar o subterrâneo. Um dos inquisidores, porém, pondo-lhe de manso a mão sobre o braço, quis impedi-lo no seu intento, dizendo--lhe com um olhar sério: "Filho meu, não deveis tocar nestas velas com as vossas mãos manchadas de sangue, porque elas são santas."

"Não importa", respondeu o coronel, "é coisa santa também espalhar a luz sobre a iniquidade; tomo sobre mim a responsabilidade". E, pegando a vela, foi descendo a escada. Ao chegarem lá embaixo encontraram-se numa vasta sala retangular, denominada a sala do juízo. Ao meio dessa sala havia um bloco com uma corrente a que se costumava acorrentar os acusados. De um lado havia um assento elevado, o qual era ocupado pelo inquisidor geral. De cada lado estavam dispostos ainda outros assentos destinados aos padres que se ocupavam da inquisição.

Uma porta que saía da sala, à direita, dava acesso a um grande número de celas que se estendiam em todo o comprimento do edifício; foi aqui que se lhes depararam as mais dolorosas cenas. Essas celas eram as prisões onde as pobres vítimas permaneciam encarceradas durante anos até que a morte as vinha libertar de seus sofrimentos. Os seus corpos eram aí deixados até estarem consumidos e as celas estarem outra vez em condições de receber novas vítimas. Para desviar o mau cheiro desse subterrâneo, haviam sido dispostos tubos que conduziam ao ar livre, afastando para a distância conveniente o ar infecto que ali se produzia. Nessas velhas celas

foram encontrados cadáveres de pessoas mortas de pouco tempo, ao passo que em outras só restavam as ossadas, presas ainda às suas cadeias. Em algumas celas, porém, foram encontrados prisioneiros ainda vivos, pessoas de ambos os sexos e de todas as idades, completamente nuas e presas com correntes. Imediatamente os soldados começaram a libertá-las das cadeias e, cobrindo-as com os seus capotes, queriam conduzi-las à luz, no que, porém, foram impedidos pelo coronel, que, reconhecendo o perigo que nisso havia, ordenou que se lhes dessem primeiramente de comer e que depois fossem gradualmente levadas para fora. Prossegue a triste história o professor Abraão de Almeida: Continuavam, entretanto, as pesquisas. Em uma sala de ala descobriram os instrumentos com que eram torturadas as vítimas. Consistia o primeiro em uma máquina em que era atado o indivíduo, sendolhe então quebrados os ossos, um após outro, primeiramente os dedos, depois as mãos e os braços, e finalmente o corpo até estar completamente morto. O segundo era um caixão em que o pescoço e a cabeça do indivíduo eram por tal forma atarraxados, que ele não podia mais movê-los. De cima do caixão estava suspenso um reservatório de água, do qual, de segundo em segundo, vinha cair-lhe uma gota sobre a cabeça. Cada gota seguinte vinha cair-lhe no mesmo lugar, causando-lhe desse modo as mais horríveis torturas. O terceiro instrumento era uma máquina infernal, de disposição horizontal, sobre a qual a vítima era amarrada e colocada entre duas vigas crivadas de facas, sendo retalhada em miúdos pedaços. [Tudo previsto no Evangelho de João 16.2,3.]

A vista desses instrumentos infernais, prova da mais requintada crueldade, a ira dos soldados não teve limites. Resolveuse que cada um dos inquisidores devia ser morto por um daqueles instrumentos. O furor era indomável, e o coronel não se opôs. Um dos inquisidores foi imediatamente morto na máquina de quebrar ossos. Um outro foi submetido à tortura da gota de água, chegando a suplicar com lágrimas que o poupassem de tão horríveis sofrimentos. Chegou, enfim, a vez do inquisidor geral, que foi conduzido perante a virgem. Pediu por sua vez com insistência que o poupassem daquele horrível amplexo. "Não" — foi a resposta dos soldados; "obrigaste outros a osculá-la, agora deves fazê-lo também", e, cruzando as baionetas, o empurraram para dentro do círculo fatal. A bela virgem, apertando em seus braços, retalhou em mil pedaços. O coronel teve uma vertigem à vista dessas cenas e abandonou aos soldados a execução da vingança sobre os habitantes daquela casa.

Entretanto, a notícia do assalto à casa da Inquisição havia chegado a Madri e grande multidão se dirigiu para ali. Que movimento de vida! Parecia uma ressurreição. Um cem pessoas, que haviam sido sepultadas como mortas, eram agora restituídas aos seus queridos. Havia pais que tornaram a achar seus filhos, mulheres que tomaram a ver seus maridos, e filhos que tornaram a abraçar seus pais. Poucos eram aqueles que não tinham ao menos um amigo no meio daquela multidão. Nenhuma pena teria podido escrever aquela tocante cena. Dispersada a multidão, o coronel ordenou a retirada da casa da Inquisição de todos os objetos de valor, mandando trazer da cidade uma grande quantidade de pólvora, que foi acondicionada no porão, e minutos depois o belo edifício voava majestosamente aos ares, caindo em um montão de ruínas. O sítio da Inquisição espanhola desapareceu!⁷¹

No Brasil, a Inquisição também deixou as suas marcas. Antônio José da Silva nasceu em maio de 1705, em Irajá, no Rio de Janeiro. Era filho de judeus que, pela imposição do catolicismo romano, se tornaram cristãos-novos, convertidos à força. Mas uma tradição milenar de convicções mosaicas arraigadas nas consciências não se transforma com a força da prepotência. Domina-se o corpo, os atos aparentes, mas o íntimo é protegido pelo Criador. É o livre-arbítrio.

Seus pais, o advogado João Mendes da Silva, e sua mãe, D. Lourença Coutinho, chegaram a Lisboa com os seus dois irmãos em 1712 e foram presos por ordem do "Santo Ofício", acusados de práticas judaicas.

Com o passar do tempo, António José casou-se com Leonor Maria de Carvalho, de cuja união nascera uma menina que recebeu o nome da avó: Lourença. António José, advogado como o pai, ganhava a vida com sua profissão e tornou-se produtor teatral de renome e poeta elogiado. Praticava todos os sinais exteriores do catolicismo romano.

No dia 5 de outubro de 1737, mediante delato de uma certa senhora Catarina Brandão, foi preso incomunicável, sob acusação de "herege" da nossa "santa religião católica". Em 16 de outubro de 1739, foi condenado à morte e confiscados todos os seus bens. A prisão aconteceu durante um ritual de Yom Kippur. António José foi submetido a uma série de interrogatórios. Perguntaram--lhe se conhecia a razão de sua prisão. Não a conhecia. Perguntaram a respeito dos ritos judaicos. Também não sabia de nada. Ficou alguns meses sem ser interrogado. Um dia suspeitaram que estava praticando jejum no cárcere. Foi espionado durante dois meses, com revezamento dos espões de seis em seis horas. Depois os inquisidores mudaram de tática. Introduziram em sua cela outro prisioneiro encarregado de captar a sua confiança em troca da dimi nuição da pena ou até mesmo do perdão. Seu companheiro de cela declarou aos inquisidores que António José o convidara a jejuar. Colocaram um segundo espião, o qual declarou às autoridades que António José ria das orações cristãs e exortava seu companheiro a seguir as leis de Moisés. Então reativaram o seu processo. Foi chamado à presença dos juízes e voltou à sua cela sem ter conhecimento da sentença. Por fim, aos 17 de outubro de 1739, veio a saber que seria executado no dia seguinte. Foi garroteado e levado à fogueira. Muitos enfrentaram vivos as chamas "purificadoras" da Inquisição. Sua mãe, irmãos e esposa, todos prisioneiros perpétuos, pelo "grande crime" de discordarem, ou sob suspeita de discordarem do catolicismo romano, foram obrigados a assistir ao suplício. Nesse 18 de outubro, o "auto-de-fé" apresentava um total de onze condenados à morte e quarenta e seis a penas de cárcere.⁷²

No capítulo 19 discorreremos sobre outras pessoas ilustres que foram condenadas e executadas pelos mesmos algozes que se intitulavam discípulos do Meigo Jesus de Nazaré.

A Bíblia Sagrada ou a Patrística?

Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.

2Timóteo 3.16

A Bíblia é a Palavra de Deus revelada aos homens por meio de homens que serviram de instrumento à Sua vontade, pelo Seu Espírito Santo. É uma biblioteca composta de 66 livros (39 no Antigo e 27 no Novo Testamento) que, no decorrer da Idade Média, sofreu duras perseguições da Igreja Católica. Em 1211, por exemplo, o bispo de Metz lamenta-va-se com o Papa Inocêncio III da existência de círculos de leigos, que à revelia das autoridades eclesiásticas liam as Escrituras; em 1229, o Sínodo de Toulouse proibiu a leitura de suas traduções; em 1234, o Sínodo de Tarragona ordenou o confisco de todas as traduções espanholas e mandou lançá-las na fogueira.

Katarina J. H. Paster, notável escritora, traduziu um documento que se acha arquivado na Biblioteca Nacional de Paris, fl. B, número 1088, vol. 2, páginas 641 e 650, documento esse que contém conselho dado ao Papa Júlio III pelos cardeais, na ocasião de sua eleição, em 1550. (O mesmo papa que conseguiu trazer o catolicismo de volta à Inglaterra, por pouco tempo, através da rainha católica Maria Tudor, a Sanguinária.)

De todos os conselhos que podemos oferecer à sua santidade, temos guardado o mais importante para o último. Temos de abrir bem os nossos olhos e exercitar toda a força possível no assunto, a saber: permitir a leitura do Evangelho o menos possível, especialmente na língua comum, em todos os países que estão abaixo de vossa jurisdição. Que seja o suficiente o muito pouco que é lido na missa; e não permitir que seja lido mais. Enquanto o povo se contentar com esse pouco, nossos interesses prosperarão, mas, logo que o povo tiver vontade de ler mais, os nossos interesses começarão a falhar. Este é o livro [a Bíblia] que mais do que qualquer outro tem levantado contra nós barulhos e tempestades pelos quais estamos quase perdidos. O fato é que, se qualquer pessoa examinar diligentemente e fizer comparações do ensino bíblico com o que se passa em nossas igrejas, logo achará discórdia e verá que o nosso ensino é muitas vezes diferente dele, e ainda mais vezes contrário a ele (...).

Em 1559, já se encontrava uma cláusula junto à menção de várias edições da Bíblia, no *index dos Livros Proibidos*, promulgada por Paulo IV: "Não se pode ler, imprimir ou possuir sem licença do Santo Ofício as edições da Bíblia em língua vulgar." Em 1664, era proibida "qualquer Bíblia traduzida em vernáculo" (revista católica *Angelicum*, 1947, volume XXIV, páginas 147-158, onde consta o artigo: "La chiesa e la versione della Scrittura in lingua volgare", da autoria de P. G. Duncker)." Há ainda um xingamento que em nada diminui o valor das Escrituras, regra de fé, orientação e prática dos cristãos genuínos; antes, pelo contrário, valoriza-as e mostra quanto o catolicismo está distante dos ensinamentos de Jesus: o Papa Leão XII, na Encíclica *Ubi Primum*, de 5 de maio de 1824, chama de *pestes* as Sociedades Bíblicas, por divulgarem, sem nenhuma censura, os Ensinos Sagrados, conforme a vontade do Espírito Santo na

ministração de Jesus e dos homens por ele inspirados.

Para reprimir a petulância, a fim de que ninguém, movido pela sua própria consciência nas coisas relativas à fé e aos costumes pertencentes à edificação das doutrinas cristãs (...) [quando ele diz cristãs, refere-se ao catolicismo] torça para o seu modo de entender a Sagrada Escritura, contrariando o sentido aceito pela Santa Madre Igreja, a quem cabe julgar o verdadeiro sentido e a verdadeira interpretação das Sagradas Escrituras, ou contrariando o unânime consenso dos padres. (Concílio de Trento, Sessão IV, de 8 de abril de 1546).

Esse é outro testemunho de que a Bíblia contraria grandemente aquilo que ensina o catolicismo.⁷⁴ Dizem-se representantes de Pedro, e no entanto contestam por completo o que ele deixou escrito: "(...) sabendo primeiramente isto: nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação. Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo" (2Pe 1.20,21). Deus deixou meios para que cada um de nós se aproprie, individualmente, de Seus ensinamentos, porque: "Então Pedro, tomando a palavra, disse: Na verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas" (At 10.34). Para Deus todos são iguais, todos são criaturas que podem tornar-se seus filhos por meio de Jesus Cristo (João 3.1)

A Bíblia é a Palavra de Deus revelada ao homem. Todas as doutrinas cristãs baseiam-se nessa revelação; ela é o registro fiel dessa revelação de Deus; é o código autorizado em tudo o que concerne à nossa fé e prática religiosa; é inspiração, isto é, a direção divina sobre os homens que a escreveram, porta-voz de Sua vontade, é Deus falando ao homem o que ele quer de cada um. A Bíblia é um livro que foi escrito por mais de 40 pessoas, no curso de mais de 1.000 anos; apesar das perseguições, chegou até nós preservada pela própria vontade de Deus, e encerra o suficiente, de forma pura e harmoniosa, para a salvação e edificação, isto é, para o crescimento espiritual de todos os que aderem com sinceridade de coração aos seus ensinamentos.

A Bíblia ensina história, embora não seja esse o seu fim; ensina ciência, arte, medicina, construção etc, mas é um livro essencialmente espiritual. Nos livros de Jó e de Isaías, ela menciona a "redondeza" da Terra, enquanto os homens pensaram o contrário por séculos a fio. Se os padres conhecessem o seu conteúdo, não teriam condenado tanta gente à fogueira, nem o grande Galileu, de Pisa. Certos textos bíblicos, que por algum tempo foram postos em dúvida, como a existência do Rei Sargão, foram esclarecidos por descobertas arqueológicas que vão confirmando o que se registra na Bíblia, sem nenhuma incoerência. E, se alguém não concorda com o que ela diz, a mudança acontecerá fatalmente — com o discordante, e não com ela.

Conta-se que ao tempo dos "enciclopedistas" do século XVIII, época em que o ateísmo tomou grande vulto, alguém sugeriu que se escrevesse sobre a Bíblia, numa tentativa de "desmoralizá-la"; logo apareceram mais de 50 trabalhos apontando contradições e incoerências. Hoje desmoralizadas, dizem que tais obras estão mofando no Museu do Louvre.

Por que a Igreja Católica se afastou tanto dos ensinamentos da Escrituras? Por que dão mais valor à Patrística, aos ensinamentos dos homens do que aos ensinamentos de Deus? Será que não leram "Maldito o varão que confia no homem (...)?" (Jr 17.5). Por que confiar mais na tradição do que naquilo que Jesus ensinou? A Bíblia chama de amigo "aquele que faz a vontade de Jesus". Gostaríamos de ser chamados de seus inimigos? Maldito o que modificar e ensinar erroneamente a doutrina cristã, como diz o último capítulo de Apocalipse Gostaríamos de ouvir nosso Salvador nos chamar de

malditos? de ouvi-lo dizer: "Apartai-vos de mim (...)?"

Tudo isso aconteceu porque todo afastamento dos princípios do Novo Testamento, por menor que seja, é sempre um desvio; esse desvio, como sabemos, começou com os judaizantes e prosseguiu com o batismo de crianças e, mais tarde, com a regeneração pelo batismo, com a oficialização da religião, como no paganismo — coisas mínimas como parecem e que, não obstante, causam grandes transtornos. Depois, como veremos, a hierarquia foi ganhando impulso, os poderes seculares, que atraíam incrédulos, compravam por dinheiro a chefia da Igreja e a peso de ouro os cargos rentáveis. Papas devassos, simoníacos, embriagados pelo poder, que queriam, como Inocêncio III, ser o próprio Deus, "Senhor Deus, o Papa"; três papas "bonzinhos" incluídos no "Inferno" de Dante; papas como Sisto, "o que não perdoaria nem a Cristo"; tudo isto será discutido no capítulo 17.

Estaremos escrevendo isso porque somos seus inimigos? Não! Nunca seremos inimigos dos padres, das freiras, dos bispos, dos monges, dos sacerdotes ou dos leigos. Oramos por eles, por todos os católicos que vivem distanciados dos ensinamentos de Jesus. Nós não os condenamos, absolutamente. É a Bíblia que condena tais desvios. Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6); "(...) nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1); "Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3.17). É preciso que saibamos o que Jesus quer de nós para que possamos fazer a Sua vontade.

Felizmente, hoje, o povo tem a Bíblia ao alcance da mão. Não se pode escamotear, não se pode sofismar. O povo está tendo discernimento e sabendo escolher, optando pelos Evangelhos. Pessoas convertem-se em todo o mundo. Na Coreia há uma igreja pentecostal, dividida em grupos, que tem arrolados quase 300 mil membros. As igrejas evangélicas vêm ganhando terreno na Indonésia, na Índia, na África de um modo geral, no Chile e em toda a América. Na China comunista calcula-se em 100 milhões o número de evangélicos. Há pouco tempo, na Índia, em um só dia, uma igreja batista batizou 20 mil pessoas. No Brasil, o crescimento é espantoso, exigindo "providências urgentes da Conferência Nacional de Bispos". Só no município de Nova Iguaçu, RJ, existem mais de mil igrejas e congregações evangélicas.

Os líderes católicos de todo o mundo sabem que sua Igreja está em processo de esvaziamento, que é enorme o número de pessoas que estão aceitando o verdadeiro batismo, o batismo de imersão, e não tomam providências. As providências seriam a volta do ensino bíblico, o fim dos escândalos de todo gênero, que envolvem sacerdotes no mundo inteiro, o fim do simonismo, do comércio secular no próprio Vaticano, das fraudes bancárias, dos roubos e falcaturas, das mentiras e enganar. Em anúncio oficial de viagem do papa aos Estados Unidos, declarou-se pretender ele falar sobre padres homossexuais e sobre abusos que causaram um rombo de 400 milhões de dólares nos cofres da Igreja Católica.⁷⁵

O ecumenismo pregado pela Igreja Católica recebeu um grande impulso nas décadas de 60 e 70. Muitos padres até retiraram alguns ídolos de suas igrejas, enchendo de esperança os menos avisados. Depois se verificou que o catolicismo não quer dar nada em troca. Prega um ecumenismo por meio do qual possa atrair evangélicos e protestantes. Na verdade, um grupo destes chegou a aceitar o batismo católico de aspersão. É o grupo dos que, na realidade, jamais abdicaram do que é católico, com exceção da autoridade do papa, que não aceitam. Mas existe um grupo fiel que não se deixou enganar; preferiu nunca trair o seu Salvador, Jesus, e ele não admite hierarquia entre os homens. Como já foi dito: "(...) Deus não faz acepção de pessoas" (At 10.34); "Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus"

(Mt 18.4); e ainda: "Mas o maior dentre vós há de ser vosso servo. Qualquer, pois, que a si mesmo se exaltar, será humilhado; e qualquer que a si mesmo se humilhar, será exaltado" (Mt 23.11,12).

Creemos que será sempre melhor ficar com a Palavra de Deus do que com a palavra dos homens.

Um Pouco da História dos Papas

E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus.

Mateus 23.9

Ó Roma, quão digna és de dó, e que espessas trevas sucederam à suave claridade, que sobre nós derramavas! Em ti elevavam-se os Leões, os Gregórios, os Gelásios... Então podia a Igreja dizer-se universal. Mas hoje, por que hão de tantos bispos conspícuos por ciência e virtude sujeitar-se aos monstros, que a desonram. Se o homem que tem assento nesse trono sublime não tem caridade, é um Anticristo; se lhe falecem ao mesmo tempo a caridade e a sabedoria, é um ídolo: consultá-lo seria como recorrer a um pedaço de mármore (...). Arnold, bispo de Orleans, Concílio de Reims⁷⁶

Como já vimos, os chefes das igrejas regionais, como Bizâncio, Roma, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, eram chamados de bispos, pois até 869 AD, não estava definida a supremacia de Roma. Gregório IV (papa de 927 a 844) fora à França para aplacar os ânimos exaltados entre Luiz, o Bondoso, e seus filhos, mas não se mostrou um juiz imparcial. Os bispos da França, que não queriam que ele se intrometesse nos negócios do reino, ameaçaram-no de mandar de volta excomungado; Gregório queixou-se do tratamento, pois o chamavam de irmão. Exigiu ser chamado de "pai". Desde esse tempo, com efeito, foi substituído o tratamento por "pai", conforme palavras do insuspeito historiador católico César Cantu."

No elenco dos papas biografados pela Editora das Américas, edição de 1952, estão incluídos os nomes de todos até Pio XII, cuja morte ocorreu em 1958. De Pedro (*sic*) até Adriano II (827 AD), a lista e as informações são da autoria do Monge Pedro Guilhermina Contudo como já vimos, e ficou sobejamente provado por dados históricos, Pedro jamais esteve em Roma; poder-se-á então deduzir que a lista corre o risco de não ser verdadeira também em outros pontos.

Por outro lado, não podemos aceitar que Lino, Cleto (ou Anacleto, de acordo com certas fontes), Clemente e Evaristo, os quatro primeiros mencionados, pudessem ser papas enquanto estava vivo o último dos apóstolos, o filho de Salomé, o primo do Senhor, o apóstolo amado João, que, segundo alguns, faleceu no princípio do século II.

Vamos, então, às informações. Antes, porém, alguns esclarecimentos para maior aproveitamento do leitor quanto às intenções deste modesto estudo

Dissemos que vamos mostrar o feito de alguns papas em ordem cronológica, mas não necessariamente um elenco completo deles, pois seria desgastante e cansativo, e também fugiria aos objetivos que temos em vista. Veremos como a modificação de humildes bispos em poderosos príncipes foi acontecendo devagar, cada um introduzindo uma heresia maior e chamando suas vítimas de hereges; como se conseguiu o primado de Roma sobre os demais bispos; como surgiram o que os historiadores chamam de "embustes históricos", as doações de Constantino, a usurpação de Martelo, Pepino e Carlos Magno, com conivência e grande recompensa em troca, feita com a bajulação de Gregório III (cujo pontificado estendeu-se de 731 a 741), terminando com Zacarias (pontífice de 741 a 752);-o poder crescente dos papas, que chegaram a humilhar reis, como Nicolau II, e o "Sínodo Cadavérico". Veremos, ainda, coma menosprezando a história, o chefe da Igreja Romana arroga a si o privilégio de ser um elo perfeito na

corrente "perfeita" de papas que têm reinado na Igreja desde o apóstolo Pedro que dizem ter sido o primeiro papa.

Vem de muito longe a aspiração dos bispos romanos de serem considerados "chefes" de todos os cristãos. Com a queda do Império Romano do Ocidente em 476, com a deposição de Rômulo Augusto por Odoacro e com a expansão da evangelização dos bárbaros nos séculos VI e VII, aumentaram as pretensões e as oportunidades. Assim, começaram a sobrepor-se sobre o catolicismo do Oriente, até que em 869 houve o rompimento definitivo, chamado Cisma dos Gregos ou Cisma do Oriente, quando foi declarada, mas não aceita pelo Oriente, a supremacia de Roma. No entanto, o poder dos bispos romanos já era grande nessa época. Mas o século VIII revela um dos grandes objetivos do catolicismo: fundar ou reconstruir um império que rivalizasse com o do Oriente, e, dessa forma, ter o apoio que precisava para o domínio universal, tanto religioso como político.

Reinava na França a decadente dinastia merovíngia. Gregório III fazia interessados obséquios a Carlos Martelo, que desfrutava grande prestígio por ter vencido os sarracenos, salvando a civilização cristã e o Ocidente. A morte, porém, surpreendeu o papa, que não pôde assim realizar seus planos. Seu substituto, Zacarias, deu continuidade ao expediente de seu predecessor e consumou a traição aos merovíngios. Fez negócios escusos com Pepino, filho de Martelo, aconselhando-o a assumir o trono, "uma vez que já tinha o poder", usurpando assim a coroa da França. Em troca, Zacarias recebeu de Pepino o que de direito cabia aos imperadores gregos. Foi uma troca, no mínimo, escandalosa, mostrando as pretensões crescentes dos bispos romanos de se apoderarem também do esfacelado Império Romano, o caminho do poder temporal dos papas.

No intuito de dar uma aparência de legalidade a essa doação, cujo conteúdo, entretanto, não se sabe senão por informação de um compilador pouco fidedigno, e mais de 100 anos posterior à assembleia de Guercy-sur-Oise, inventou-se-lhe o título de "restituição" e compôs-se, para justificar essa escandalosa mentira histórica, a famosa "doação de Constantino".⁷⁹ Por ocasião de sua "conversão", Constantino teria doado terras do império ao "papa" Silvestre I, o que, do século XI para cá, tem sido usado como poderoso argumento em favor das pretensões papais, mas também objeto de vigorosa controvérsia.⁷⁹

Em 768, morre Pepino, legando o império ao seu filho Carlos, fiel católico, que veio a se chamar Carlos Magno. Este ampliou os domínios dos francos pelas armas e "converteu" ao catolicismo, pela força, dezenas de tribos pagãs.

No ano de 800, uma revolta obrigou o Papa Leão III a fugir de Roma. Com a intervenção do imperador, o pontífice foi reinstalado em sua sede. Por tão relevante serviço prestado à Igreja, no dia 25 de dezembro desse mesmo ano, Carlos Magno, de joelhos, recebeu das mãos de Leão III a coroa de imperador dos romanos. A multidão, delirante de alegria, recebeu a notícia alvissareira: Estava fundado o Império do Ocidente, para rivalizar com o do Oriente, fato que veio piorar ainda mais as relações entre os "cristãos" de ambos os lados.

Com a morte de Carlos Magno em 814, começou a decadência do novo império, ao ponto de, em curto espaço de tempo, não possuir um nome digno para titular. Surgiram então os feuda-listas, que governavam e mantinham a ordem em seus termos. Essa situação não convinha totalmente à Igreja. João XII, em 962, viu-se ameaçado pela população romana e pediu socorro ao imperador alemão Otão, que reentronizou o papa. Mais uma troca. Dessa vez, João XII, em gratidão, proclamou o seu protetor imperador do Santo Império Romano-Germânico. Os humildes bispos romanos já eram quase senhores do mundo. Enquanto Otão reinava na Alemanha, a Igreja Católica, pela mão

do bispo de Reims, coroava Ugo Capeto rei da França.

O poder crescente e a influência dos papas não tiveram limites, e com Nicolau I começa a pretensão dominadora, o direito de julgar os soberanos da Terra, baseado em documentos falsos do pseudo--Isidoro, as falsas decretais, como a elas se referem os historiadores católicos, como Césare Cantu e outros, e de avaliar tais soberanos pelo critério dos cânones e dos interesses dos papas. Diz Janus:

Não cremos que, na história inteira, se possa encontrar segundo exemplo de uma falsidade que vingasse tão perfeitamente, e que fosse, todavia, tão grosseiramente concertada (...)

Nicolau foi o primeiro papa coroado na presença de um imperador. Luiz III assistiu à sua posse da cadeira pontifícia, segurou no freio de sua cavalgadura, e dizem que até lhe beijou o pé. Reinou sobre os reis e sobre os tiranos, sujeitando-os à sua autoridade como se fora o senhor do mundo (...) Terrível e extremamente rigoroso para com os ímpios, e todos aqueles que se desviavam do verdadeiro caminho (sic); por tal sorte que se houve que era possível considerá-lo um Elias ressuscitado à voz de Deus, se não em pessoa, ao menos em espírito e virtude. Intimou Lotário a se unir a Teutberga e com ela viver como esposo e a mandar para a Itália Waldrada, sua amante e pedra de escândalo.⁸⁰

Neste ponto, a crônica refere que uma rapariga da Mogúncia, educada em Atenas, com trajes de homem, viera residir em Roma, onde se fazia chamar João da Inglaterra (855 AD). Alcançou ali tal reputação de saber e de virtude, que foi elevada ao trono pontifício com o nome de João VIII. No fim de dois anos, cinco meses e quatro dias, seu mau proceder fez com que se descobrisse sua verdadeira identidade e sexo. Para alguns, um conto vulgar; para outros, fatos confirmados até por historiadores católicos, citados por Ricardo Mayorga em *A vida da Papisa Joana*. São eles Mariano Scoto, em *Chronica ad annum 854*; Teodoro de Niem, bispo de Ferdem; Llorent, em *Retrato político de los papas*, entre outros. Diz mais sobre o que escreveu este historiador:

O espírito de ambição (...) sugeriu-lhe a ideia de que, auxiliada pelo seu amante, poderia ocultar gravidez e parto. Porém isto se verificou em março de 855 numa maneira horrível. Caminhando para São João de La trio, foi acometida de dores acerbíssimas na via pública, entre o Coliseu de Nero e o templo de S. Clemente. Procurou resistir e ocultar, mas... deu à luz na rua e lá mesmo morreu de parto, repentinamente. Foi tão público o escandaloso fato, que não se pôde ocultar a infâmia, e resolveram riscar de todos os lugares o nome do Papa João VIII.⁸¹

Se a Igreja Católica Romana crescia em força e poder temporal, caía em moralidade. Com Formoso começa o período de grande decadência moral, com predominância do mando de mulheres por um período de mais de 60 anos, quando exerceu grande influência uma prostituta chamada Marózia. Nessa ocasião, um triste acontecimento passou à história como "Sínodo Cadavérico". Quando o Papa Formoso morreu, subiu ao poder Estêvão VI. Eis o que este fez:

Apoderou-se da tiara e deu novo escândalo à Igreja, mandando desenterrar Formoso, o qual, assentado no trono, e vestido como pontífice, foi posto em juízo por ter abandonado por outra mulher a sua primeira esposa. "Condenado", cortaram--lhe a cabeça e os três dedos com que dava a bênção, e lançaram os seus restos mortais no

*rio Tibre, declarando nulas as ordens sacras que dera.*⁸²

*Tão repetidas vezes anularam as consagrações por ele feitas no decurso de cinco anos, que a igreja italiana inteira viu-se abismada na mais completa desordem, sobrevivendo geral incerteza quanto a se saber se a Itália teria ainda sacramentos válidos (...)*⁸³

Então, os partidários de Formoso revoltaram-se, para o vingar daquelas terríveis violências, e estrangularam, na prisão, o Papa Estêvão, cujos atos o papa seguinte anulou.

No ano de 898 entra em cena Marózia, filha da intrigante Teodora. Casada com o poderoso conde de Túsculo, Marózia tentou elevar ao pontificado seu amante Sérgio, com exclusão de João IX e de seu sucessor, Bento IV. Depois ascendeu ao trono Leão V, que reinou durante dois meses. Este foi preso e teve morte cruel. Por fim, em 904, Marózia conseguiu eleger seu amante Sérgio III, que "levou o vício, a prostituição e o adultério sobre o trono pontifício". Entregou aos seus protetores o castelo de Santo Ângelo, que desse modo tornaram-se os senhores de Roma e continuaram elegendo quem mais lhes pagasse.⁸⁴ Sucedeu-o João X, amante de Teodora. João X caiu em desgraça com Marózia, e ela o substituiu por Leão VI, o qual reinou durante sete meses e foi morto a marteladas por um marido traído que o surpreendera em flagrante adultério (*ISua vida e serviços*, do ex-padre Charles Chiniquy, p. 15). Em seguida, Marózia conseguiu eleger seu próprio filho, que se chamou João XI. Alguns historiadores afirmam que era filho legítimo, e outros, que era filho de seu amante, o Papa Sérgio III. João XI foi eleito papa aos 25 anos e morreu aos 30, deixando atrás de si uma lembrança triste. Diz o historiador católico Césare Cantu que *entregando-se às paixões de uma mocidade desenfreada, deixava sua ambiciosa mãe e seu irmão Albérico dirigir como queriam as coisas sagradas e profanas, e finalmente foi preso pelo próprio irmão, obrigado a pedir o patriarcado de Constantinopla para seu sobrinho, filho de Albérico, que tinha somente 16 anos de idade.*

*A sucessão de desmandos e imoralidade continuou. Albérico fez papa seu próprio filho Ota viano, que se chamou João XII. Imputam a este papa crimes horríveis. O palácio de Latrão, convertido em lugar de prostituição pelas mulheres que nele residiam; cardeais e bispos mutilados, mandados cegar e matar (...); o capricho do papa de ordenar um diácono numa cocheira; uma criança de 10 (dez) anos promovida ao bispado de Lodi; incêndios feitos de propósito; até beber vinho em honra do diabo e das divindades pagãs (...)*⁸⁵

Bento VI foi expulso; João XIV foi preso; João XV foi morto e arrastado pelas ruas de Roma e deixado sem sepultura, talvez por castigo por ter "inventado a canonização"; João XIX foi feito papa sem nunca ter sido padre; Bento IX foi consagrado papa com apenas 12 anos de idade, e alguns dizem que tinha apenas nove anos. Desonrou a Igreja com toda espécie de escândalos. Duas vezes foi expulso e duas vezes recuperou a tiara. Depois vendeu o pontificado a João XX. A seguir, começa um período em que os papas morriam "misteriosamente" e ninguém queria ser papa com medo de ser envenenado.

Como se vê, o catolicismo romano não tem motivos para se orgulhar, mas para não cansar o leitor, citaremos mais três nomes.

Inicialmente, João XXIII, o primeiro desse cognome, "chefe" da Igreja de 1410 a 1417. Esse primeiro João XXIII, um papa devasso, era "o diabo em carne e osso": tinha 300 concubinas e teve a singular ideia de lançar imposto sobre os lupanares, sobre

as casas de jogo e sobre a usura (à semelhança do Imperador Vespasiano, que taxou as latrinas). Em seguida, vem Alexandre VI, da tristemente famosa família Bórgia, que comprou a peso de ouro o pontificado e seduziu a própria filha. Por fim lembra-mo-nos de Paulo VI e do grande perigo que correu o ex-padre Anibal Pereira Reis. Depois de abandonar a batina e de se penitenciar dos erros que ensinou durante o sacerdócio, foi ameaçado pelo referido papa por volta do ano de 1971. Interessante é que esse papa tinha um sobrinho, também ex-padre, que já era pastor protestante na Argentina desde 1961. O resumo de sua conversão consta no capítulo 21.

Com certeza, o ódio do papa pelos evangélicos foi acirrado, e o ex-padre Anibal, agora um vibrante pregador e escritor protestante, ficou na mira de Paulo VI. Este mandou um cardeal escrever a um seu colega aqui no Brasil uma carta em que ameaçava Anibal e da qual extraímos alguns trechos:

Tivemos conhecimento da sentença judicial favorável ao Padre Anibal Pereira dos Reis. Certamente ele tomará medidas para proclamar e divulgar amplamente essa decisão porque isso lhe interessa. É lamentável que a sorte lhe haja favorecido. Agora, por certo, ele se inflamará ainda mais na sua pertinácia de pregador protestante (...) Tememos que essa literatura seja traduzida em outras línguas, o que iria alastrar o mal em outros países.

O Santo Padre, informado de tudo e apreensivo, solicita-lhe, por meu intermédio, que insista nas reuniões da CNBB para que se estudem medidas a serem adotadas para coibir e neutralizar os efeitos do trabalho desse sacerdote (...)0 que fazer? Como já disse, é preciso que se estudem medidas adequadas. Talvez promover alguma coisa para desmoralizá-lo entre os próprios protestantes.

Os bispos no Brasil devem se convencer de que o Padre Anibal é o sacerdote que atualmente causa preocupações a Paulo VI, que está sumamente interessado numa urgente solução.

Como se poderá notar, o perigo ainda está presente. Felizmente, o mundo evoluiu. A instrução ainda não atingiu um estágio ideal, mas progrediu o suficiente para que possamos tomar conhecimento da literatura sem o *imprimatur* da Igreja. As mazelas vão chegando ao conhecimento público. "Os gatinhos já abriram os olhos."

18

O Catolicismo Romano é Prejudicial às Nações

Bem-aventurada é a nação cujo Deus é o Senhor (...)

Salmo 33.12

Não se pode, com honestidade, citar uma única nação onde o ensino e a prática do Evangelho imperem na maioria de seu povo que não apresente inúmeras vantagens sobre qualquer país católico, por sua cultura, civilização e sistema de vida. Também é impossível que essa superioridade de vida entre os evangélicos seja tão-somente uma questão de ordem natural, como alegam os defensores romanistas, em virtude de terem ficado os protestantes com as melhores e mais produtivas terras, minas e situações geográficas privilegiadas. Há que notar a grande diferença entre Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Dinamarca, Suíça, Holanda, Suécia, Noruega, Finlândia etc, que trocaram o catolicismo romano pelo protestantismo, e Portugal, Espanha, França, Itália, Áustria, Hungria, Polónia, ex-Tchecoslováquia e outros, cujos habitantes sofreram e sofrem pressões e desmandos da Igreja. Nada melhor para servir de exemplo do que uma comparação do desenvolvimento dos Estados Unidos, considerados a primeira nação do mundo, com o desenvolvimento do México, seu vizinho, que foi colonizado pelo catolicismo, com suas superstições. Enquanto nos países onde predominam os ensinamentos evangélicos há plena liberdade de escolha, o estudo e o desenvolvimento da ciência são livres, bem como o estudo das línguas antigas, da filosofia, da crítica, os dirigentes católicos proibem tudo isso e obrigam os infelizes habitantes a mergulhar mais e mais no atraso e no obscurantismo, a ler a vida dos santos, repletas de credices, a permanecer no analfabetismo, como é o caso exemplar de Portugal e da Espanha, onde foram maiores as pressões. Ali só se lia literatura com o *imprima tur*. É próprio da natureza do catolicismo manter o povo em seu permanente estado de ignorância.[^]

Mas Deus não deixa impunes os que o traem e sua mão é pesada sobre os que desvirtuam os Evangelhos e o sacrifício de seu Filho Jesus. Pobre povo que sofre as consequências dessa pressão! A Espanha, em particular, tem pago muito caro essa nefasta influência. Para abreviar este capítulo, contaremos apenas breves porém marcantes episódios do castigo imposto aos espanhóis, pois ficou evidente que seus insucessos não foram de ordem natural. Sua Marinha principalmente sofreu danos consideráveis, que saltam à vista de qualquer um como sendo de ordem sobrenatural, como narrados por E. L. de Oliveira:⁸⁷

Na expedição contra a Argélia uma tempestade destruiu-lhes 30 navios e 4.000 marinheiros; na expedição contra Barba--Roxa, ainda por tempestades, 150 navios e 8.000 tripulantes; na terceira empresa, ainda por tempestades, mais 20 navios e 3.000 homens; no ano seguinte, outra tempestade afunda--lhes 15 navios e 2.000 homens; mas a maior catástrofe naval que ainda presenciou o mundo foi a destruição, por seis dias de furiosas tempestades, da Armada invencível, composta de 150 navios poderosíssimos e 30.000 marinheiros, destinada por Felipe II (Felipe I de Portugal), e pelo Papa, a esmagar o surto do Protestantismo da Inglaterra.

Ficou do episódio uma frase do rei da Espanha que bem define de onde vinham

as punições, e disso ele tinha absoluta certeza. Disse ele: "Não armei a minha esquadra contra Deus, mas contra a Inglaterra." E arremata o citado autor: "O que não deixa de ter sua graça foi o fato de não pagar o Papa de Roma o milhão de ducados com que se comprometeu a contribuir para o equipamento da esquadra! Haveria manifesta propriedade se qualificássemos esse gesto de... conto do Vigário."

Na verdade, eram demais os desmandos praticados pelos governantes espanhóis, sem dúvida pressionados pelos clérigos, como a expulsão e o extermínio de judeus e o assassinato de milhares de protestantes. O terror da Inquisição aniquilava famílias inteiras e embrutecia o povo, que era obrigado a conviver com a violência, assistindo aos suplícios, às mortes lentas, às fogueiras sempre acesas, às denúncias anônimas que podiam comprometer qualquer um, indistintamente, inclusive os religiosos.

Esse embrutecimento manifestou-se até nos conquistadores, que perdiam o senso de humanidade que os deveria orientar no trato com as pessoas; traíam os conquistados, povo ingênuo e de boa fé, assassinando-os e impondo a ferro e fogo o prestígio da coroa e da religião. Era a animalização dos costumes. Como exemplo, podemos citar a insensibilidade de Fernão Cortez, que conquistou o México e destruiu traiçoeiramente o império asteca, supliciando com covardia e repugnância seu rei, Guatimozin. Isso se tornou muito natural para aquele povo, naquela época, pois os próprios representantes do papa praticavam perversidades com a mesma frieza. Aliás, Adriano VI (papa de 1522 a 1523) orgulha-se de ter sido inquisidor-mor da Espanha.

Portugal também sofreu os horrores da pressão católica, e o resultado disso é evidente até hoje. Ninguém o pode negar. Nos tempos modernos, ainda com a última ditadura portuguesa, uma dupla infernal, político-religiosa, aniquilou ainda mais a nobre nação. Foi uma grande manifestação de bondade de D. João II, rei de Portugal, receber em seu país os judeus expulsos da Espanha em 1492. Mas o rei D. Manuel viu-se forçado a expulsá-los mais tarde. Os judeus eram implacavelmente perseguidos onde reinasse o catolicismo romano. Por essa razão, sofriam estagnados em seu desenvolvimento os romanistas, pois os judeus, um povo inteligente e laborioso, o povo escolhido do Deus Jeová, muito concorreram para o desenvolvimento das nações.

Felizmente, surgiu um marquês que combateu os jesuítas, e por pouco tempo a situação melhorou naquele país. Foi anatematizado depois de sua morte, mas hoje o pensamento mais livre, muitos lhe dão razão. Recentemente, ao pé de seu monumento, apareceu uma inscrição feita na calada da noite, com certeza porque seu autor receava as consequências: "Senhor marquês, senhor marquês. Desce daí que eles cá estão outra vez."

As diferenças de confissões católica e protestante conduzem a um resultado por demais evidente, sobretudo quando se compara o Brasil com qualquer colônia onde o protestantismo seja maioria. É evidente a culpa que se atribui ao catolicismo romano, o qual procura esconder até os malefícios causados por missionários famosos que por aqui andaram.

Deve-se também enfatizar que a história da ciência e da tecnologia é a história do Ocidente desde a eclosão da Revolução Industrial, há dois séculos.

É a menção do livro de 560 páginas, de A bbot Payson Usher, da Editora Papirus, edição de 1929, atualizada em 1954, com acréscimo da filha do autor feito em 1982, Mirian Usher Chrisman. Tem a densidade de um clássico, daí a sua permanência e atualidade. No segundo dos seus 15 capítulos (Análise da História da Mudança Social) ele demonstra, com base em Max Weber, como o pensamento religioso afetou a atividade econômica. Postula ainda que o catolicismo proporcionou uma base tão desfavorável a alguns tipos de atividade econômica, que a origem, ou pelo menos o

desenvolvimento do capitalismo, foi inibida nos países católicos. O caso está intimamente ligado à sorte da Península Ibérica, onde a Contra-Reforma inibiu o desenvolvimento da ciência que sustentaria o capitalismo deflagrado pela Revolução Industrial. O preço deste veto é pago ainda hoje na América Latina.⁸⁸

Nós, no Brasil, não ficamos isentos do pagamento de um pesado tributo a essa influência maléfica e sufocadora, que Rui Barbosa chamou de "nefasta política do paparei".

Alguns Heróis da Fé e a Reforma Protestante

(...)(dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos e montes, e pelas covas e cavernas da terra.

Hebreus 11.38

Desde o início do cristianismo, onde houvesse um erro, uma fuga das Escrituras, daquilo que ensinou Jesus e confirmaram os apóstolos, sempre se levantou uma voz em defesa da verdade, da pureza do Evangelho. "E as portas do hades não prevalecerão contra ela"[contra a Igreja do Senhor Jesus] (Mt 16.18).

Apesar da vigilância constante de alguns, sempre existiram os rebeldes, os que acham que pequeninas coisas não fazem diferença. Mas é bom nos lembrarmos de que pequeninas coisas, se não corrigidas a tempo, podem conduzir a grandes erros. Uma chama pequenina pode causar um grande incêndio e destruição (Tiago 3.5). Foi o que aconteceu com a Igreja Católica Apostólica Romana, que se dedica hoje a assuntos seculares, a muitas obras sociais, assistenciais, mas quanto à parte espiritual não tem uma mensagem de salvação. Um padre não pode chegar a uma praça pública como faz um crente, por mais rude e iletrado que seja, abrir a Bíblia, ler um texto da Palavra de Deus e pregar como os apóstolos no passado: "Arrependei-vos de vossos pecados e crede no Evangelho"; ou "Só Jesus Cristo salva, porque ele disse que é o *caminho, e a verdade, e a vida*, e ninguém vai ao Pai senão por ele". A missa, o purgatório, as doutrinas católicas são um grande obstáculo e não conduzem o povo a coisa alguma.

Conhecemos a história de um padre que, temeroso do avanço e do alcance das mensagens evangélicas ao povo de seu bairro, resolveu enfrentar os crentes com o mesmo tipo de trabalho. Aos domingos, estes se reuniam em praça pública com suas mensagens, e o padre fazia o mesmo, com o seu grupo de fiéis. Liam o seu *Manual da paróquia*, cantavam um corinho protestante, rezavam o "padre-nosso" e a "ave-maria", e só. Chegavam vazios e iam embora vazios. Enquanto isso, os crentes sempre conquistam novos adeptos, um a um, é verdade, mas só são batizados os que aceitam e confessam que Jesus é o Senhor: "Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus" (Mt 10.32).

Muitos sacerdotes se têm mobilizado no sentido de trazer o catolicismo ao bom caminho, às verdades evangélicas, contra o ensino das superstições pagãs que vêm praticando há muitos séculos. Em paralelo a essas vozes heróicas, que quase sempre pagaram com a vida tal coragem, em todos os tempos também houve grupos com diversos nomes, como já foi mencionado, combatidos como hereges.

Antes da Reforma Protestante, havia poucos exemplares da Bíblia, e isso também foi um entrave a que os cristãos pudessem ter pleno conhecimento dos ensinamentos do Novo Testamento. A maioria dos fiéis sobreviveu, pode-se dizer, conforme a Palavra do Senhor, guiados pelo Espírito Santo, de tal forma que Jesus nunca ficou sem testemunhas.

No século XIV, na Inglaterra, um dos primeiros e mais eminentes líderes, que conseguiu notável progresso nesse sentido, foi João Wiclif. Proferiu inflamados protestos contra Roma e seus desmandos. Pode-se mesmo dizer que abriu caminho para a Reforma.

Desde menino, Wiclif revelou-se profundamente religioso e possuidor de notável talento. Procurou familiarizar-se com todo ramo do conhecimento humano. Versado em assuntos teológicos e dedicado ao estudo das Escrituras, cedo compreendeu que o catolicismo romano tinha dado uma guinada para a esquerda. Esse entendimento fê-lo inconformado, e seu modo de agir lhe proporcionou muitos inimigos implacáveis, numa época em que não havia contemplação com os que discordassem do romanismo. Compreendeu logo que Cristo é o Único Salvador, e que o homem se reabilita do seu pecado diante de Deus pela sua graça, e não por merecimento. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; e não vem das obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2.8,9). Mas o homem, em sua vaidade, não quer receber nada de graça. Rebelou-se contra os planos de Deus. Quer fazer algo para merecer a graça: penitências, abstinência, carregar cruzes pesadas, flagelos... Coisas inúteis.

Muitos que estavam descontentes com os desmandos aliaram-se a Wiclif. Ele planejou devolver a Bíblia ao povo, traduziu e distribuiu porções das Escrituras. Combateu também o abuso do poder dos papas, as perseguições, as intolerâncias.

Por essa época era enorme o número de frades mendicantes que viviam em grande ociosidade na Inglaterra. Isso fazia do trabalho alvo de desdém, desmoralizava e corrompia a juventude. Esses monges tinham autoridade legada pelo papa para tomar confissões e conceder perdão. Wiclif se interpôs a tudo isso com grande risco de vida, a tal ponto que mereceu uma bula especial de Gregório XI, papa de 1370 a 1378, contra o seu trabalho. Mas Wiclif não parou de escrever e publicar folhetos contra os frades; declarou que o poder de perdoar pecados só pertence a Deus (1 João 2.1). Mas ele foi abençoado e livre do perigo iminente com a morte do Papa Gregório. Assumiram o trono dois papas que se digladiavam e excomungavam um ao outro: Urbano e Clemente. Cada um se dizia infalível e contava com a ajuda dos fiéis no combate ao adversário, prometiam recompensas no céu a quem os ajudasse. Num folheto que escreveu sobre o cisma, Wiclif apelou ao povo que decidisse se esses papas falavam a verdade quando combatiam entre si e se condenavam mutuamente, cada um considerando o outro um anticristo. Depois traduziu a Bíblia para o inglês pela primeira vez e pô-la ao alcance do povo, mas os exemplares eram caríssimos porque a arte de imprimir ainda era desconhecida. Mais tarde, a hierarquia novamente conspirou para fazê-lo silenciar. Foi chamado a juízo perante os tribunais, uma, duas, três vezes. A seguir foi chamado perante o mais alto tribunal eclesiástico da Inglaterra. Os romanistas pensavam assim calar o pregador. Ele seria obrigado a renunciar suas doutrinas, a calar seus ensinamentos ou a sair dali direto para a fogueira; todavia, não se retratou. Respondeu aos juízes: "Com quem julgais estar a contender? com um ancião às portas da sepultura? Não! Estais a contender com a Verdade — Verdade que é mais forte do que vós, e vos vencerá."⁸⁹

Árdua e difícil seria a tarefa de contar todos os perigos e o sucesso das pregações desse herói, o bom resultado alcançado no seu ministério, sua influência na Inglaterra e no exterior; de contar sobre as pessoas que morreram na fogueira por ordem dos monarcas que queriam aumentar seu prestígio junto à Sé de Roma, cujos papas eram os césores do mundo. Mas Deus não permitiu o martírio de Wiclif pelo poder da Inquisição. Levou-o para o céu antes que isso acontecesse; por um decreto do Concílio de Constança, 40 anos após sua morte, seus ossos foram exumados e publicamente queimados, e as cinzas, lançadas num riacho. O catolicismo era assim. Não perdoava nem aos mortos.

Também João Huss rebelou-se contra as "indulgências" na Boémia, onde nasceu; mais tarde, surgiu um movimento em favor do retorno da Igreja à pureza do Evangelho, entre 1360 e 1400. As pregações de Huss foram a culminação desse

movimento. Ele estudou muito as Escrituras, que desde o século IX haviam sido traduzidas para o idioma boêmio. O movimento contra a corrupção da Igreja tomou grande vulto. Tanto na Inglaterra quanto na Boémia, clamava-se pela correção das depravações do clero, que provocaram enormes escândalos, mas a resposta a esses movimentos, em qualquer lugar, era sempre a mesma: a fogueira!

Huss esteve diante dos tribunais eclesiásticos. A seguir teve de ir a Constança defender-se da acusação de herege perante o concílio ali reunido. A princípio relutou, mas acabou partindo devido a um salvo-conduto com garantias imperiais.

Já tinha tomado vulto a ideia de que, na terra, os papas só estavam abaixo de Deus. O salvo-conduto não foi respeitado, e Huss foi encarcerado, apesar dos protestos da Universidade de Praga. Depois de muito sofrimento e humilhação, foi queimado. Puseram-lhe sobre a cabeça uma carapuça, ou mitra de papel em forma 'piramidal, em que estavam desenhadas horrendas figuras de demônios, com a palavra "Arqui-herege" bem visível na frente. E assim, em 1415, mais um padre foi queimado vivo.

Seu amigo, Jerónimo de Praga, sofreu o mesmo suplício no ano seguinte. Hoje, ao consultar os dicionários, encontramos com facilidade, depois do nome de muitos heróis, a palavra "heresiarca" ou a frase "Queimado por ordem do concílio tal".

Jerónimo também teve a oportunidade de se retratar e renegar a sua fé, mas não o fez. Muitos não o fizeram antes e não o fariam depois, embora o destino de todos fosse sempre o mesmo.

Os seus sofrimentos em masmorras, as ameaças, os insultos e as humilhações mais o faziam persistir na afirmação das Escrituras: "Provai-me pelas Escrituras que estou em erro e abjurarei a minha fé", disse ele no tribunal. Foi condenado sem tardança. Quando o carrasco, prestes a acender a fogueira, passou por trás dele, o mártir exclamou: "Venha com ousadia para a frente; ponha fogo à minha vista. Se eu tivesse medo não estaria aqui." Suas últimas palavras foram: "Senhor Pai, Todo-Poderoso, tem piedade de mim e perdoa os meus pecados, pois sabes que eu sempre ameí a Tua verdade."

Essas condenações acenderam uma chama de indignação na Boémia. Consideraram a perfídia dos padres uma traição ao imperador. As doutrinas de Huss atraíam agora mais atenção e adeptos. Os escritos de Wiclif e de Huss que escaparam à fogueira eram, então, o alimento espiritual daquele povo, tirados de seus esconderijos e estudados juntamente com a Bíblia, ou das partes dela que o povo podia adquirir. Forças aliadas da Igreja foram lançadas contra a Boémia para eliminar esse movimento religioso contrário à religião dominante. Surgiu um herói para defender o país, um valoroso general cego chamado Zica. Confiando na Justiça de Deus e na sua boa causa, o povo se batia com valor. Tropas inimigas por diversas vezes tentaram invadir a Boémia e não o conseguiram. Foram sempre vergonhosamente batidas.

Com a morte de Zica, assumiu Procópio, general bravo e hábil. O papa propôs então uma cruzada contra os hussitas, e imensa força se abateu contra a Boémia, para sofrer nova e vergonhosa derrota. Em todos os países papais reuniu-se força, dinheiro, homens e munições. Os exércitos marcharam. Multidões sob a bandeira papal. Confiante na vitória, essa grande força entrou no país. Eis o que aconteceu:

O povo se arregimentou para reprimi-la. Os dois exércitos se aproximaram um do outro até que apenas um rio se lhes interpunha (...) Os cruzados possuíam força grandemente superior, mas em vez de se arremessarem através da torrente e travar a batalha com os hussitas a quem de tão longe tinham vindo combater, ficaram a olhar em silêncio para aqueles guerreiros.⁹⁰

Então um misterioso terror se apoderou dos soldados. Sem desferir um só golpe, aquela poderosa força debandou. Em sua perseguição saíram os hussitas, que se apropriaram de imenso despojo, e a guerra, que os empobreceria, enriqueceu-os. Repe-tiu-se mais uma vez 2Reis 19.35.

Depois despontou no cenário religioso o homem que conseguiu a ajuda de Deus e dos príncipes para vencer o poderoso catolicismo romano e impor a Reforma Protestante: Martinho Lutero. Em suas pegadas outros foram surgindo: Calvino, Zwínglio, Henrique VIII...

Para os evangélicos que sobreviveram à "idade das trevas", escondidos durante séculos de perseguição, pareceu raiar o sol da esperança. A Reforma apregoava a volta à prática das doutrinas da Igreja primitiva, o estudo da Bíblia sem interferências alheias. Era, inegavelmente, momento de grande felicidade. Estava-se livre das perseguições e da prepotência dos papas. O mundo ocidental estava dividido entre católicos e protestantes. Naturalmente, estes deveriam receber de braços abertos os evangélicos. Puro engano! Todos os grupos que iam saindo do catolicismo traziam parte de suas mazelas e não assimilavam bem os ensinamentos do Novo Testamento. Lutero perseguiu os anabatistas, um povo que agora se chamava assim, mas que durante séculos foi conhecido pelos mais variados nomes, quase sempre pela situação, como o foram os montanistas, ou pelo nome do líder: paulicianos, albigenses, henricianos, valdenses etc. Foram chamados de anabatistas porque só aceitavam novos adeptos pelo batismo de imersão.

Frustrados com as doutrinas do protestantismo, os evangélicos não apoiaram Lutero nem Calvino. Assim, quem quer que se levantasse naquela época contra a Reforma, ou contra o catolicismo, era chamado de anabatista e perseguido por ambas as facções. Nessa época surgiu um visionário chamado Tomaz Míinzer; ele liderou o movimento que ficou conhecido como "A Revolta dos Camponeses". Míinzer é chamado erroneamente de "fundador da seita dos anabatistas", porque por algum tempo recomendou o rebatismo dos seus liderados, mas, na realidade, nunca deu muito valor às cerimônias e instigava a guerra sanguinolenta, contrária ao espírito do cristianismo. Os anabatistas, os menonitas, os valdenses e outros grupos que sobreviveram esforçavam-se por levar vida pacífica, de santificação e obediência, conscientes de suas responsabilidades quanto ao testemunho. Lutero, vitorioso na sua luta reformista, encontrou já organizados alguns grupos e combateu os anabatistas por duas vezes, em 1525 e em 1535. Também combateu Míinzer, que, com sua sagacidade, conseguiu aliciar ingênuos camponeses. Foi de fato uma revolta sanguinolenta."

A partir de então, os dois grandes grupos do cristianismo eram o catolicismo (romano e ortodoxo) e o protestantismo. Portanto, em todos os lugares onde se encontrassem os evangélicos (menonitas, valdenses, irmãos morávios, socinianos), eram fortemente rechaçados. Só com a ascensão de um rei incrédulo, Frederico II, da Prússia (1740-1786), iniciou-se um período de tolerância. Ele costumava dizer: "Em meus estados todos são livres para salvar-se à sua maneira."⁹²

Calvino, por sua vez, criou na Suíça uma igreja aterradora, mais feroz do que o próprio catolicismo romano. Stefan Zweig teve acesso aos arquivos, em Genebra, e em suas Obras *Completas*, Tomo IX, fala da Teocracia criada em 1536 e dirigida com mão de ferro até 1564, quando o reformador morreu. Os evangélicos estavam na terra de ninguém, no meio de dois grandes inimigos que se combatiam mutuamente, entre fogos cruzados. O cientista espanhol Miguel Servet, o primeiro a esboçar uma teoria sobre a circulação do sangue, tendo fugido da Espanha, onde era"-perseguido pela Inquisição, não escapou à fogueira de Calvino.

Também na Inglaterra, protestante desde 1534, graças à intervenção de Oliver

Cromwell (e o protestantismo inglês não obedecia à orientação do papa, porém, segundo notícias veiculadas em 25 de fevereiro de 1994, "setecentos sacerdotes e sete bispos anglicanos reconheceram ontem a autoridade do Papa, dando, dessa forma, um primeiro passo em sua aproximação com Roma, dois dias depois de a Igreja da Inglaterra aceitar definitivamente o sacerdócio das mulheres";⁹³ os evangélicos não podiam pender para nenhum dos lados. Assim foram surgindo outras igrejas oficiais, ligadas ao Estado, e ao findar do século XVI, já existiam cinco estabelecidas: Católica Romana, Católica Grega, Luterana, Anglicana e o Pres-biterianismo da Escócia. Foram todas pródigas em seu ódio aos valdenses, anabatistas, menonitas, a todos os grupos evangélicos, àqueles que "nunca tiveram similitude com Roma". As lutas e os sofrimentos deles, através dos séculos, que resultaram em benefício da implantação da Reforma, foram logo esquecidos. Milhares e milhares, incluindo mulheres e crianças, pereciam a cada dia como resultado das terríveis perseguições. Os remanescentes encontraram algum refúgio nos Alpes e em outros lugares seguros. Mas onde aparecessem vestígios de suas crenças eram presos e martirizados implacavelmente. Mais de 50 milhões pereceram.

Em Zurich, depois de muitas disputas entre Zwinglio e os anabatistas, o Senado promulgou uma lei, segundo a qual aquele que se atrevesse a batizar alguém que já tivesse sido balizado antes, na infância, fosse afogado! (...) No ano de 1160, um grupo de paulicianos entrou em Oxford. Henrique II ordenou que eles fossem publicamente marcados a ferro na testa e açoitados através das ruas, com as vestes cortadas até a cintura, sendo finalmente enxotados para as estradas. Nas aldeias não lhes podia ser fornecido qualquer abrigo ou alimento, e eles lentamente pereceram de fome e frio; (...) a 25 de maio de 1533, na Igreja de São Paulo, em Londres, foram interrogados 19 homens e 6 mulheres. Catorze deles foram condenados. Um homem e uma mulher foram queimados em Smithfield e os outros 12 foram enviados a outras cidades para serem ali queimados.⁹⁴

O luterano Moshein escreveu: "Antes de se levantarem Lutero e Calvino, estavam ocultas, em quase todos os países da Europa, pessoas que seguiam tenazmente os princípios dos modernos Batistas Holandeses." Em 1524, o Cardeal Hosius, presidente do Concílio de Trento, dizia: "Não fosse o fato de terem sido penosamente atormentados e apunhalados durante os 12 últimos séculos e eles seriam mais numerosos mesmo do que todos os que vieram da Reforma".

Os erros dos protestantes que iam saindo da Igreja Católica, como governo eclesiástico, oficialização da igreja, batismo de crianças, batismo por aspersão (e, em certos casos, a regeneração pelo batismo), foram mudados com a experiência e com o passar do tempo, voltando-se mais para a Bíblia. Acresce que, no princípio, todas as igrejas oficiais perseguiam umas às outras, até que um concílio em Augsburg, em 1555, propôs um tratado de paz entre católicos e luteranos, conhecido como "A Paz de Augsburg". Para os católicos, lutar contra os luteranos era brigar contra a Alemanha; para os luteranos, brigar contra os católicos era conti nuar a guerra com todos os países onde o catolicismo predominava. Os cristãos sinceros sempre consideraram imutáveis e irretocáveis as palavras do Senhor Jesus, que disse: "(...) edificarei a minha igreja, e as portas do hades não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18).

Hoje há uma paz aparente. O catolicismo continua em seu esforço para sufocar os outros grupos, mas não está conseguindo porque é grande o avanço do Evangelho em todo o mundo, principalmente na Ásia e na África. Os maiores grupos do cristianismo estão assim divididos: o catolicismo compreende o romano e o grego; o protestantismo

divide-se entre luteranos, presbiterianos, congregacionistas, anglicanos, metodistas etc; por último, os evangélicos, que abrangem um número considerável em todo o mundo, e que, segundo os estudiosos, nunca tiveram similitude com o catolicismo.⁹⁵

Os Princípios Cristãos do Novo Testamento

E se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus lhe tirará a sua parte da árvore da vida, e da cidade santa, que estão escritas neste livro.

Apocalipse 22.19

Este modesto trabalho não pretende aprofundar-se no estudo da doutrina de cada grupo, pois não é este o seu objetivo.

A formação do catolicismo romano, como já vimos, foi um amontoado de desvios da sã doutrina desde os mais remotos tempos; alguns protestantes também adotaram muitos costumes que os evangélicos nunca assimilaram; porém, o mais importante é que, com o tempo, eles foram aprofundando-se no conhecimento da Palavra de Deus, reconhecendo aquilo que estavam trazendo de errado da Igreja-Mãe, esvaziando-se de todas as práticas condenáveis do catolicismo, como as superstições pagãs (Atos dos Apóstolos 25.19), conforme se verá adiante. Infelizmente, entre nós também medram grupos que não se enquadram em nenhum dos três ramos. Em primeiro lugar, os legalistas, que querem salvar-se por seus méritos, guardando a lei. Com certeza não leram: "A lei e os profetas vigoraram até João (...)"(Lc 16.16); e: "Pois qualquer que guardar toda a lei, mas tropeçar em um só ponto, tem-se tornado culpado de todos" (Tg 2.10). Segundo, os que não crêem na divindade de Jesus, não crêem no Espírito Santo (numa Bíblia que lhes é própria, no capítulo 4 de Mateus, escrevem diabo com maiúscula e Espírito

Santo com minúsculas), estes não leram: "mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca mais terá perdão, mas será réu de pecado eterno" (Mc 3.29). Por fim, os verdadeiros cristãos, sobretudo os batistas modernos (cujo prefixo *ana* caiu com o decorrer do tempo) e os menonitas, que seguem os princípios do Novo Testamento, a seguir expostos:

1. Seu cabeça e fundador: Jesus Cristo. Ele é o legislador e a Igreja só executa suas leis; Igreja edificada sobre a Pedra, conforme confissão de Pedro em Marcos 16.18; "a pedra que os edificadores rejeitaram (...)" (IPe 2.7); "(...) ele é a cabeça do corpo, da igreja (...)" (Cl 1.18).

2. Regra de fé e prática: a Bíblia, só e unicamente a Bíblia, e nada mais, conforme ensino de Paulo ministrado ao seu filho na fé, Timóteo:

desde a infância sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente preparado para toda boa obra.

(2Tm 3.15-17).

3. Seu nome: "Igreja" ou "igrejas": "Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas a favor das igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã" (Ap 22.16).

4. Seu governo: *democrático*. Todos os membros são iguais: "E a ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque um só é o vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem

queirais ser chamados guias; porque um só é o vosso Guia, que é o Cristo. Mas o maior dentre vós há de ser vosso servo" (Mt 23.9-11).

5. Seus membros: apenas pessoas regeneradas que voluntária e publicamente professam a fé: "vós também, quais pedras vivas, sois edificados como casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo" (IPe 2.5).

6. Suas ordenanças: batismo dos crentes e, depois, a Ceia do Senhor: "Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando--os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos" (Mt 28.19,20).

7. Seus oficiais: pastores e diáconos. (Ver os deveres dos bispos e dos diáconos, em ITm 3.1-6.)

8. Sua finalidade: pregar a salvação às pessoas, batizando-as, ensinando-as a guardar todas as coisas ensinadas por Jesus (Mateus 28.16-20).

9. Sua subsistência: dízimos e ofertas dos crentes: "Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o evangelho, que vivam do evangelho" (ICo 9.14).

10. Suas armas de combate: espirituais, com a Bíblia, a Palavra de Deus: "Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne, pois as armas da nossa milícia não são carnis, mas poderosas em Deus, para demolição de fortalezas" (2Co 10.3,4; Ef 6.10-20).

11. Sua autonomia: separação completa entre a Igreja e o Estado: "Então lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Mt 22.21).

Apesar de não seguirem exatamente a mesma doutrina — como a "consubstanciação", por alguns protestantes, e o batismo de crianças, por outros —, convergem no ponto essencial, que é a Bíblia como a única regra de fé e prática, e a doutrina da salvação, à qual só se chega por meio de Jesus. Pastores e diáconos (anciãos e bispos, do grego *episkopos*, pelo latim *episcopo*, "vigilantes"), os protestantes e os evangélicos vivem em perfeita harmonia, conforme referimos.

A unidade doutrinária do protestantismo se demonstra pelo seguinte e significativo fato:

Várias denominações têm compendiado a sua doutrina em artigos de fé; aí está a confissão de fé de Augsburgo, a Tetrapoli-tana, a Polaca, a Saxônica, a Boémia, a de Witenberg, a Palatina, a Helvécia, a Francesa, a Holandesa, a Inglesa e a Escocesa. A harmonia dessas declarações de fé, afirma Samuel Edgard, é verdadeiramente admirável e constitui um evento extraordinário na história do homem. Os anais da filosofia e da religião não apresentam exemplo de uma harmonia semelhante, pelos mares; de povos, costumes e línguas diferentes, sem a menor combinação prévia, no gozo de toda a independência, sem coação alguma, os cristãos e evangélicos apresentam ao público a doutrina da Sagrada Escritura, em forma de confissões, as quais, depois de lidas, parecem obra de um só autor, escritas no mesmo lugar e dia. Esse acordo, em todo o seu processo, manifesta o dedo do Céu e a conduta providencial de Deus. Tinham todos eles, na verdade, uma luz, a Palavra de Deus.⁹⁶

Para quem não conhece o sistema de vida dos crentes, é preciso que se diga: a democracia que se exercita nas igrejas é das coisas mais perfeitas praticadas pelo homem, que é sempre falho em tudo.

Diz-nos a Bíblia pela palavra do próprio Senhor Jesus: "Ficai nessa casa, comendo e bebendo do que eles tiverem; pois digno é o trabalhador do seu salário. Não andeis de casa em casa" (Lc 10.7).

Uma igreja evangélica não recebe subvenção do Estado, nem tem com o Estado qualquer negócio de que resulte dependência, pois, caso recebesse benefícios,

forçosamente se obrigaria a dar um retorno, o que a impediria de tomar as suas decisões com liberdade. No entanto, nunca falta dinheiro para fazer face às despesas com a construção e manutenção dos templos, com os salários do pastor e do zelador, e algumas igrejas grandes têm secretários, porteiros, regentes, todos dignamente remunerados. Também não cobra a realização de cerimónias religiosas de nenhum tipo, e ajuda os membros de sua grei quando se casam, enfeitando os templos etc. Nas igrejas evangélicas não se costuma fazer rifas, quermesses e pedir ajuda a pessoas estranhas em nenhuma situação. Outro fator de suma importância, desconhecido de muitos: nenhum membro de qualquer igreja evangélica chega ao ponto de miséria tal que necessite de ajuda do Estado para sua subsistência, como as campanhas sociais do tipo "Trinta Milhões de Famintos", "Campanha do Prato Cheio", que em bom momento foram suscitadas no Brasil. Nenhum crente vai depender dessas campanhas, não por orgulho, pois os evangélicos são dotados da humildade ensinada por Jesus, porém as igrejas sempre ajudam os seus filiados necessitados, e suprem com uma pensão as viúvas e os incapazes. Se as demais religiões fizessem o mesmo, não haveria famintos no Brasil e mesmo no mundo. Essa solução tão importante não é humana. Ela vem de Deus: "Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua descendência mendigar o pão" (Sl 37.25).

Onde, então, as igrejas conseguem dinheiro para fazer face a todas essas necessidades? Em primeiro lugar, a vida dos crentes é abençoada, porque são obedientes à Palavra do Senhor e recebem a sua ajuda; em segundo lugar, *há o dízimo*, que também foi instituído por Deus para solução de todas as dificuldades. Isso não significa que todos os crentes sejam dizimistas; o dízimo não é uma imposição da igreja, como nada na vida do cristão é imposto. Alguns crentes, no princípio, sentem dificuldade neste particular, mas, com a continuação do estudo da Bíblia, com o crescimento espiritual, eles percebem que tudo o que vem de Deus, de seus planos, é maravilhoso, "(...) todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus (...)" (Rm 8.28). Deve-se enfatizar, ainda, que o membro de uma igreja evangélica cedo entende que o amor de Jesus é contagiante, que com a sua ajuda muitos serão beneficiados, que o testemunho é arma importantíssima na comprovação das verdades bíblicas, além do que encontramos nas Escrituras: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós tal bênção, que dela vos advenha a maior abundância" (Ml 3.10).

Assim, podemos garantir, por experiências que nos foram transmitidas por cristãos genuínos, por pessoas com quem convivemos, cujas vidas foram transformadas, que são acontecimentos verdadeiramente miraculosos e impossíveis de acontecer sem a ajuda de Deus, pela sujeição em amor dos crentes uns com os outros, pelo excelente resultado na criação e educação dos filhos. Por tudo isso, podemos afirmar que não existe organização humana perfeita como a Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo.

21

A Convivência dos Evangélicos com os Católicos

Jesus, porém, ouvindo isso, respondeu: Não necessitam de médico os sãos, mas sim os enfermos.

Mateus 9.12

O relacionamento dos evangélicos com os católicos, no Brasil, é muito bom, a não ser nas localidades onde ainda predomina o desejo ardente de separação e isolamento, como acontece em lugares onde alguns padres continuam incutindo maldades e mentiras contra o povo de Deus. Aos católicos praticantes é proibido "a todos os cristãos pertencer a elas [igrejas evangélicas], assistir aos seus atos de culto ou as favorecer por qualquer modo".⁹⁷ Mas os evangélicos continuam firmes no seu propósito de explicar as verdades, a pureza do Evangelho ensinado por Jesus, respeitando sempre a liberdade de consciência de cada um. A obrigação que o membro das igrejas evangélicas se impõe é o cumprimento da determinação imperiosa: "Mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e ser-me-eis testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra" (At 1.8). E também: "Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15). Como se vê, Jesus mandou pregar o Evangelho a toda criatura, mas não mandou que se obrigasse ninguém a aceitá-lo. Fica-se muito feliz quando uma pessoa aceita, transforma a sua vida, acerta-a diante de Deus, conforme disse Paulo: "Pelo que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2Co 5.17).

É costume ouvir-se dizer o comentário de que "é por vaidade que os crentes dizem que têm a certeza da salvação de sua alma", mas quem não passou pela experiência não pode afirmar. É o Espírito Santo, da parte de Jesus, que converte a pessoa, e, de acordo com o último texto transcrito, a pessoa torna-se outra criatura e adquire essa certeza pela fé.

Em geral, os evangélicos visitam os templos católicos sem nenhuma restrição quando convidados por eles, em solenidades como casamentos, bodas etc. Isso não lhes traz qualquer inconveniente. Também não procuram afrontar ninguém, embora conhecedores de que o catolicismo não conduz ninguém aos pés de Jesus.

Um número muito grande de conversões está acontecendo todos os dias em todos os rincões do país. Há não muito tempo, na cidade de São Paulo, organizaram-se 20 igrejas de uma só denominação num só dia. Foi preciso que utilizassem para isso um grande estádio de futebol, tal o número de pessoas.

Em algumas cidades do interior os crentes ainda sofrem perseguições, como vêm acontecendo numa cidade na área do Triângulo Mineiro. Mas padres que hoje perseguem, amanhã se convertem e têm-se mostrado grandes líderes no trabalho de Deus.

O ex-padre Juan Batista Tréccani é sobrinho do falecido Papa Paulo VI. Nascido na Itália em 1933, aos dez anos ingressou no seminário, e aos quinze, o seu tio, naquela época arcebispo de Milão, mandou-o estudar filosofia em Roma. Foi ordenado

sacerdote em 1961 e mandado para a Argentina. As razões que o levaram a deixar o catolicismo romano foram as riquezas que se exibem de forma pecaminosa no Vaticano, onde o papa ostenta uma coroa de ouro de 15kg e é anunciado por trombetas do mesmo metal; além disso, nunca tivera a certeza de sua salvação como sacerdote romano. Na Argentina, um pastor índio falou-lhe de Marcos 16.16, que é necessário primeiro crer e depois ser batizado. Ele seguiu o ensino da Palavra de Deus e hoje é pastor na Patagônia, onde dirige cinco igrejas evangélicas pentecostais.

Um padre que conhecemos contou-nos que distribuía seus fiéis para recolher e queimar os folhetos evangélicos que se entregavam nos cemitérios em "dias de finados"; em outra ocasião, comandou a destruição de uma congregação evangélica, e recebeu os parabéns do bispo da diocese; esse mesmo bispo, farisaicamente, escreveu uma cartinha ao pastor "lamentando o ocorrido"; também foi procurado por uma crente pobre no Recife, membro de uma pequena congregação, que lhe pediu uma vaga para seu filho no orfanato católico. O padre exultou. Sabedor de que os crentes não fumam, para afastar em definitivo o menino do convívio dos seus, ensinou-lhe a fumar.

Como dissemos, muitos padres têm-se convertido. Recentemente, um jornal evangélico publicou interessante notícia, que passamos a transcrever:

Este padre se converteu durante a missa

Fato inédito rela tado pelo Pr. Nivaldo Lisboa Soares, ex-padre católico, durante a celebração da missa numa igreja da paróquia de Divino das Laranjeiras, MG, comprovando mais uma vez o poder do Evangelho para salvação de todo aquele que crê. O ex-padre, mineiro de Rio Pomba, MG, era professor universitário na UNIVALE, em Governador Valadares. Nascido em lar católico, tornou-se padre por livre opção, no desejo de fazer algum benefício à sociedade. Trabalhador e idealista, propôs a si mesmo ajudar a todos, e principalmente aos jovens, que tanto carecem. Dedicava-se a tudo com muito afinco, mas apesar disso sentia um profundo vazio em seu coração. Um dia entrou num templo presbiteriano e sentado no último banco ouviu uma palestra proferida pela esposa do pastor; depois, alguns crentes telefonavam instigando-o: "Padre Nivaldo, ligue a televisão no canal X. Há um programa evangélico muito bom." Certo dia, em 1987, o seu carro apresentou um defeito e ele o levou à oficina em Valadares. O mecânico, homem crente e simples, porém muito espiritual. Conversaram. O padre convidou-o a assistir à missa de domingo, recomendando-lhe: "(...) esse senhor for à minha igreja, leve a sua Bíblia de capa preta, que eu vou lhe dar a palavra para falar aos católicos no meio da missa; e quero que fale sobre o dízimo. Vocês crentes são craques no dízimo, portanto, fale sobre o dízimo porque eu estou precisando de dinheiro para as obras da igreja que eu estou construindo."

No domingo seguinte, à hora combinada, o crente adentrou a igreja com sua Bíblia surrada, de capa preta, na mão. O Padre Nivaldo, para dizer a verdade, se assustou, perguntando-lhe: "O senhor aqui?" E ele respondeu: "O senhor não me convidou? Eu estou aqui." Convidou o visitante a entrar e sentar-se. Disse-lhe que lhe daria a oportunidade prometida. A igreja estava lotada quando ele o chamou para subir ao púlpito. Passou-lhe o microfone e o humilde pregador abriu a sua Bíblia e pregou ousadamente sobre João 8.32: "e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." A respeito do dízimo falou bem pouco, mas, da salvação pela graça, por meio da fé em Jesus, comunicou poderosa mensagem, clara, bíblica e objetiva. Foi um autêntico mensageiro de Deus. Ao terminar a pregação fez o apelo:

— Quantos aqui presentes nesta missa crêem no Senhor Jesus de verdade, e querem aceitá-lo como Senhor e Salvador, fiquem de pé, levantem a mão direita para o

céu, e orem comigo. O padre levantou a mão e aceitou Jesus, e muitos fiéis com ele. Depois o pregador continuou:

— Todos os que aceitam Jesus como Salvador, venham à frente que eu vou orar por vocês.

O padre e mais de 200 católicos foram à frente, tomando a decisão ao lado de Jesus.

O ex-padre Nivaldo, a seguir, recebeu o batismo de imersão, conforme a Bíblia ensina, foi consagrado ao Ministério da Palavra e hoje é mais um grande obreiro, levando a salvação pela Palavra de Deus a todas as criaturas.⁹⁸

As igrejas evangélicas que vivem como ensina o Novo Testamento são livres, independentes, autónomas, soberanas em suas decisões, tomadas por voto dos seus filiados. Podem unir-se — e às vezes o fazem — em associações ou convenções que elegem diretorias, numa conjugação de esforços para missões locais, nacionais e internacionais no uso do dinheiro, do dízimo dos dízimos, com que elas contribuem para essa finalidade. É assim a vida dos crentes e das Igrejas do Novo Testamento. Elas são o corpo e Jesus é a cabeça das igrejas que ele mesmo criou (Colossenses 1.18).

APÊNDICE

Alguns Religiosos Que Deixaram o Hábito e se Tornaram Líderes Evangélicos

Adrian Cáceres — professor; doutor; ex-padre
Afonso Zimmerman — professor; ex-padre
Albino Peterson — ex-bispo
Anibal Pereira Reis — doutor; ex-padre
Antônio André Lino da Costa — ex-padre
Antônio Dias Maciel — ex-padre
Antônio Gonçalves Pires — doutor; ex-padre
Armando Herman Hegger — ex-padre
Armando Uchoa Cavalcante — ex-padre
Benito Alonso — ex-frade
Benigno Zúniga — ex-padre
Cármen Mota — ex-freira
Charles Chiniqy — ex-padre
Dimitri Kiritch — ex-frade
Emídio José Pinheiro — ex-padre
Francisco Benjamim Melito — ex-padre
Francisco da Cruz — ex-padre
Francisco Schulgen — ex-padre
Guilhermino Dias — ex-padre
Hippolyto de Oliveira Campos — ex-padre
João Ziler — ex-padre
Johan Joseph — ex-padre
John Zanon — ex-padre
José M. Rico Ávila — ex-padre
José Manuel da Conceição — ex-padre
José Manuel Leon — ex-padre
José Marcelino Nunes Araújo — ex-padre
José Tavares de Souza — doutor; ex-padre
Joseph Zachello — ex-padre
Juan Batista Tréccani — ex-padre (sobrinho do Papa Paulo VI)
Júlia Ourique de Melo Pires — ex-freira
Loide Rebelo — ex-soror Maria de Fátima
Luiz Nieto — ex-padre capelão
Luiz Pedrosa — ex-padre
Moacyr Jordão de Almeida — ex-frade
Nivaldo Lisboa Soares — ex-padre
Oscar de Oliveira — ex-padre
Rafael Gióia Martins — ex-padre
Rafael Hernandez — ex-padre
Ricardo Mayorga — ex-padre
Sandoval Rosa Paula — ex-padre
Valter Manuel Montano — ex-padre
Vitor Manuel Serrano — ex-padre
Vitor Miguel Cano — ex-padre

Referências Bibliográficas

1. CANTU, Césare. *História universal*. São Paulo: Ed. das Américas, 1959. v. 7, p. 448.
2. JANUS. *O papa e o concílio*. 3. ed. Trad. e introd. Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Elos, s.d. p. 34.
3. JANUS. *Op. c/í.*, p. 14.
4. FOLHA DA TARDE. São Paulo, 17 mar. 1994; *Daily News*. New York, June 18 1993. Transcr. *Folha Universal*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1993; *A Notícia*. Rio de Janeiro, 19 nov. 1993.
5. LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1973, p. 10.
6. WHITE, Ellen G. *O grande conflito*. 14. ed. São Paulo: Casa Publ. Brasileira, 1973, p. 40.
7. CANTU. *Op. cit.*, v. 7, p. 434.
8. LELLO UNIVERSAL. Porto: Lello & Irmão. v. 1, p. 632 (Verbete: *Constantino I.*)
9. CAMPOS, Hyppólyto de Oliveira. *Roma, sempre a mesma*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publ. Batista, 1957, p.61.
10. CANTU. *Op. cit.*, v. 7, p. 437. 11./b/d., v. 7, p. 212-213.
12. REIS, Anibal Pereira. *Cristo?Sim!!! Padre?Não!!!* São Paulo: Caminho de Damasco, 1966. p. 87.
13. CANTU. *Op. cit.*, v. 7, p. 443.
14. BÍBLIA Sagrada. Trad. Pe. A. R Figueiredo. São Paulo: Ed. das Américas, 1951. p. 225.
15. CARROLL, J. M. *Rastro de sangue*. São Paulo: Imp. Brasileira Brusco, s.d. p. 19-21.
16. *Ibid.*, p. 14. 17./b/d., p. 15.
18. JANUS. *Op. cit.*, p. 70.
19. BÍBLIA Sagrada. Trad. Figueiredo, p. 225.
20. JANUS. *Op. cit.*, p. 64-65.
21. CANTU. *Op. c/f.*, v. 7, p. 451.
22. CARROLL. *Op. cit.*, p. 21.
23. LELLO UNIVERSAL, p. 61. (Verbete: *Albigenses.*)
24. REIS, Anibal Pereira. *O papa escravizará os cristãos?* São Paulo: Caminho de Damasco, 1967. p. 76.
25. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 83.
26. CANTU. *Op. cit.*, v. 7, p. 210.
27. O GLOBO. Rio de Janeiro, 26 ago. 1987.
28. REIS, Anibal Pereira. *Essas Bíblias católicas!!!* São Paulo: Caminho de Damasco, 1971. p. 6.
29. CARROLL. *Op. cit.*, p. 21-22.
30. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 36.
31. REIS, Anibal Pereira. *A Senhora de Fátima, outro conto do vigário*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1969. p. 13.
32. *Ibid.*, p. 85.
33. *Ibid.*, p. 85, 86.
34. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 87.
35. *Ibid.*, p. 85.
36. *Ibid.*, p. 86.
37. BÍBLIA Sagrada. Trad. Figueiredo, p. 443.
38. WHITE. *Op. cit.*, p. 124.
39. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 44. 40./J5/d., p. 111.

41. *Ibid.*, p. 105.
42. JANUS. *Op. cit.*, p. 35.
43. REIS, Anibal Pereira. *O Vaticano e a Bíblia*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1969, p. 61.
44. CANTU. *Op. cit.*, v. 12, p. 361.
45. *Ibid.*, v. 12, p. 361.
46. CAMPOS. *Op. cit.*, 79.
47. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, 20 jul. 1974.
48. O GLOBO. Rio de Janeiro, 4 nov. 1975. 49.0 DIA. Rio de Janeiro, 12 dez. 1977. 50.0 DIA. Rio de Janeiro, 12 dez. 1984. 51.0 DIA. Rio de Janeiro, 5 jan. 1985.
52. O GLOBO. Rio de Janeiro, 13 mar. 1977.
53. O GLOBO. Rio de Janeiro, 12 mai. 1987.
54. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 61.
55. *Ibid.*, p. 64.
56. CANTU. *Op. cit.*, v. 12, p. 365.
- 14?
57. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 40.
58. FOLHA DA TARDE. São Paulo, 17 mar. 1994; *Daily News*. New York, June 18 1993. Transcr. *Folha Universal*. Rio de Janeiro, 27 jun. 1993; *A Notícia*. Rio de Janeiro, 19 nov. 1997.
59. O DIA. Rio de Janeiro, 15 ago. 1993.
60. CANTU. *Op. cit.*, v. 7, p. 217.
61. CAMPOS. *Op. cit.*, p. 169.
62. DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, abr. 1971.
63. O SANTUÁRIO DE APARECIDA. Aparecida, 24 nov. 1971.
64. REIS, Anibal Pereira. *Cristo? Sim!!! Padre? Não!!!*, p. 99.
65. *Ibid.*, p. 103.
66. BERNARD, José. *A Inquisição*. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 7.
67. FAYARD, Marcelo I. *Liberdade religiosa*. Trad. Antônio A. de Miranda. São Paulo: Casa Publ. Brasileira, s.d. p. 63.
68. *Ibid.*, p. 66.
69. HELLO, Henrique. *A verdade sobre a Inquisição*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1951. p. 23.
70. O GLOBO. Rio de Janeiro, 7 jul. 1979.
71. ALMEIDA, Abraão de. *A Reforma Protestante*. Rio de Janeiro: CPAD, 1983. p. 144.
72. *Ibid.*, p. 141.
73. REIS, Anibal Pereira. *O Vaticano e a Bíblia*, p. 62.
74. *Ibid.*, p. 63.
75. O DIA. Rio de Janeiro, 15 ago. 1993.
76. JANUS. *Op. cit.*, p. 29.
77. CANTU. *Op. cit.*, v. 12, p. 353.
78. JANUS. *Op. cit.*, p. 26, 442.
79. WHITE. *Op. cit.*, p. 679.
80. CANTU. *Op. cit.*, v. 12, p. 354.
81. MAYORGA, Ricardo. *A Vida da Papisa Joana*. 5. ed. São Paulo: Independente, 1960, p. 55.
82. *Ibid.*, v. 12, p. 361.
83. JANUS. *Op. cit.*, p. 385.
84. CANTU. *Op. cit.*, v. 12, p. 362.
85. *Ibid.*, v. 12, p. 363.
86. OLIVEIRA, Ernesto Luiz de *Roma, a Igreja e o Anticristo*, 2. ed. São Paulo: Casa Ed. Presbiteriana, s.d., p. 319; JANUS. *Op. cit.*, p. 207.
87. OLIVEIRA. *Op. cit.*, p. 320.
88. O ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo, 22 jan. 1994.

89. WHITE. *Op. cit.*, p. 87.
 90. *Ibid.*, p. 113.
 91. LELLO UNIVERSAL, v. 3, p. 122. (Verbete: *Lutem.*)
 92. FAYARD. *Op. cit.*, p. 88.
 93. O DIA. Rio de Janeiro, 26 fev. 1994.
 94. CARROLL. *Op. cit.*, p. 4; JANUS. *Op. cit.*, p. 266.
 95. CARROLL. *Op. cit.*, p. 4-5.
 96. OLIVEIRA. *Op. cit.*, p. 94-95.
 97. FRANCA, Leovigildo. *Manual da paróquia*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1959. p. 13.
 98.0 JORNAL BATISTA. Rio de Janeiro, 17 jan. 1993.

Bibliografia Complementar

- ANDERSON, Whitaker. *O Padre Chiniquy*. Trad. Waldemar W. Wey. São Paulo: Almenara, s.d. 61 p.
- 54 p. HOUTH, E. C. *Quem são eles?* Trad. A. Benoliver. 4. ed. Rio de Janeiro: JUEP 1977.
- LEITÃO, Edgar. *A verdade sobre Pedro*. Rio de Janeiro: Casa Publ. Batista, 1960. 62 p.
- LIMA FILHO, Laudelino de Oliveira. *Aos católicos romanos sinceros*. Rio de Janeiro: Ed. Evangélica Dois Irmãos, 1958. 94 p.
- MEZZABOTTA, Ernesto. *O Papa Negro*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. Espiritualista, s.d. 398 p.
- PEREIRA, José dos Reis. *Breve história dos batistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publ. Batista, 1979. 110 p.
- QUE NOS TRARÁ O FUTURO? 7. ed. São Paulo: Ed. Missionária A Verdade Presente, s.d. 174 p.
- 192 p. REIS, Anibal Pereira. *Pedro nunca foi papa!* São Paulo: Caminho de Damasco, 1975.
- _____ *A missa*. São Paulo: Caminho de Damasco, 1976. 210 p.
- RIBEIRO, Boanerges. *O padre protestante*. São Paulo: Casa Ed. Prés biteriana, 1950. 215 p.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Ed. das Américas, 1961. 462 p.
- TRIBBLE, H. W. *Nossas doutrinas*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. 102 p.
- ZWEIG, Stefan. *Obras completas*. Trad. Odilon Gallotti. v. 9. Rio de Janeiro: Delta, s.d. 306 p.

Obras do Autor

<i>A Santa Sé Como Pessoa de Direito Jurídico</i>	(estudo) 1974
<i>Vocabulário do Código de Processo Civil</i>	1. ^a edição 1978
<i>Manual de Prática Forense do Estagiário</i>	10. ^a edição 1978
<i>Crete Maçom? Essa Não!</i> (opúsculo)	1. ^a edição 1984
<i>Ilustrações Seleccionadas</i>	2. ^a edição 1985
<i>As Agruras de um Recruta</i> (romance)	2. ^a edição 1989
<i>Meu Caderno de Versos</i> (poesia)	1. ^a edição 1990
<i>As Histórias da História</i> (cartas)	(inédito) 1991

O Catolicismo Romano Através dos Tempos



Em O Catolicismo Romano Através dos Tempos — Uma Análise de Sua História e Doutrinas, Alcides Conejeiro Peres discorre sobre o catolicismo romano desde suas origens até a atualidade. Estruturado em capítulos curtos, cujas fontes são a Bíblia (sobretudo o Novo Testamento) e obras de indiscutível fidedignidade, como as do historiador católico Césare Cantu e as do ex-padre Anibal Pereira Reis, este livro explica por que o catolicismo é um sistema mais político do que religioso.

O Autor questiona os interesses que se ocultam por trás do cerceamento da verdade e expõe os aspectos da doutrina católica que desviam os fiéis do verdadeiro Caminho, impedindo a atuação do Espírito Santo e a consequente conversão das pessoas. Os cristãos autênticos, porém, jamais se desviam dos ensinamentos do Senhor. E tais ensinamentos estão registrados na Bíblia, o único Livro que nos revela como Deus criou o mundo e o homem, passando por sua queda no Éden, até chegar ao Elo de ligação entre Deus e o homem: o Senhor Jesus Cristo.

A finalidade desta obra é mostrar ao leitor interessado que o catolicismo está indicando aos seus fiéis um caminho que, por se ter distanciado da verdadeira doutrina cristã, de modo algum os conduzirá ao Paraíso.

Alcides Conejeiro Peres, ministro do evangelho, bacharel em Direito, membro honorário da Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras; da Academia Evangélica de Letras do Brasil; da International Academy of Letters of England. É também autor dos seguintes livros: *Vocabulário do Código Civil, Manual de Prática Forense e Orientação do Estagiário de Direito.*